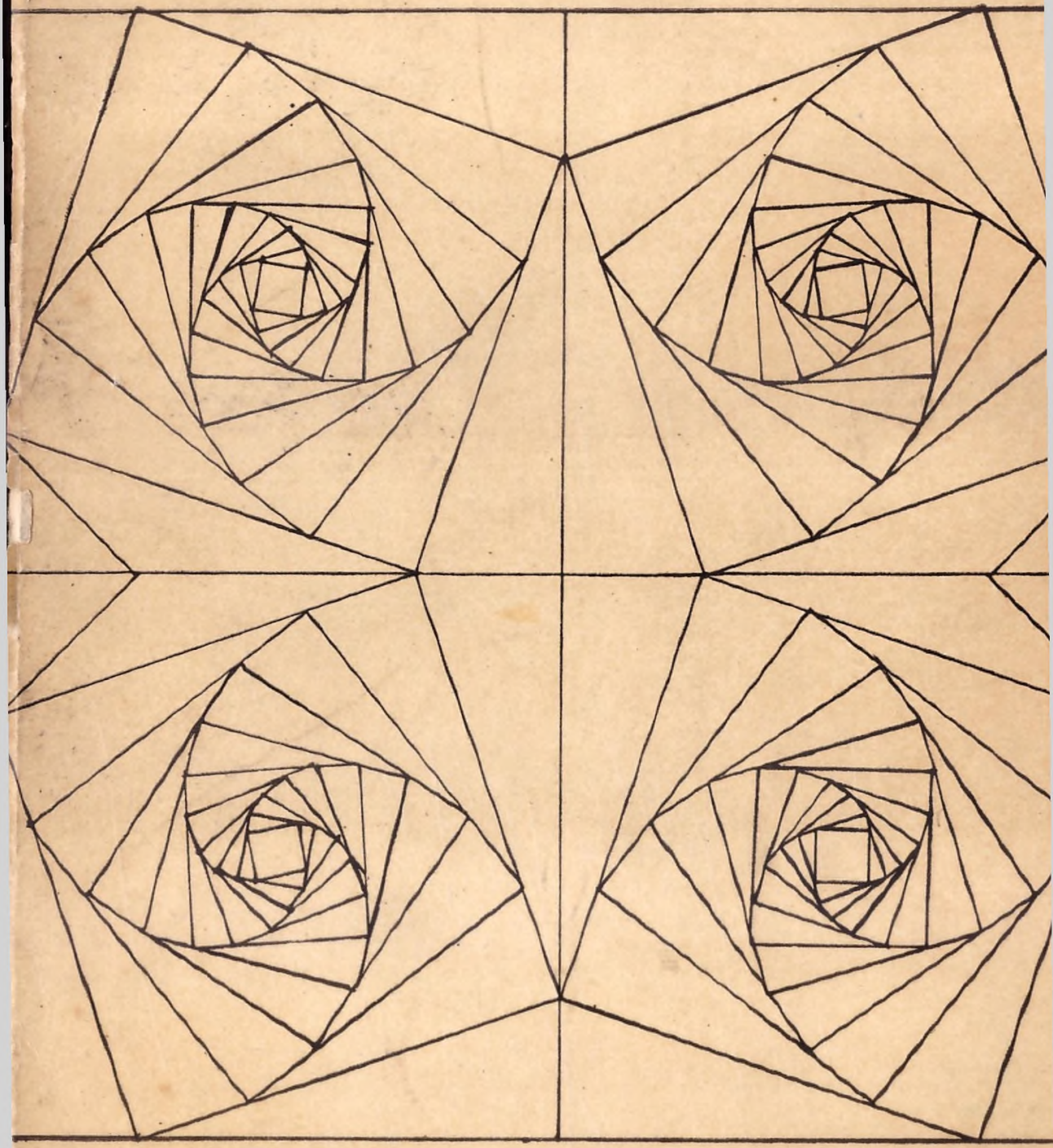
Gerardo Mello Mourão

Dossiê Da Destruição

grd

Gerardo Mello Mourão



CAPA: Atelier do Instituto de Arquitetura da Universidade Católica de Valparaíso, Chile, consoante risco de ARTURO BAEZA DONOSO

GERARDO MELLO MOURÃO

DOSSIÊ DA DESTRUIÇÃO

EDIÇÕES GRD

RIO DE JANEIRO

1966

OUTRAS OBRAS DO AUTOR:

CABO DAS TORMENTAS, poesia (edições do Atril, 1951, esg.)

TRÊS PAVANAS (edições GRD, 1963)

O PAÍS DOS MOURÕES (edições GRD, 1964)

O VALETE DE ESPADAS, romance (1ª edição, GRD, 1960, 2ª edição, GRD, 1965)

LIVRO BRANCO DE UM HOMEM DIANTE DOS CÃES, a sair.

OBRA TRADUZIDA

PIKBUBE ("O Valete de Espadas") Trad. alemã de Curt Meyer-Clason (com um estudo de Goffredo Iommi) Rowohlt Verlag, Hamburgo, 1963.

LE VALET DE PIQUE, trad. francesa de Wanda Penicaut e Violeta do Canto, édition Gallimard — Coleção "Du Monde entier" — Paris, 1966 — Edições iugoslavas e espanholas do Valete de Espadas — no prelo.

Reservados os direitos de tradução, reprodução e adaptação. *Copyright by* Gerardo Mello Mourão. Direitos de publicação do presente volume para o Brasil, Portugal e Colônias, reservados por A.G.R. DÓREA, rua Alcindo Guanabara, 25, conj. 404, Rio de Janeiro, GB.

a Nair Cruz de Oliveira,
presença inesquecível
contra a destruição.

"Percorre com teus pés estas completas ruínas: — o inimigo destruiu tudo no santuário.

Rugiam teus inimigos no logar de tua assembléia — e ali puzeram como troféus tuas bandeiras.

Pareciam aos que levantam o machado — no meio do cerrado bosque,

E até as portas as destruíram — com o machado e o martelo.

Puzeram fogo em teu santuário — e profanaram, arrasando-a, a morada de teu nome.

Diziam: destruamos a todos — incendiemos tôdas as sinagogas de Deus na terra.

Já não vemos sinais prodigiosos; — já não há profeta algum — nem ninguém entre nós que saiba até quando."

SALMO 74 — vv. 3 a 9.

"Destruam êste templo, e em tres dias eu o levantarei."

João — II — 19

I

Laura

Naquele tempo, andava Estêvão pelos doze anos. Aliás, nem sei porque começo com esta referência à sua idade, pois, como depois se ficou sabendo, trata-se de um dado precário e duvidoso, cuja exatidão ninguém, até hoje, conseguiu apurar. Sôbre a idade de Estêvão, não chega, mesmo, a haver um testemunho respeitável. A alusão aos seus doze anos, não encontrando a dar-lhe fé a palavra de um tabelião ou, pelo menos, as reminiscências de um parente ou de um vizinho, não constitui, sequer, uma informação. Trata-se, apenas, de uma opinião, e esta mesma exposta a uma série de contestações e controvérsias que não conheciam limite.

Havia, inclusive, os que sustentavam que êle ainda não era nascido e, pois, não tinha idade alguma, naquele tempo. Outros, menos radicais,

ora o situavam apenas recem-nascido, ora o queriam quarentão e experimentado, e até o descreviam com belos olhos melancólicos, que pareciam enamorados da própria bôca — uma bôca sábia, de lábios talhados para a madurez do silêncio e a madurez da palavra.

Circulava, também, a versão de que, naquele tempo, era morto. Esta, porém, parece a menos provável, pois, adolescente ou adulto, nascido ou por nascer, independente da idade apresentada ou aparentada, Estêvão incorporava-se como a vigência fundamental daqueles dias.

Mas já que a idade de Estêvão é apenas uma opinião, também esta, de sua morte ao tempo em que devera estar vivo, vai aqui fielmente referida, sòmente a bem do esfôrço e do aprêço na produção da verdade histórica.

Pois, o que é fora de dúvida é que Estêvão, como Joaquim e Sebastião e outros contemporâneos seus, é um personagem histórico.

Isto, de resto, pouco soma, pois, ao que parece, o fato de ser personagem histórico já deixou de ser um fato e não prova, sequer, a existência de alguém. Pois hoje, certos prestidigitadores da dialética, empenhados em provar que Deus não existe, sustentam não ser Êle senão um personagem histórico. Esta é, pelo menos, a posição do chamado materialismo histórico que, desta forma, por via de ser histórico, passa também a não existir.

Mas isto é outra história, pois o que é certo é que, com dialética ou sem ela, com idade ou sem idade, Estêvão existia naquele tempo que, êste sim, não teria existido sem sua presença e sem êle não seria mais que um poço de vácuo no calendário.

Nem por isso deixa de ser importante calcular ou imaginar a idade de Estêvão, embora esta seja uma tarefa destinada ao malôgro. Pior do que isto: é uma ocupação temerária, pois ocorre o risco de tomar-se o tempo como medida de Estêvão, quando êle é que crescia para medida do tempo.

É exatamente no crescimento de seu corpo, elegante e esgalgo, que se funda a hipótese de que tivesse doze anos, naquele tempo, pois é mais ou menos nesta idade que as pessoas crescem ao alcance dos olhos. Isto, porém, pode ser mera sugestão, e de tal forma graciosa, que não invalida nenhuma das outras hipóteses, especialmente a que o dá como um octogenário moribundo, de coração cansado e pele gasta.

Os almanaques contam a história de um obstinado alemão, que empregou seus dias e suas noites na incessante procura das provas da existência do reino dos céus. Ao fim da vida, suas caminhadas o levaram a um beco terminado em duas portas. Em cada uma delas havia uma placa. A primeira dizia:

PORTA DO CÉU.

E a outra anunciava:

HOJE, CONFERÊNCIA DO PROFESSOR SCHMIDT SÔBRE AS POSSIBILIDADES DE EXISTÊNCIA DO REINO DOS CÉUS.

O alemão entrou nesta segunda porta, no que fêz muito bem, pois sua ocupação não era entrar no reino dos céus, mas ponderar e mensurar os argumentos que provassem a existência dêle.

Infelizmente os almanaques são omissos em informações sôbre Estêvão. Infelizmente ou, talvez, felizmente, pois poderiam trazer mais teorias sôbre sua idade e sôbre seus gostos, nas quais nos perderíamos, baralhados e delirados, quando a única coisa que interessa em Estêvão é Estêvão mesmo.

Como os almanaques não falam dêle e os cronistas são omissos ou confusos — e mais confusos do que omissos — outra via não resta para conhecê-lo, senão a de seu próprio testemunho. E êste é inequívoco, dado que foi por êle com tôdas as suas veras. A tal ponto que, ao fim e ao cabo, não havia em Estêvão uma única de suas fôrças que não se tivesse consumido na ânsia e na construção dêsse testemunho, que lhe devorava os dias e as noites, a ocupação dos olhos e das mãos. Tão veemente foi o testemunho que de si mesmo proferiu, que, naquele tempo, nada mais restava dêle, a não ser o testemunho. Nem mesmo a hipótese de sua idade subsistia.

Daí, mais uma das teorias que se erigiram sôbre Estêvão e que chegou a ocupar as colunas dos jornais: a de que êle não existia, naquele tempo, nem com doze anos nem com idade alguma, não passando de um testemunho.

Sem embargo e sem arrepio à temeridade de uma afirmação, diante da violência de certos empedernidos negadores de sua existência, pode-se sustentar, com absoluta segurança, a presença de Estêvão nos acontecimentos daquele tempo.

Lamentàvelmente, a certeza desta presença não constitui uma prova, nem mesmo imperfeita, de sua existência. Desta lacuna se têm valido seus negadores, especialmente um certo Aliomar, cuja

conclusão sôbre a inexistência de Estêvão repousava em contundentes razões filosóficas, ou seja, a absoluta carência de lógica nos subsídios que o pretendiam vivo e existente.

Ora, acontece que, por mais que se respeite a solidez dos argumentos de Aliomar, êles trazem um indisfarçavel cheiro de sofisma, pois se a existência de Estêvão não pode ser provada, a prova de sua inexistência também resulta inviável. Nem Aliomar a podia experimentar, pois sua própria presença neste debate não se reveste de qualquer elemento lógico. Parece, mesmo, possível que Aliomar é que nunca tenha existido, embora eu haja suportado várias vêzes seu estéril discurso.

Quanto a mim, olho para tudo isso com certa desconfiança e tenho para essas retóricas o mesmo amargurado e imperceptível sorriso que tantas vêzes adivinhei riscar-se e arriscar-se de leve sôbre o rosto melancólico de Estêvão. Será, talvez, sôbre êsse sorriso que se funda a existência de Estêvão, ou, pelo menos, a consciência dela.

Fala-se muito de um austero doutor francês que, ao duvidar de seu próprio ser, se surpreendeu um dia pensando nele e tranquilizou-se com esta "trouvaille": — "penso, portanto sou".

Quanto a mim, não sei se êle pensava e não vejo em que possa o pensamento justificar a presença de um ser. De forma que o melhor é concluir que nada disso interessa e o que importa é a história de Estêvão, que devia andar pelos doze anos, naquele tempo. Pois Estêvão sorria e existia.

Naquele tempo, começaram a destruir a cidade. E ainda aqui, não se trata de uma informação, mas de um ponto-de-vista, um dos muitos que provocaram as terríveis disputas travadas sôbre o assunto.

Pois o caso é que, enquanto alguns sustentavam que, naquele tempo, se começara a destruir a cidade, já outros juravam o contrário: que, então, é que se começara a construí-la. Havia o partido dos que a davam por já destruída, há vários séculos e não naquele tempo, e a facção dos que a consideravam ainda por ser fundada.

Desenterraram-se velhos mapas, amarelos portulanos, consultaram-se cartógrafos, geógrafos, historiadores, bíblias reveladas, papéis de cartórios e chancelarias, mas tudo mais ou menos em vão. Nem sacerdotes, nem escrituras de terra ou batistérios de igreja, videntes e adivinhões — nada e ninguém lograva fornecer uma informação idônea.

O mais interessante, porém, é que ninguém se mantinha neutro diante da apaixonante controvérsia, em cujos têrmos se inseriam os destinos domésticos, econômicos e religiosos dos homens e das mulheres daquele tempo.

Em que pese às fortes razões dos que julgam provar que ela nem sequer existia naquele tempo, e até que não existira em tempo algum, o que é certo é que, naquele tempo, começaram a destruir a cidade.

É possível também o contrário: que tenham começado a construí-la naquele tempo. Talvez, de resto, as duas coisas estivessem sendo feitas no mesmo tempo, vale dizer, no mesmo ato, pois, afinal, a destruição de uma cidade bem pode ser a sua própria construção.

É de presumir que mesmo os operários, empenhados no emprêgo de picaretas, chibancas, martelos e pás, não soubessem, exatamente, se construiam ou destruiam a cidade. Na massa informe que se transportava nos carrinhos de mão, ninguém saberia ao certo estarem os escombros mortos ou o corpo vivo das estruturas.

O próprio Estêvão, para quem se imagina tenha ela sido inventada, naquele tempo, parecia perplexo. E na dúvida sôbre a construção ou a destruição, tomou um terceiro partido: recolher-se às entranhas da cidade.

Era uma sábia decisão: pois se fôsse o caso de estar sendo construída, caber-lhe-ia o privilégio de apalpar o milagre de seu fígado e, ao sabor de sua formosa mão, moldar-lhe o coração nascente. E, ao contrário, se ao ruído das ferramentas estivesse empreitada a destruição, no refúgio que escolhera, estaria a salvo dos desabamentos e do risco das demolições.

No último têrmo dessa cautelosa escolha argumentam-se os doze anos de Estêvão e com êles a teoria da destruição da cidade, naquele tempo. Pois a medida de segurança que vinha proteger a flor de sua adolescência, parecia ter a marca da prudência apurada de Godofredo, seu pai.

Esta é, na verdade, uma versão perigosa da história, pois a existência de Estêvão se limita ao testemunho em que êle se absorveu. E se êste testemunho não foi seu, mas ditado por Godofredo, então torna-se ainda mais problemática a existência de Estêvão, naquele tempo, quando êle não podia ser outra coisa, senão o seu próprio testemunho e quando êste testemunho não existia.

Isto, porém, pouco importa. O que ocupava aquêle ser inhuberante e denso, não era a necessidade de existir, mas a de testemunhar. E como não se pode cantar e assobiar ao mesmo tempo, Estêvão não existia. Testemunhava.

E é aí que as coisas se começam de complicar: se o testemunho em que se empenhou pode ser tomado como um estilo de existência — e talvez sua única prova — e se êsse testemunho não era dêle, mas de Godofredo, então tudo se agrava. Pois, assim, Estêvão não existia, ou, pelo menos, não existia sua própria existência, mas a de seu pai.

Contra os que tentaram negá-lo à raiz desta teoria, levantou-se, um dia, um famoso orador hebreu, apaixonado por seu Deus, e exclamou:

— "Já não vivo eu; êle é quem vive em mim".

De fato, apezar de ter desertado dela, ninguém poderá pôr em dúvida a existência de Paulo, da qual restam, ainda hoje, provas incontestáveis, como as cartas que escreveu a seu amigo Timóteo, aconselhando-o, afetuosamente, sôbre as coisas do espírito e também do corpo, com sábias recomendações sôbre o bom e moderado uso do azeite e do vinho. E fala-se, mesmo, de três fontes que jorraram do chão de Roma, nos tres logares onde saltou sua cabeça degolada.

É verdade que não há, pròpriamente, uma prova de que esta haja sido a origem daquelas fontes, mas o certo é que elas estão lá e só os indivíduos de imaginação apertada e coração escasso ficam a pedir prova de tudo e de todos. Pois, em geral, a prova, em vez de fixar a existência, consuma a destruição da coisa que se pretende provar.

Foi o que aconteceu com Matilde, por exemplo, que, pretendendo provar seu amor a um amante insensível, se matou por êle. Com isso, ao contrário de ver provada sua existência, deixou foi de existir aquêle amor.

A inexistência do amor de Matilde não é, porém, uma conclusão irrefragável, pois, embora não seja honesto negar a sua morte, a existência dessa rapariga resulta, afinal, extremamente duvidosa. Aliomar não acredita nela.

Lembro-me, é verdade, de ter contemplado seu rosto lívido, confundido entre pétalas de rosas, a mecha de uns fios de cabelos de ouro entre os cravos que enchiam o caixão de cedro. Não existia mais. De sua existência nada posso dizer, pois apenas consegui recolher a sobra de sua inexistência e o raconto de um amor infeliz no noticiário dos jornais. Mas quem vai dar crédito a essas notícias de jornal?

Bem pode ser que tudo não passe de uma fantasia ou de uma anedota trágica e Matilde talvez haja resolvido desaparecer por outros motivos ou, mesmo, sem motivo algum, sendo até possível que não haja dado qualquer passo neste sentido, colhida, antes, pela morte. E muito à revelia de seus desejos, como costuma acontecer à maioria das pessoas, que, em geral, não morre senão a contra-gôsto.

Mas nada disso interessa à verdadeira história de Estêvão, a quem, de resto, repugnavam êsses jogos de palavras e de quem, se alguma coisa se pode dizer com certeza, é que, por mais que se esforçasse, não conseguiu escolher sua própria vida nem sua própria morte. Estas é que o escolheram e êle lhes foi heròicamente fiel: viveu a sua vida e morreu a sua morte.

Naquele tempo, Estêvão começava a viver. Esta também é uma das muitas crenças que envolvem o seu nome e que está em frontal oposição ao que sustentavam outros contemporâneos, segundo os quais, exatamente naquele tempo, êle começara a morrer.

Êste conflito de opiniões é dos mais vantajosos à teoria de sua existência, pois, até que enfim, duas correntes antagônicas se põem de acôrdo num ponto, como se êle fosse inegável: proclamam ambas que Estêvão começava alguma coisa. A viver ou a morrer, mas começava.

Isto é também de grande valia para o conhecimento daquele tempo, o tempo de Estêvão: era um tempo de comêço.

Mas aí também caímos numa nova controvérsia: pois é possível que se tratasse do comêço do fim, o que já não é um comêço, mas o fim mesmo.

Nem se adianta nada com essa especulação, pois, ainda que viéssemos a ter certeza de que era o fim do tempo, restaria a contenda dos dois grupos: o que aguarda, neste passo, o acesso à eternidade, e o que aguarda o nada.

Além dêsses, há um terceira posição, que é a dos que não têm posição, isto é, dos que não aguardam. Com efeito, nem de todos se pode dizer que aguardem a eternidade ou o nada, pois há os que não aguardam coisa nenhuma. E êstes, não há dúvida, são a maioria, na qual, pode-se assegurar, não se incluía Estêvão. Pois êle aguardava e esperava.

Naquele tempo Helena conheceu Estêvão. Esta, também, não é uma informação indiscutível. Para ser rigorosamente exato, nem chega a ser uma informação. Será, quando muito, uma exegese, uma das muitas que se desenvolveram em tôrno da história de Estêvão.

Assim é que alguns juram que Helena não conheceu Estêvão naquele tempo, nem mesmo em tempo algum, enquanto outros, mais condescendentes, admitem que, embora ela não o tenha conhecido, Estêvão a conhecia profundamente.

Há mesmo quem sustente que êle a conhecia desde tempos imemoriais, apezar da opinião de certos grupos, para os quais êle não a teria encontrado naquele tempo, mas muitos anos depois.

Foi, inclusive, aventada a hipótese de que não houve, pròpriamente, um conhecimento, e que Helena apenas o viu, uma única vez, e isto mesmo no dia do seu entêrro.

Trata-se de um dado de maior importância, tanto mais que se turbam profundas dúvidas sôbre a data do entêrro de Estêvão, e até mesmo sôbre sua ocorrência, em face de certas tradições que davam seu cadáver como insepulto, para uns esmagado e perdido no campo de batalha, para outros exposto à podridão e aos abutres na altura de Capricórnio.

Outras versões o dão como desaparecido em inexplicável naufrágio, perto das ilhas Achinades, o que fica muito lírico e muito conveniente, pois Estêvão amava ternamente a Grécia e os mares da Grécia, pela qual desejou bater-se em crua guerra, como aquêle inglês romântico que fêz, do claro país de Apolo, sua musa, sua pátria e seu túmulo.

Mas como Lord Byron, que morreu prosàicamente das febres de Missolonghi, é possível que Estêvão não haja logrado a morte azul do mar da Grécia, naufragado mesmo — se o caso foi de naufrágio — num plácido lago suiço.

Esta, porém, é uma hipótese de minguada fé, pois um tipo como Estêvão não iria morrer na Suiça, espécie de entreposto turístico, onde as pessoas vão comer queijo, acertar o relógio e prolongar a vida inútil. Ninguém procura a Suiça para morrer, mas para adiar a morte, o que é uma forma de negar a vida. Estêvão não morreu na Suiça.

Muita gente nem acredita em sua morte, alimentando-se da idéia de que ela não se consumou, ou, pelo menos, não é irreversível.

Não são poucos os que aguardam o privilégio de assistir a uma segunda morte de Estêvão, certos de que a morte, como a vida, se repete.

Com fundamento numa espécie de exacerbação desta teoria, chegou a ser fundada uma sociedade secreta de indivíduos que afirmam que Estêvão vive e morre todos os dias. Verificou-se, até, tempos atrás, uma cisão nessa sociedade, que se constituiu em duas alas: a dos que se reuniam em tôrno desta morte diária, para chorá-la amorosamente, e a dos que, com voluptuoso prazer, nela se cevavam e deliciavam. Entre êstes, alguns não hesitavam mesmo diante do golpe que provocava essa morte. Porque, afinal, no baralho dos partidos que se formaram em tôrno de Estêvão, havia uma linha divisória fundamental: de um lado eram os que o odiavam, de outro os que o amavam. Pois Estêvão era amado e odiado. E Helena amava Estêvão.

O amor de Helena, que foi, sem dúvida, uma das causas mestras da história de Estêvão e de todos os episódios dramáticos que a compõem, erige-se, igualmente, como o rastro mais certo e mais pungente de sua existência e da apaixonada prática em que se envolveram os dois. Os astres e desastres que lhes iluminam e ensombram o destino, estão sempre conjugados às peripécias dêsse amor, que não poderia ser tão intenso e virtual se os dois não se conhecessem.

Daí, a teoria de que Estêvão e Helena se conheciam — má non troppo — ou melhor, se conheciam, mas nem sempre. Naquele tempo, porém, Helena e Estêvão se conheciam e se amavam, quando êle andava pela altura dos doze anos e quando começaram a destruir a cidade.

Ninguém sabia ao certo de quem partira a ordem, de onde e de quando fôra datada, nem mesmo quem a divulgara. O fato é que começaram a destruir a cidade, e a decisão, neste sentido, parecia implacável.

Godofredo não sabia exatamente quando nem como se dera conta dos acontecimentos. Nem se ocupava muito com isso, pois, no fundo, mais do que a notícia, o que lhe chegou, naquele tempo, foi a convicção de que tudo ia ser destruído.

Olhou, com certa apreensão, para a formosa cabeça que se erguia sôbre os ombros de seu filho. E a idade e a graça de seus doze anos respondiam à alegria pungente de uma rosa. Godofredo estremeceu: até quando em seu caule esta corola e que tacões lhe iriam pisar o veludo da pétala?

Nasce a flor para o fruto e à pupila do pai é que cumpria lavar com sua luz o verdor dos doze anos em que andava Estêvão e macerar e aquecer a polpa do tempo de madurar.

De súbito, todo o seu ser foi preocupado pela idéia do desaparecimento do filho entre ruínas. A tal ponto, que já não cabia nele outra coisa senão o terror da perdição de Estêvão. E era tão poderoso êste terror e tão profunda a ficção e tão lúcida a previsão daquela perda, que seus olhos não o atendiam mais. Não o serviam mais: o menino já parecia desaparecido. Então, todo o seu corpo e sua alma, acudidos e sacudidos à garganta, desataram um grito:

— Onde está Estêvão, onde está meu filho?

— Aqui, ao teu lado, em nossa casa.

E levantou os olhos para fitá-lo no rosto e o encontrou crescido à grandeza de sua dor. E parecia intangível, cercado por sua poderosa aflição. Estêvão baixou a cabeça para concluir e emendou sua resposta:

— Aqui, em *tua* casa.

À menção de sua casa, transfigurou-se Godofredo. E na beleza viril de seu corpo, macho e grande no meio da sala, ergueu os braços, disposto a suportar um mundo prestes a desabar sôbre sua testa.

As paredes, as esquadrias, o teto com suas traves, o assoalho com suas táboas, os alísares de páu-d'arco, as aduelas de gonçalo-alves, as portas, as aldrabas, os tijolos que assentara, um a um a fio de prumo, a pedra, a cal, a madeira que sua mão talhara — tudo parecia fitá-lo, a implorar sua proteção.

Atravessou a grande porta, voltou-se e ergueu os olhos para o arco sereno em que a pedra lavrada coroava o frontal sob a rosácea de granito.

Era a sua casa e êle a reconheceu. E tornou aos seus olhos a tarde de janeiro em que a concebera, a portada curva incorporada de um sentimento de amor e traçada à luz da primavera, consoante o risco de um seio de mulher. A fachada cantava. Já não o canto claro em que a linha harmoniosa repetia o ritmo das talhadeiras de aço na cantaria morena, quando o arco lembrava quadril de rapariga em sol de agôsto, em lua de setembro, pois todos os mêses e todas as estações se sugeriam na pedra acolhedora. Mas de seu talhe agora o que vinha era um canto de agonia. Godofredo o interrompeu com uma exclamação de revolta e de pavor:

— Vão destruir minha casa!

— Vão destruir tôdas as casas — bradou Estêvão, que acorreu ao grito do pai e cujos olhos viam aproximar-se, em estranha procissão, de picareta ao ombro, os operários que iam começar a destruir a cidade.

Pois, naquele tempo, começaram a destruir a cidade.

As crônicas — é certo — não estabelecem tenha sido naquele tempo o início da destruição da cidade. Para ser exato, as crônicas, em geral, ignoram o acontecimento e, o que é mais espantoso, ignoram a própria cidade. Isto, porém, de forma alguma, pode alterar as coisas, pois, se a cidade não houvesse existido, muito menos existiriam as crônicas, que se pretendem erigidas sôbre o espaço e as criaturas daquele tempo.

Por mim, a não acreditar na cidade, prefiro não acreditar nas crônicas. E melhor do que elas hão de falar as suposições e as dúvidas, em que o jôgo incerto das palavras refletiria a lucidez do velho grego, chegado à suprema claridade momentos antes de ter os olhos apagados e a língua entorpecida pela cicuta. Pois êsse jôgo de palavras bem pode ser o jôgo natural do silêncio dos infernos, ou o capricho de algum retórico do outro mundo, a quem servimos de títeres. O que não é pouco, para nós, desde que nisso, rigorosamente, consiste a imortalidade.

Ora, muito mais importante há de ser — mesmo para os que não creem nela — viver hóspede da imortalidade, que inquilino das crônicas.

Nisto, de resto, se planta a confiança dos que sustentam que a cidade não foi destruida naquele tempo, nem o será em tempo algum, e que a emprêsa de sua destruição, poderosa que tenha sido, resultou frustrada e até ridícula.

Nem se pense que é nova a controvérsia em torno da destruição da cidade. Já naquele tempo, ela era generalizada, e se não teve consequências mais trágicas, é porque, afinal, as pessoas não pareciam muito seguras dos pontos-de-vista que defendiam. Ninguém estava plenamente certo sôbre o sentido real dos acontecimentos e mesmo os que denunciavam, em praça pública, a destruição da cidade, eram vistos, às vezes, à capucha da noite, consultando um amigo também perplexo: — estariam construindo ou destruindo a cidade?

Os operários, interpelados, sacudiam os ombros sem resposta e prosseguiam, furiosamente, em

sua tarefa: nenhum dêles sabia ao que estava empreitado, se para destruir ou para construir. Mais do que isto: eram incapazes de identificar como e por quem haviam sido empreitados.

Ao que parece, no meio da perplexidade geral, só Godofredo se deu conta do que realmente estava acontecendo. Êle construira a sua casa, e sabia, por isto mesmo, distinguir o gesto de construir e o movimento de destruir. Sabia, com mera ciência de criador, o caminho do cáos e o caminho da estrutura. Ninguém, entre os operários, meneava o pulso com sua graça e sua fôrça exata. Nem ponderava ou mensurava, em olhos sábios, pêso e volume, dimensão e côr, como êle o fizera, até lograr aquela fachada, que saíra de suas mãos pássaro eterno, cristal melodioso.

Voltou os olhos para o alto — não sabia por que para o alto, mas foi assim que lhe ocorreu — como se buscasse, nos espaços infinitos, alguém, mais poderoso do que êle e que, como êle, um dia, em seu pedaço de chão, ordenasse, mas na cidade inteira, o cáos em que ela começava a manchar-se e desmanchar-se.

Êle aprendera como isto se faz. Pois era sabedor do movimento e da postura, da mestria de compor e decompor, de eleger e confundir o sêco e o úmido, a pedra e a massa, a água e o barro, o duro e o mole, o claro e o escuro, o pesado e o leve, o acidente e a substância, o severo e o suave, o calor e o frio, a noite e a manhã, o perto e o longe, o velho e o nôvo, dezembro e maio.

Pelo amor e pela sabedoria com que construiu sua casa e também pela sensibilidade com que percebeu a destruição da cidade, há quem atribua a Go-

dofredo a profissão de arquiteto. Já outros sustentam tenha êle sido sacerdote, embora não consigam identificar a que religião pertenceria.

Mas é provável que nenhuma dessas haja sido sua profissão e, mesmo, que não tenha exercido profissão alguma. Não se deve, porém, ser muito radical a êste respeito, pois, ao que parece, dedicou-se, como ninguém, a uma profissão terrível e devoradora, que poucos homens têm coragem de nela se empregar: a profissão de pai, em cujo exercício, via de regra, só se encontram diletantes e interinos.

Além dos que sustentam não ser isto, propriamente, uma profissão, há os outros, que a tomam como tal, para garantir que Godofredo nunca logrou aprimorar-se nela e mesmo que não chegou a exercê-la. E esta é uma opinião respeitável, especialmente se levarmos em conta que êle não a terá praticado senão escassamente, devorado que foi por ela.

Tão devorado, que não é fora de propósito admitir se tenha êle consumido desde os primeiros dias da existência de Estêvão e, assim, já não vivesse mais naquele tempo, quando começaram a destruir a cidade.

Isto, aliás, pouco importa, pois o que é certo é que êle não se extinguira, nem mesmo se ausentara dos acontecimentos daquele tempo, presente na criação da casa feita por suas mãos, e espantada de seu rosto a morte pelos doze anos em que andava Estêvão. E ainda que a morte o houvesse, antes, sequestrado, alí continuava êle, crescendo e bulindo na idade de Estêvão. Pois em Estêvão se figurava a ressurreição de Godofredo.

Desta forma, é possível que Godofredo não existisse naquele tempo, não se podendo, inclusive, provar que houvesse existido em tempo algum. Por isto mesmo, esta não é sua história, mas a história de Estêvão.

Seria grave êrro, porém, omitir-se aqui o nome de Godofredo e tudo quanto sôbre êle se conhece, dada a importância dos sinais com que se manifestara naquele tempo. Pois Godofredo tinha uma casa e um filho. E uma casa e um filho parecem ser as duas mais copiosas e decisivas realidades da existência humana. A tal ponto, que o Mártir não encontrava melhor título para enobrecer a espécie, que aquele que a si mesmo se dava: o Filho do Homem. Do mesmo passo como não descobria amargura maior em sua indigência, que a de não ter uma casa onde reclinar a cabeça, quando até as aves do céu têm seus ninhos e os bichos do mato seus covis.

Mais do que isto: uma casa e um filho são matéria, substância de amor. Nutre-se o macho de sua fêmea e a fêmea de seu macho.

Houve um homem a quem se cortou do torax uma costela para inventar sua fêmea. Houve outro que assou a mão numa lamparina, para provar a firmeza de seu amor. Trata-se do mesmo indivíduo que, para ser gentil à amante a quem nada tinha que dar e que lhe pedia a orelha para uma carícia, amputou-a com uma navalha e lhe pôs na mão a dádiva sangrenta.

Certas pessoas se comovem, outras se horrorizam com essas histórias. O certo é que Godofredo, mais do que a orelha e a costela, dera a uma fêmea o ritmo de sua mão e a beleza de seus olhos, mais o sumo de suas entranhas. E ela, do viço de seu

ventre arredondou-lhe o fruto de seu filho. Pois Godofredo tinha mulher e para ela construiu sua casa e dela houve seu filho.

Uma casa. É a mais alta homenagem do amor e é a primeira que os próprios deuses reclamam dos homens por quem desejam ser amados. De forma que Godofredo tinha mulher, do contrário sua existência teria sido em vão, na efêmera brevidade espoliada a duração do ser. E porque tinha mulher, fizera a casa. Posseiro de sesmaria de amor, subtraíra um alqueire à superfície do planeta e neste alqueire de alcova e de volúpia fundara sua criação.

Não teria criado nada sem ela e, pois, sem ela não teria restado sequer um sinal de sua existência. Não teria existido.

Há mesmo quem sustente que Godofredo não existiu e que sua própria obra não lhe pode ser atribuída. Resultara de Laura, em cujo ventre se fêz a conceição de Estêvão, como da graça de suas linhas e do meneio de seu porte se riscaram os planos da casa que a continha.

Trata-se de uma opinião muito respeitável, afinada com a do próprio Deus, segundo cujo entendimento não suportaria Adão a existência e, pois, não existiria sem a companhia de Eva.

Sem Laura, também não se teria suportado a existência de Godofredo que, assim, apascentado de amor, pôde guardar a lágrima nos olhos e o sorriso nos dentes. Pois o homem ri e chora de amor e Godofredo chorava e ria ao olhar de Laura.

Pouca coisa se sabe de Laura, e entre o pouco que se sabe não está a certeza de que vivesse naque-

le tempo, quando começaram a destruir a cidade. Mas o que é fora de dúvida é que, sem ela, seria impossível qualquer tentativa de reconstituir a história da cidade e de Estêvão.

Isto vem, aliás, fortalecer a teoria dos que sustentam que nem Estêvão nem a cidade, mas apenas Laura existia naquele tempo.

Pouco importa, porém, investigar qual dêles morreu primeiro: Godofredo, Laura, Estêvão ou Helena.

Pois aí está a história de Egídio e Ruth, a quem conheci muito bem, frequentando-lhes assìduamente a casa e acompanhando o trauteio de suas valsas ao piano no velho palacete rococó. Um dia levaram Ruth, que parecia ligeiramente morta, num caixão de prata lavrada, e o depositaram, com seu corpo dentro, num túmulo de mármore trazido da Itália em navio da "Navigazione Generale".

Durante tôda a vida, Ruth compunha músicas e Egídio, à fôrça de amá-la ou de ouví-la, descobriu-lhe, na cromática das escalas de cançonetas meio ingênuas, meio pretenciosas, a melodia de um gênio. A tal ponto, que, depois de algum tempo, nem suas mãos tocavam nem seus olhos enxergavam mais o rosto de Ruth. Apenas seus ouvidos a escutavam. De forma que, para o seu coração e o seu entendimento, nada mais restava dela, senão aquela incessante sucessão de solfejos.

Ruth não existia mais: existia apenas a sua música. E à glória desta música reduzira Egídio sua própria existência.

Por isso, no dia em que a levaram para o cemitério, êle sorriu, diante da ignorância dos parentes e amigos que a julgavam morta. E sempre que precisava dela — o que acontecia a tôdas

as horas — sentava-se ao velho piano marchetado do canto do salão e enchia o ar com o trauteio de uma das suas cançonetas. A tal extremo chegou a paixão de Egídio, que êle, para que nenhum outro rumor lhe tumultuasse a música sagrada, alcançou o privilégio de perder o sentido da audição. Estava completamente surdo, nos últimos anos. Mas continuava tocando o piano, dia e noite. Não precisava mais de ouvidos, para escutar a melodia. Quando seus dedos se cansavam feridos de ferir as teclas do antigo e excelente piano alemão, levava à vitrola os discos que fizera gravar. E mais de uma pessoa se espantou ao vê-lo, em plena surdez, interromper uma ária e observar, no ponto exato:

— Ouça o colorido desta frase agora.

E acompanhava, nota à nota, a rotação do disco na vitrola:

— tra-la-ri-la-ra-ri-la-ri-la-ra...

O certo é que, a não ser um ou outro amigo caridoso e condescendente, ninguém mais ouve a música de Ruth. Nem mesmo Egídio, pois está surdo. E justamente porque ninguém a ouve, há quem sustente que a música de Ruth não existe mais — o que é uma opinião menos agressiva que a de certos negadores extremados e cruéis, como Júlio e Leopoldo, para os quais ela não existiu em tempo algum.

Quanto a mim, prefiro acreditar no testemunho de Egídio, pois, não existissem aquelas pobres melodias, nem Ruth existiria. E diante daquele salão de gobelins e cadeiras antigas, à crua luz de lustres esplendorosos, os quadros, os móveis, o teto, as paredes e o piso de táboas, enfeitiçados e assom-

brados de sons, ninguém ousaria negar a suspeita da presença de Ruth e sua música. Depois, Egídio estava alí, com sua presença e seu testemunho.

É verdade que as coisas se tornam um pouco confusas, diante de certas dúvidas sôbre a existência de Egídio, e pelas quais êle é, de resto, o verdadeiro responsável. Pois costumava dizer:

— Minha vida e meu nome desapareceram diante da glória de Ruth. Nada sobra de mim, senão o testemunho desta glória.

Ora, como a glória de Ruth é muito problemática, a existência de Egídio parece tornar-se, para certos cronistas, cada dia mais duvidosa, apezar dos demorados telefonemas em que com êle se entretinha uma de minhas inteligentes amigas, a jovem e formosa mãe de Luciana. Mas isto também não prova nada, pois Edna — assim se chamava minha amiga, naquele tempo — jamais tivera outro contato com Egídio, senão êsses, através do telefone em que lhe ouvia a voz sonhadora. De forma que é possível que êle não existisse mais, nada restando do que fôra — se é que fôra — senão aquela voz, docemente modulada às pobres músicas de Ruth.

Não é isto, porém, o que importa a esta história, onde Egídio, Ruth e sua música se inseriram apenas para sugerir a irrelevância da ordem cronológica na morte de Godofredo, Laura, Estêvão e Helena.

Pois, pelo visto, tanto é possível haja Ruth morrido no dia em que a levaram ao cemitério, em seu caixão de prata lavrada, e onde dormia no túmulo de mármore trazido da Itália em navio da "Navigazione Generale", como é provável que,

devorado por ela, há muito tempo Egídio estivesse morto.

Eu mesmo conheci um simpático diplomata espanhol que, defunto há sete anos, não lograva arredar-se do convívio dos amigos, e costumava saír comigo e com Tomás, à noite, às vêzes com Emanuel, para um copo de vinho e uma sopa de tartaruga.

O caso de Manolo, porém, não oferece maior semelhança com o de Godofredo. Pois o andaluz já não vivia, à época em que saía comigo à noite e à rua, nada mais tendo a ver com o tempo, segundo a observação que me fazia Francisco.

Já com o pai de Estêvão ocorre o contrário: existia e estava profundamente alojado naquele tempo, quando começaram a destruir a cidade.

Naquele tempo, começaram a falar da morte de Laura. Muitos pretendem que ela tenha morrido no dia em que começaram a destruir a cidade. Outros insistem em que ela morreu por causa da destruição, abatida pelo mesmo golpe que esmagou a cidade, pulsada e parada ao ritmo de seu coração. Mas não são poucos os que divergem, explicando que a cidade foi destruída exatamente por causa da morte de Laura.

Embora não se encontre, ainda aqui, uma informação histórica, trata-se de uma hipótese montada sôbre antecedentes rigorosamente documentados nas crônicas. Pois também Sodoma e Gomorra foram destruídas, porque delas se aboliu a mulher — consoante a lúcida exegese de um poeta das Alagôas.

Quanto a mim, estou de pleno acordo em que, se Laura foi abolida, não havia mais razão para que se mantivesse a cidade. Pois a cidade fôra imaginada para conter a casa de Godofredo. E a casa de Godofredo fôra erguida por amor de Laura.

Parece, assim, óbvio que, se a razão da casa deixou de existir, não há justificação para que ela continuasse de pé. Nem ela nem a cidade que a seu contôrno se justificava.

É verdade que alguns exuberantes arquitetos, de resto muito refinados, pensam de forma oposta. Sei de dois dêles que, acumpliciados os lápis a um estadista também exuberante e delirado, construíram uma cidade num deserto. Pois juntaram-se os dois arquitetos, e um dêles riscou a cidade, para que, sôbre sua planta, riscasse o outro as casas. E aí começou o equívoco a funcionar. Primeiro, se haviam de fazer as casas e só depois, e por causa delas, a cidade. Pois se as cidade existem, é porque existem casas e estas é que hão de ser primeiro concebidas. Nem se concebe um rebanho, antes de conceber-se um carneiro. Daí não posso ver outra solução para aqueles dois arquitetos, inclusive porque, tanto um como o outro são mestres no melhor de sua arte, senão o suicídio. O escarmento de seus corpos pendurados aos postes seria muito mais útil que as lâmpadas que iluminam aquêles enormes edifícios perfeitos, mas que parecem perdidos, buscando, inùtilmente, o sítio em que se situem no espaço e no tempo. Talvez a imolação daqueles dois mestres os redimisse, convencidos, afinal, de que estavam destruindo o que pensavam construir. Pois o que construiram não passa de um presídio —

suntuoso e belo, mas presídio. Isto é, o contrário de uma cidade, que é a própria vigência e ordenação da liberdade dos homens no tempo e no espaço.

Tudo isso, porém, pode ser mera retórica e o que importa é a morte de Laura. Pois, naquele tempo, começaram a falar da morte de Laura.

Mas há também os que não datam naquele tempo a morte de Laura e se recusam, mesmo, a admití-la em qualquer outro tempo, aceitando, no máximo, aquela teoria já muito difundida sobre Estêvão e Godofredo, segundo a qual a vida e a morte se repetiam, incessantemente, também em Laura. A morte e a ressurreição se ocupavam dela, frequentemente, e daí, por certo, aquela espantosa beleza que os ignorantes e os não-iniciados em seu corpo não logravam contemplar, mas que embriagava, nas noites de volúpia, todo o amor, toda a refinada sabedoria erótica de Godofredo.

Vinha de dentro dela, como um sôpro de dentro de uma flauta, de sua fôrma a forma de sua beleza. E por isso era sempre igual e sempre diversa. Cambiava, como a flor e a crisálida, conforme a umidade do ar, a luz, o tom do céu, os signos do zodíaco, as estações do ano, os números do calendário ou a consistência e a côr dos cheirosos lençóis de sua cama.

E mais ainda: pois assumia linhas, ritmos e tonalidades na véspera inexistentes, conforme a melodia interior que tangesse, na hora, em Godofredo, a pauta de sua memória e de sua inspiração. Como uma ária musical, a mesma em sua clave, e que sôa, diversa, ao piano, ao violão à flauta ou ao fagote.

Pois Godofredo, às vêzes, acordava piano, às vêzes, flauta. E ao piano e à flauta respondia Laura. Não saturava a sua volúpia. Não fatigava. E quando êle, exaurido e sem fôrças, depois dos exercícios do amor, adernava em sua beira de cama, não era dela que estava cansado. Era de si mesmo.

Na verdade, Godofredo, talvez de tanto debruçar-se sôbre a própria memória, vivia sempre um pouco fatigado de si mesmo.

— Eu me canso muito — costumava dizer, naquele tempo. E estava certo: era êle mesmo o sujeito e objeto de seu cansaço.

De forma que só Laura o repousava. Só ela possuía a chave encantada de abrir as portas de estâncias deliciosas e serenas de seu ser. E só nessas estâncias Godofredo não se cansava de si, e, não se cansando, tinha tempo de se conhecer e de se amar.

Pois Godofredo se comprazia no aprendizado de conhecer-se e amar-se e nenhum espêlho lhe respondia tanto de seu rosto, como a sombra ou o sorriso que doloriam ou alegravam os belos olhos de Laura. Queria conhecer-se e amar-se, por isto amava Laura.

Muitas pessoas ousaram levantar dúvidas sôbre o amor de Godofredo e Laura. A suspeita procedia das estranhas visitas a que êle se dedicava, a ponto de tornar-se frequentador quase habitual de certos lugares inconfessáveis, especialmente a alcova de uma rapariga que o banhava, diàriamente, com seus olhos verdes e deixava escorrer sôbre seu corpo nu a líquida beleza de seus vinte anos. De

forma que não era raro rescender a pele de Godofredo ao perfume em que a apaixonada rapariga guardava seus redondos seios de rosa, sua nuca loura, seus cabelos fragrantes e, sobretudo, os fios de ouro da seda de seu pêssego.

Pois Godofredo se deitava em muitas camas. Quando lhe falavam disso, Laura ouvia e sorria. No fundo, ela imaginava que os mesmos rumores se podiam cochichar a seu respeito.

Costumava caminhar ao longo da noite. Muitas outras faziam o mesmo. Encostada à parede de uma esquina escura esperava um homem.

Parou. Trocaram a senha milenar, ajustaram o preço e partiram juntos. Entraram cautelosos na casa silenciosa e, no pudor da escuridão da alcova, despiram-se, deitaram-se e praticaram o amor. E tanto êle como ela descobriam, naquela noite, cada um em si, nova sabedoria e novas riquezas, até então desconhecidas, na enternecida e apaixonada entrega. Levantaram-se, exauridos e repletos e ela acendeu, de surpresa, a luz da cabeceira, para guardar nos olhos o rosto do amor que experimentara.

— Marilena! Lúcia Isabella!

E numa sonora risada de alegria se enlaçaram e se amaram de nôvo. Pois eram, como sempre, Laura e Godofredo.

E acontecia, assim, tôdas as vêzes. E ela era múltipla e única e foi um espanto jubiloso descobrir que a que dançava adolescente, no meio das outras, com o umbigo de fora, a escolhida da madrugada do Tanny's Bar, era ela. E um dia, de seu sexo castanho subiu a côr aos olhos e aos cabelos. E a de pupila verde desmanchou-se no seu doce sor-

riso, sacudindo os seios já morenos. E era Laura, Laura, sempre Laura. E era a fragrância de suas virilhas que se derramava sôbre o corpo de Godofredo.

E quanto mais se surpreendiam, mais se conheciam e se amavam.

O amor sustentava as paredes daquela casa e ao seu sôpro balouçava e floria em sua haste, naquele tempo, a graça dos doze anos em que andava Estêvão.

Por isso o terror os colheu juntos e o mesmo grito partiu da bôca de Estêvão, de Helena e de Laura, quando Godofredo exclamou, pela terceira vez:

— Vão destruir minha casa! Vão destruir a cidade!

E de fato, parece que, naquele tempo, começaram a destruir a cidade.

II

A Festa

Naquele tempo, surpreendeu-se Estêvão no meio da festa. Aliás, talvez não seja exato dizer isto, porque, segundo informações bastante aceitáveis, nem o próprio Estêvão se teria dado conta do momento justo em que se surpreendeu. E aqui vale o testemunho de Tomás, para quem o paradoxo de sua lucidez espantada diante de uma invencível perplexidade, denunciava um estado de permanente surpresa em todos os momentos de sua existência de que temos conhecimento.

De forma que pode ser incorreto sustentar que foi no meio da festa que Estêvão se surpreendeu, mesmo porque há fortes indícios de que êle só teria tomado parte no início da festa, embora, de acôrdo com outras opiniões, não tenha alcançado senão seus últimos minutos.

E é aí que entram outras versões, como a de que não teria sido no meio, mas sim no fim da festa que Estêvão se surpreendeu, ou ainda de que logo no princípio dela é que teria ocorrido sua surpresa.

Ainda aqui se contrariam os depoimentos. pois, para muitos, Estêvão nem sequer compareceu à festa, sem embargo da opinião de quantos sustentam haver sido êle não só o principal personagem dela, mas até seu promotor e anfitrião.

Mais do que isto: alguns cronistas extremamente rigorosos afirmam que Estêvão era a própria festa, o que resulta muito cômodo e impressionante para a teoria de que êle se surpreendeu no meio dela, ou seja, no miolo de seu próprio ser, que é onde, na verdade, a gente se surpreende.

É certo que pode parecer insensata esta idéia de que Estêvão fosse a própria festa, pois, afinal, uma pessoa é uma pessoa e não uma festa.

Alegam os defensores desta posição diversas ponderações, cada qual mais sensata: não há festas sem convidados. Pode-se convidar cavalheiros ou senhoras para tomar parte num banquete ou num baile, mas parece irrazoável convidar alguém para tomar parte numa pessoa.

É neste ponto que se tocam os extremos, valendo-se alguns da avançada teoria de que Estêvão era a própria festa, precisamente para sustentar que nunca houve festa alguma naquele tempo.

Êste, porém, é um exagero que deve ser pôsto de parte. Sem a festa e os aparecimentos que no meio dela o surpreenderam, a existência de Estêvão perderia seu sentido e seus contornos.

Depois, o argumento de que não se pode convidar alguém a tomar parte numa pessoa, não é tão sólido que não possa ser contestado.

E aqui volto ao caso de Egídio, que tomava parte, intensamente, em Ruth, não apenas em sua existência, mas em seu próprio ser.

Eu mesmo fui muitas vêzes convidado a participar de Josefina e de Evelyn, e seus maridos que o digam se participei ou não.

Seja como for, o que parece fundamental, na reconstituição da história, não é saber se Estêvão era ou não a própria festa.

Mesmo porque há quem sustente que não se tratava de uma festa, mas de uma simples reunião de pessoas, talvez até de um funeral.

Os cronistas mais rigorosos são, inclusive, de opinião que as pessoas que compareceram a êsse encontro — se é que compareceram — nem sequer se conheciam entre si, sendo totalmente estranhas umas às outras. Quero muito estar por êste parecer, já que a estranheza dos convivas vem a talho para justificar a surprêsa de Estêvão. Pois é ponto pacífico que êle foi surpreendido no meio da festa, não importando a arguição cronométrica dos casuistas estéreis sôbre o decorrer do acontecimento, já que o meio de uma festa bem pode estar no fim como no princípio dela. Demais disso, o que importa é a presença de Estêvão na festa, sendo mesmo certo que, sem êle, nunca se teria ela realizado, pois, naquele tempo, seria impossível conceber-se uma festa sem Estêvão.

Não cabe, assim, guarida às objurgatórias de Aliomar, para quem Estêvão fôra apenas um intruso eventual na festa, com a qual nada tinha a ver, pois intruso é Aliomar, cujos serviços de depoente

nunca foram queridos ou requeridos por ninguém. E se formos por esse terreno de impertinências, o que parece honesto e exato reconhecer é que a festa, ela sim, foi uma verdadeira intrusão na vida de Estêvão.

Isto não quer dizer que ela não haja sido um dos acontecimentos fundamentais de sua vida. Nem é fora de propósito a opinião dos que sustentam que a festa foi tôda a vida de Estêvão.

Em favor desta versão, funciona muito bem a notícia de que a festa se realizara na imensa galeria subterrânea construída por Godofredo ou por seu filho, quando começaram a destruir a cidade, naquele tempo. E, como se sabe, foi naquela catacumba que transcorreu a verdadeira existência de Estêvão.

Mas também isto é apenas uma opinião, pois não são poucos os que têm por provado que Estêvão, como Laura, não sobreviveu à casa tão ternamente edificada por seu pai, havendo perecido, com tôda a família, entre as paredes desmoronadas.

Êsse ponto-de-vista, porém, não deve ser levado muito a sério, pois diz respeito não pròpriamente à vida de Estêvão, mas à sua morte. E como essa morte é assunto de muitas e infindáveis controvérsias, não cabem aqui quaisquer práticas sôbre ela que, de resto, pode até não ter ainda ocorrido. Não se conhece, pelo menos, a certidão de seu óbito e, de vez em quando, vagos telegramas de jornal dão conta de aparecimentos seus, sob os mais incríveis disfarces, nos mais extraordinários recantos do planeta, e mesmo fora dêle, como é o caso da opinião do falecido filósofo Vicente, refinado sabedor da vida e da morte, e para quem, outro não seria, senão Estêvão, o misterioso e ubiquo navegante dos dis-

cos voadores. Aliás, não é exatamente assim, a opinião de Vicente, pois o que êle sustentava, na clara lição de seus mitologemas, é que Estêvão era o próprio disco, ou, melhor, que a silenciosa e inexplicável nave sideral é uma pressaga emanação de Estêvão.

Seja como for, êsse alvitre não é mais nem menos idôneo que a informação do Comandante Aristóbulo, Capitão de longo curso, que jura havê-lo encontrado diversas vêzes, uma delas tangendo ovelhas nos montes da Tessália, uma outra tocando guitarra espanhola para as bandas de Itabaiana Grande, no país de Sergipe, e, uma terceira, sacudindo desconsoladamente a cabeça, quando assistia a um furioso meeting político em certa cidade do reino do Laos ou do Pathet-Laos, entre os príncipes que ali se entendem e desentendem.

Digam o que quizerem, o que compete é esclarecer porque se teria Estêvão surpreendido no meio da festa, naquele tempo. Pois ninguém está em condições de provar não houvesse a festa se desenvolvido em tôrno dêle, que, desta forma, estava no meio dela. E foi aí que se surpreendeu, antes mesmo que o Arlequim de Raul passasse pelo corredor, com sua famosa redingote de veludo encarnado.

Ninguém sabe ao certo quantos eram os convivas. A opinião de certos cronistas é que, embora muitos houvessem sido os convidados, apenas uns poucos tinham sido admitidos ao local. Outros, porém, pretendem que se tratava de uma inumerável multidão, inundadas as portas de acesso

pela turba-multa provocada, aliciada e desenfreada ao rumor da música e ao cheiro dos assados fumegantes.

Com isto, porém, não afinam outros relatos contraditórios, correndo, mesmo, à bôca pequena, que ninguém compareceu à famosa festa, e que Estêvão, depois de amargar a humilhante decepção e o redondo fracasso de ver desatendidos seus convites, espatifou, encolerizado, os cristais inúteis, a baixela brilhante, e expulsou a chicote e pontapés os músicos, a princípio entediados e afinal atônitos diante da farsa colossal.

Esta, porém, é uma versão ressentida, que pode ser, seguramente, atribuída a Aliomar, êle sim, ausente à festa, pois é certo que nunca Estêvão teria a lembrança e o máu gôsto de convidá-lo.

O grande número dos convivas bem pode ser avaliado pela escolha do local que, segundo uma tradição muito antiga, teria sido no gigantesco anfiteatro em que se realizavam as competições esportivas da cidade.

Aliás, talvez não seja correto falar em escolha do lugar, pois há fortes indícios de que não houve, pròpriamente, uma escolha prévia, havendo a multidão afluido instintivamente ao local, pela sugestão, talvez, de ali assistir, habitualmente, às concentrações.

Consta, inclusive, que os convivas, todos ou quase todos, compareceram por engano, levados pela falsa informação de que se ia promover uma partida de futebol. E que se encheram de indignação diante do lôgro a que haviam sido induzidos, quando, ao invés de brindados com o soberbo espetáculo de Mané Garrincha, encontraram apenas os

merencórios olhos de Estêvão, que os fitavam comovidos, e sua pálida mão que lhes acenava sem cessar.

Nem falta quem atribua a essa inesperada explosão da massa indignada o início dos grupos enfurecidos que começaram a destruir a cidade, naquele tempo.

Há, contudo, várias e boas razões para que se ponham de quarentena essas opiniões. De fato, certos dados da melhor idoneidade levam a crer que Estêvão não foi, de forma alguma, o promotor da festa e, pois, não aguardava ninguém do lado de dentro do estádio, havendo sido um dos ludibriados pelo mesmo equívoco em que caíra a multidão. É bem verdade que Estêvão não era homem para se deixar guiar pelos ventos da multidão, motivo pelo qual a escrupulosa lógica de muitos cronistas repele essa hipótese.

Não se deve esquecer, porém, de que Estêvão era um homem, senão um homem como os outros, um homem como êle mesmo, e todos os heroísmos e todos os desatinos cabiam em sua humildade e em seu orgulho, em sua pureza e em sua luxúria.

Não é mesmo impossível que êle haja chegado involuntàriamente ao meio da festa, tendo-se deixado conduzir, como de tantas outras vêzes, sem saber bem aonde ia, por uma dessas prostitutas de rua que o aliciavam de repente, ora pelo tom de pele, ora pelo perfume afrodisíaco exalado da nuca ou das orelhas.

Trata-se de uma possibilidade tanto mais aceitável, quando se conhece a versão de que a festa teria sido uma espantosa orgia, cuja figura central era Estêvão que, no fervor da embriaguez, se

banhava de vinhos e mulheres, e cavalgava pelas escadas as fêmeas nuas, fustigando-lhes à chibata e até o sangue, a redonda garupa lactescente.

Esta é uma versão que altera, como se vê, as teorias sôbre o local da festa, havendo ainda quem opine pela lubricidade do acontecimento de diversas formas.

Assim é que não teria sido, pròpriamente, uma orgia pública, pois Estêvão era pessoa de extremo recato e exagerado pudor. A festa teria sido um encontro muito íntimo, no interior de uma garçonnière discreta, onde, reunido com quatro ou cinco amigos, em companhia de raparigas, esgotara Estêvão tôdas as possibilidades da mais obscena devassidão.

Êste é um alvitre, não há dúvida, mas não joga, de forma alguma, com o que de mais incontestável se sabe sôbre Estêvão, que é a nítida candidez de sua pureza imaculada.

A contradição, porém, pode ser apenas aparente, pois, como Tétis a Aquiles, banhara Laura o filho em auroras de amor e limpas águas de sortilégio, e todo o seu ser, o verdadeiro, restara invulnerável à mácula.

É, portanto, admissível tenha êle atravessado essas peripécias fesceninas, havendo ainda quem sustente que numa delas se resumiu a festa, que, afinal, não constou senão de um longo e misterioso encontro de Estêvão com uma estrangeira de olhos verdes, no interior de um apartamento onde os dois se entregaram a tôdas as práticas do amor e da morte. E que foi nesse encontro, talvez com Lúcia Isabella, que êle aprendera mulher e amor pela primeira vez.

Esta, porém, não é a verdadeira história da festa, embora possa encerrar alguns aspectos parciais dela, não servindo senão para agravar a controvérsia, inclusive com a confusão em tôrno do local em que ela se teria realizado. O problema, de resto, não parece ter importância capital, tanto podendo haver sido no estádio, como numa casa de diversões, no interior da catedral, na intimidade de um apartamento discreto, ou em qualquer hotel da cidade.

Trata-se de um detalhe difícil de ser apurado, sobretudo porque há fundadas razões de que já tivessem destruído a cidade naquele tempo.

Isto, porém, não invalida a historicidade da festa, pois ela bem pode ter sido uma causa ou uma consequência da destruição da cidade, de qualquer forma um acontecimento simultâneo. Parece, mesmo, que as cidades costumam desaparecer por ocasião de festas estrepitosas.

Eu, pelo menos, sei de uma delas que se desmoronou, com seu rei e seus cortezãos mal feridos, durante um estrondoso festim, interrompido por três palavras escritas a fogo na parede do salão de banquetes do palácio real.

De qualquer forma, o que se sabe da história de Baltazar e seu festim não é muito mais do que o que se conhece da festa em que se surpreendeu Estêvão.

Pois é fora de dúvida que Estêvão se surpreendeu no meio da festa, naquele tempo.

Primeiro, foi uma pálida figura, esbelta e adelgaçada dentro de uma casaca negra, a cartola no alto da cabeça e uma bengala de castão de prata

rodando entre os dedos. Não dizia uma palavra, não cantava ou dançava como os outros e passava, silenciosamente, entre os bandos de mascarados. Saía por uma porta, reaparecia de outra, como as chusmas de fantasiados, mas não falava com ninguém. Apenas sorria.

Estavam todos fantasiados. Embora sem atinar com a razão dos trajes de fantasia, não foi com isto que se surpreendeu Estêvão. Foi quando se aproximou da figura pálida, de casaca negra: ao levantar os olhos para atender à ligeira e muda saudação, viu que seus lábios estavam pintados de vermelho vivo, que a casaca era uma fantasia de setim e não uma casaca de verdade, e que de sua gola negra emergia, branca e alta, uma garganta de mulher. Não era um homem.

— Margarida! Margarida! — exclamou Estêvão. E correu ao seu encalço, pois era Margarida. Êste era seu nome.

Como se não ouvisse, ela continuava, com seu passo mensurado, corredor afora. E êle sempre no seu rastro. E quando ela dobrava para um imenso hall onde outros grupos se entregavam à festa, tornou a chamá-la, desta vez agarrando-lhe ansiosamente o braço:

— Margarida! Margarida!

Ela nem o repeliu nem o acolheu. Apenas mantinha o sorriso, nem por indiferença nem por simpatia, apenas por sorrir. Porque o sorriso, como a maçã e os olhos, fazia parte de seu rosto.

E pela última vez, dizem uns que enfurecido, outros que desolado e outros ainda que cheio de pavor, bradou:

— Margarida! Margarida!

Tão espantosamente poderoso foi seu clamor, que a orquestra emudeceu, a multidão parou de súbito os cânticos orgíacos e como se a garganta devolvesse em outro som a última nota engulida, prorrompeu, num só clamor:

— Margarida! Margarida!

E todos os pares haviam parado de dançar e sôbre o chão do luzidio mármore eram patéticos os casais de centenas, centenas de estátuas de cera ao clarão da festa. E agora, a que era há pouco a única a não dançar, parecia ser a única que bailava, atravessando, meticulosamente, a sala, com o sorriso de sempre e o mensurado passo, entre os casais imóveis.

E ninguém a acompanhava, nem com os olhos. Sòmente Estêvão: pois à regência de seus passos movia a amargura das pupilas.

Foi neste instante que surgiu, do fundo do corredor, com seu andar saltitante e a famosa redingote de veludo encarnado, o Arlequim de Raul. E no silêncio imaculado, as proprias estátuas de cera ouviram o cicio de sua voz, que chamava:

— Berenice...

E ela se voltou para êle, como se fosse um apêlo irresistível, e caíu-lhe nos braços e entrelaçados começaram a dançar.

Como se uma ordem súbita as animasse de nôvo, as estátuas de cera recomeçaram a dança e a música estrugia do piso ao teto, pelos quatro cantos da sala.

Restava Estêvão.

No meio da festa procurou apôio numa serpentina, das muitas que corriam ou pendiam pelo ar. Alçado nela, deu-se conta de que fôra o único a não ser golpeado por aquela música. Todos os

outros cantavam e dançavam. Todos, menos ela, pois o Arlequim a abandonara, no primeiro momento, para dançar vertiginosamente com um flácido cavalheiro fantasiado de hetaíra suavemente azul.

Teve uma profunda vontade de também dançar e também cantar. Só ela estava disponível no meio da algazarra e os desejosos pés aguardavam o convite.

Tentando vencer os estridores da orquestra, Estêvão começou a clamar de nôvo:

— Margarida! Margarida!

E a multidão, não se sabe se para confundí-lo ou para ajudá-lo, corrigindo o que julgava ser seu engano, passou a clamar também:

— Berenice! Berenice! — E ria para Estêvão, para que ela o visse.

— Margarida!

E seu grito era abafado e ela só ouvia a voz da multidão:

— Berenice! Berenice!

Possìvelmente percebera que também êle chamava. Mas a quem? Seu nome era Berenice, e, pois, não podia responder.

Mas como não suportasse mais ficar só, no meio de uma festa tão grande, resolveu que também devia associar-se à multidão e ajudá-la a chamar a pessoa por quem todos clamavam. E começou, também ela, a clamar, sem saber ao certo o que fazia:

— Berenice! Berenice!

E o fazia, com o sorriso de sempre, porque o sorriso, como as maçãs e os olhos, era parte de seu rosto.

Sôbre o mar de vozes encapeladas, Estêvão percebia a sua, nítida e cortante, como uma lâmina ou como um escárneo.

E era para êle que se voltava agora o salão inteiro, gritando e cantando:

— Berenice! Berenice!

E foi aí que, a princípio desolado, depois apenas constrangido, olhou-se para si próprio. E viu que era o único na sala que não estava fantasiado nem mascarado. E antes que se sentisse obrigado a fazê-lo e a mascarar inclusive o próprio nome, ganhou o corredor e penetrou numa sala onde a festa parecia correr menos ruidosa e onde tomaria o cuidado de não se embrulhar em temeridades.

E todos alí eram adolescentes. Mas um ar de velhice parecia enevoar a formosura de seus rostos, onde se refletia, talvez, a sombra dos trajes antigos que vestiam. Eram seguramente estranhos uns aos outros e o que havia de comum entre êles não lhes pertencia e, pois, não lhes obedecia. Era apenas a música, em tom de câmera. A melodia sem eco, reduzida à surdina, que na mesma surdina abafava o som, o ar de respirar, a luz, a alegria e o ritmo dos dançantes, parecia desprender-se das velhas fantasias desmaiadas, desenterradas provàvelmente da poeira e da memória de antigos baús familiares.

De forma que nem a roupa que vestiam lhes devia pertencer. E nenhum compromisso os embaraçava e não deviam nem cobravam nada. Há quem sustente que nenhum dêles estava alí naquele

tempo e que tudo não teria passado de uma alucinação de Estêvão.

Muito, porém, se enganam os cronistas. E a vários dêles há de ter parecido irreal ou real de mais — o que é a mesma coisa — a figura de Helena, dentro de sua fantasia de hetaíra grega, tão integrado o corpo à túnica perfeita, que de outra forma não se poderia supor sua figura viva, naquele tempo. Nem lograria a poderosa sugestão de Estêvão escamotear, em carne e osso, à verde espuma da praia jônia de um país extinto, a de olhos de ouro e de cintura fina.

Em que pese a dúvida aos cronistas, os mais seguros indícios sugerem ter sido alí que apareceu Helena. Mesmo porque, a partir daquele momento, senão desde o seu início, foi em tôrno dela e de Estêvão que aconteceu a festa.

Muitos são mesmo de parecer que foi ela e ùnicamente ela tôda a festa de Estêvão que, em sua homenagem, convocara os músicos e os dançarinos, e fizera correr, dias e noites, os vinhos de suas adegas. E os saltimbancos e os prestidigitadores que se exibiam no pátio, era em seu louvor que piruetavam e peloticavam. Pois Helena era a festa.

— Como te chamas?

Ela ergueu-lhe a rosa dos olhos. E eram de ouro. De verde ouro.

— Não sabes o meu nome? Basta olhar nos meus olhos.

Fitaram-se e se conheciam e se surpreenderam envergonhados de ainda não se terem chamado pelo nome.

— Helena! — Estêvão! — exclamaram juntos.

Desde então, desde quando, não sabiam. Mas sabiam que havia sido sempre assim. E era o bastante.

E quando, nua, como um peixe de prata, saltava da água da piscina ou da esmeralda dos olhos, às pétalas de seu nome êle compunha a rosa da bôca:

— Helena!

E era contemporânea da cigana e da dama florentina e se debruçara no mesmo baú com os mesmos olhos redondos da odalisca de sedas voejantes nos braços de um ridículo tirolês que lhe explorara a impecável cadência dos joelhos.

Pois o baile seguia, como nas noites do Tanny's ou do Apache, onde Neide e Marivalda amestravam a música entre nuca e tornozelo.

E às vêzes, ao mudar de salão, caía-lhe aos pés, entre as risadas de um palhaço de cara de alvaiade, o sari da baiadeira indiana, o corpo da tangerina, "épluché" de sua casca de ouro e sol.

— "The tangerine girl! The tangerine girl!" — exclamavam os turistas estrangeiros fantasiados de marinheiros.

Pois eram todos falsos, embora verdadeiras as fantasias. E agora, na cimitarra dos olhos fulgurantes, o mouro degolava a um canto do salão a lívida Margarida.

Foi quando Estêvão, de um salto, caiu sobre êle, derrubados a empurrões um mandarim chinês e um saxofone de cobre, antes florescido como uma orquídea na bôca do negro solista.

E aqui há várias e desencontradas versões. Nem podia ser de outra forma, em se tratando de uma noite de mascarada, onde tudo se presta à

confusão. Pois há quem diga que se tratava de Margarida, efetivamente, mas que não foi o mouro a cortar-lhe o pescoço com a cimitarra dos olhos — o que, afinal seria um golpe incruento — e sim Estêvão, que a teria decapitado com uma cimitarra de aço ou com uma navalha sueca. Pouca monta faz, de resto, o instrumento, especialmente quando se tem em conta que a diversidade dêle não viria alterar o sangrento efeito no pescoço da bela degolada.

Não se encontra, porém, nenhum documento que confirme essa violência de Estêvão, nem seu nome consta no registro dos assassinos na polícia ou nas Varas Criminais daquele tempo.

É verdade que isto não quer dizer nada, pois são provadas e sabidas a má-fé, a corrupção, a covardia e a estolidez de juizes e policiais, que inserem, conservam ou eliminam no rol dos delinquentes, na maioria dos casos, ao pêso do subôrno ou ao mêdo de outro poder.

De resto, o mais provável é que estivesse Estêvão no rol dos culpados, cujos arquivos se perderam quando destruiram a cidade, naquele tempo. Seria incrível que um homem puro, afoito e desprevenido como Estêvão, não houvesse caído nas mãos dos juizes daquele tempo, que ostentavam nomes romanos ridiculamente solenes, ou nem sequer tinham nome, como as rameiras da rua, e como elas se vendiam aos transeuntes. É o caso de alguns dêles, a quem o pai, se é que o tiveram conhecido, ou por simples estupidez, ou por prever no filho a incapacidade de usar nome de macho, atribuiu-lhe algum sobrenome estrangeiro. De for-

ma que algum dêsses juizes daquele tempo, com o pretório transformado em bordel, bem pode haver condenado Estêvão por essa morte que não cometeu.

Pois o que parece certo é que a morte de Margarida à mão de Estêvão não passa de uma infâmia suscitada por Tibúrcio, por Washington ou por Aurélio, quem sabe pelos três juntos, cujos nomes, de outra forma, estariam caídos verticalmente na lama da vala comum em que viveram e morreram e apodrecidos no esquecimento.

É bem verdade que os homens costumam matar aquilo que amam. Esta, pelo menos, é a opinião de um poeta inglês que conviveu entre os assassinos e mais, que foi, êle mesmo, virtualmente estrangulado pelos lords puritanos e as ladies em voga, que, no fundo o haviam amado enternecidamente. E por isto o mataram.

Não é êste, porém, o caso de Estêvão, de quem não se pode dizer que amasse Margarida, plantadas que estavam em Helena tôdas as raízes de seu amor.

E aí é que a história se complica, pois, ao que informam certos anais, guardados por duvidosos descendentes e posteriormente doados, por Soror Agostinha, ao Mosteiro de monjas em que professou, não teria sido Margarida, mas Helena, a lívida degolada sôbre a qual encontraram, também morto, com um punhal no coração, o próprio Estêvão.

Ao que parece, porém, embora não se tenha por necessário enfiar o dedo no talho do pescoço da morta, não entendo de boa prudência jurar por essa história, mesmo porque ninguém pôde compulsar. até hoje, os discutidos anais que, a mais de apócrifos, é até possível que não existam.

E como ninguém tem acesso à clausura das monjas, para esquadrinhar-lhe a biblioteca, êste é um ponto sem solução.

Soror Agostinha, várias vêzes consultada, não disse nada. Não disse e não dirá. Limita-se a sorrir, atrás das grades do locutório, e pergunta por Marion. Com aquêle mesmo sorriso infantil de covas nas bochechas, agora mais infantil e mais puro sob a sombra de seu véu monástico que, sendo negro, parece côr de rosa, pergunta por Marion.

Ninguém sabe se se trata de uma insinuação, pois, em que pese à sua inocência, as monjas são, às vêzes, maliciosas, e correram suspeitas, mas certamente infundadas, de que Estêvão teria sido um dos cúmplices da morte de Marion.

De resto, há, a tal respeito, duas hipóteses muito mais prováveis: a de que Marion não morreu naquele tempo, e, se o fêz, foi muito docemente, em sua macia cama de cerejeira, sorrindo para os parentes que a cercavam, em seu amável quarto de solteira, de cortinas azuis e paredes de papel pintado.

E quando essas informações são dadas a Soror Agostinha, ela sacode a cabeça, alarga um pouco o sorriso de covas nas bochechas e, com os olhos meio cerrados, abafa uma pequena risada, breve, discreta e enigmática, como convém à compostura da Abadia.

Tôdas essas circunstâncias, se bem aclaradas, teriam excelente prestância para ilustrar a história da festa. Infelizmente ainda não é possível fazer sôbre elas a plena luz. Infelizmente, ou, talvez,

felizmente, pois, mantidas na penumbra da incerteza, que é onde se devem manter as circunstâncias, elas não nos distraem do essencial, que é Estêvão. E em Estêvão, a festa, e na festa, Helena. Pois Helena e Estêvão eram a própria festa naquele tempo.

Pois a festa continuava. Sob as abóbadas iluminadas estrugia o clangor das trombetas da orquestra, o estridor dos pratos de bronze e o reboar dos bombos da bateria.

Muitos dos convivas, porém, que afirmam haver apurado cuidadosamente os ouvidos, entendem que a multidão enlouquecera e que a música sob a qual estremeciam os pavimentos e dançavam os fantasiados, não vinha de bombos nem de bombardinos e pistons, mas das picaretas, das chibancas, das pás, das talhadeiras, nas mãos de indivíduos enfurecidos que trabalhavam na destruição da cidade.

Pois naquele tempo começaram a destruir a cidade.

Não é fácil estabelecer se a festa foi a causa ou a consequência da destruição da cidade. Enquanto uns pretendem que a destruição tenha começado por causa dessa festa, querem outros que ela tenha sido promovida para comemorar o fim da cidade. Talvez as duas conjeturas sejam igualmente exatas e igualmente inexatas. De qualquer forma, a festa está situada como fronteira decisiva no terrível transe. Pois enquanto os fantasiados cantavam no baile, começaram a destruir a cidade.

Um cronista de máu gôsto, ao descrever o que lhe parecia ser o acontecimento, recorreu a vários lugares comuns da história e disse que aquelas pessoas dançavam à beira do abismo e sôbre um vulcão, naquele tempo.

Afora o calo grosso de tão surrada imagem, convém repelir a falsa idéia que ela sugere, pois, na verdade, lugar-comum por lugar-comum, não se dançava à beira do abismo, mas no abismo mesmo. Nem sôbre um vulcão, mas nas entranhas do próprio vulcão, entre metais incandescentes, ao fervor da pedra sulfúrea, da glória dos elementos, o fogo, a água, o ar.

Pois tão intensa era a fúria dos destruidores da cidade, que a seu serviço colocaram água, fogo e ar. E os que dançavam, dançavam a destruição.

Os que ainda têm memória da festa, lembram-se dos olhos de Helena fixados em Estêvão. Só êle não dançava. Esta, porém, não é uma informação inteiramente segura, havendo quem sustente exatamente o contrário, isto é, que só Estêvão dançava na festa, cujo ponto culminante fôra, precisamente, sua exibição de dança.

De qualquer forma, o que se sabe como verdade histórica ou como parecença muito razoável dela, é que, num certo momento, os personagens da festa e os da destruição da cidade se confundiram totalmente. Os operários, empunhando ferramentas de demolição, as picaretas, as brocas — as gandolas e os macacões cobertos de confetti e serpentinas coloridas, — não podiam ser discriminados dos arlequins, dos arquiduques e dos califas fantasiados. E as espadas de pau dos falsos

guerreiros e as cartolas de papelão e o elmo de um hercúleo rapaz vestido de estratiota grego, não se diferenciavam muito das marretas enfeitadas de fitas de papel, azuis, vermelhas, amarelas, que a todos os instantes se desenrolavam no ar, ao clarão dos fogos de artifício que iluminavam a festa.

Porque havia uma festa, naquele tempo, quando começaram a destruir a cidade.

Morfina. Cocaína. Mescalina. Messalina. Nada tinha a ver nada com nada e ninguém com ninguém e a música o dizia sem cessar e Sônia, com seu cabelo champagne, espumado de mechas de cinza, seu cabelo champagne banhando a nuca, rolava sôbre a festa a incomunicada embriaguez e fantasiada de Messalina erguia os braços ruivos entre as serpentinas. E eram oferecidos seio e pêssego e pupila de ouro, naquele tempo. E morfina e cocaína e mescalina e messalina. E a festa tinha seu tango e seu twist e danças muito antigas que as meninas dançavam fantasiadas com os largos vestidos das avós, e danças muito novas, inventadas naquele tempo e outras que se iam inventando na fonte do saxofone e outras que nunca foram inventadas senão por seio e pêssego e pupila da outra que requebrava sôbre a mesa, entre copos de cristal, e mudava de vez em quando a fantasia. E quando o corpo emergia, mero e nu e maquillado de ouro sôbre a mesa trêmula, a roupa enrodilhada aos pés como uma casca ainda viva,

— "the tangerine girl! the tangerine girl!" — clamavam de nôvo os turistas vestidos de marinheiros. Os outros, que vinham travestidos de mulher e ostentavam volumosos "soutiens" e faziam

macia a fala e picante o meneio, esperavam seu número predileto. E quando ela se vestia de anjo, pousado no rosto o Querubim, exclamavam excitados:

— Eros! Eros! L'Amour!

E nem macho nem fêmea, o Anjo regia o espanto, até que, novamente trocada a fantasia, como se um dêsses convencionais Cupidos de mármore se animasse de súbito, ela corria pelo salão e emboscada atrás de uma cortina, de uma coluna, ou mesmo da saia rodada da habanera roxo-negro, começava a alvejar os convidados com suas flechas emplumadas. E a cada vez que disparava o arco reteso, escondia o rosto entre as mãos. Não se sabe bem porque o fazia. Talvez para não ver a agonia dos que tombavam, feridos por sua pontaria certeira. Talvez para abafar o riso cínico que lhe provocava a queda da vítima incauta.

Parece muito provável a opinião de certos cronistas que dizem haver estado junto dela, quando desferia algumas de suas flechas fatais e que, quando ela enconchava o rosto nas mãos, era para estrangular o soluço que a dor dos bem feridos lhe arrancava do peito.

Quanto a mim, estou muito por êste parecer sabido como é, que ela só elegia para o losango de sua flecha os que eram bem queridos e formosos aos seus olhos.

Daí a suspeita dos mais perspicazes entre os contemporâneos da festa, de que a fantasiada versátil, "the tangerine girl", ora de Anjo, ora de Cupido, outra não era senão Helena. Esta suspeita se apoia em certas versões insistentes, especialmente a de que foi com uma dessas flechas que Helena assassinou Estêvão. Pois, com a mesma idoneidade

dos rumores que acusam Estêvão pela morte de Helena, tem tido muita voga a convicção de certas pessoas, no sentido de que ela é que o teria golpeado de morte.

Sabe-se, mesmo, que Tibúrcio, Washington, Aurélio e outros que tais, lambendo os caninos afiados, tiveram espicaçada a êsses rumores a irresistível vocação corvina, espreitando o momento em que algum testemunho falso ou a fôrça de alguma pecúnia depravada arrastasse ao canil de seus pretórios a vítima inocente. E há cronistas que sustentam que sòmente a lúcida bravura de Miranda que, de vez em quando, iluminava o obscuro forum da cidade, naquele tempo, com o sábio florete de suas arguições, impediu, afinal, por amor de Estêvão, a imolação de Helena nesse episódio.

Isto, porém, não evitou que se continuasse a murmurar, aqui e alí, que Estêvão matou Helena, ou que Helena matou Estêvão.

O que parece certo é que nada disso pode ser provado, sendo, inclusíve, muito possível que, aparentemente contraditórias, ambas as versões sejam exatas, resultando êles, ao mesmo tempo, vítimas e algozes, um do outro. Pois, ao que parece, Estêvão e Helena pereceram juntos, e nessas histórias de amantes que são encontrados na cama, imolados ao próprio amor em morte violenta, nunca se sabe na mão de qual dos dois floresceu primeiro a flor da despedida.

Era exatamente isto o que dizia Miranda, nos funerais de Marilena, quando acompanhava Estêvão, com um ramo de rosas na mão para a bela defunta e rosas caíndo da bôca, onde do amor desabrochava a verdade, para aquêle raro arquiteto

da razão jurídica, que costumava fechar, entediado, códigos e pandectas, e abrir o coração sôbre a elegante mesa de mogno de seu escritório.

De qualquer forma, parece inviável a produção de uma informação incontestável sôbre a morte de Estêvão às mãos de Helena, ou de Helena às mãos de Estêvão. Os jornais, com a leviandade de sempre, têm tratado de muitos casos dessa natureza e, por mais que bisbilhoteiem os repórters, nunca chegaram a conclusões apreciáveis.

Sei de alguns dêsses casos, particularmente comovedores, como o do filho do velho Montecchio e o do Príncipe Rodolfo. Quem neles morreu à mão de quem?

Partida a flecha da retesa corda, à meia viagem entre o arco e a pomba alvejada, pode acaso a mão do caçador deter, arrependida, a desfechada morte?

Depois, os que morrem de amor, morrem de amor.

De forma que tanto faz como tanto fêz dizer que Estêvão matou Helena ou Helena matou Estêvão, pois de outra coisa não morreram, senão de amor. Se é que morreram, pois aí estão as declarações já aludidas do Comandante Aristóbulo, Capitão de longo curso, confirmadas por um marinheiro de Hamburgo, chamado Lorenz, que de vez em quando o avistam e entrevistam nalgum ponto do planeta. E o Capitão tem fama de homem veraz, embora não se deva meter a mão no fogo por histórias de marinheiros que, mesmo quando não são dados à mentira, têm sempre adubada e fértil a imaginação e dispõem de acesso fácil e assíduo às nascentes da fantasia, como acontece ao pesca-

dor Jerônimo, que costuma encontrar no mar noturno o fantasma dos navios naufragados, com a tripulação bailando no tombadilho.

Convém insistir, porém, que tôdas essas divagações são vaidosas, pois só afetam a morte, e não a vida de Estêvão. E é de sua vida que se pretende tratar na presente memória. Pois foi durante a vida que Estêvão se surpreendeu no meio da festa, naquele tempo. E não depois da morte. Os mortos conhecem tudo. E nada os surpreende.

E a festa prosseguia. Ao fim do quarto dia e da quarta noite, parecia não haver o menor sinal de cansaço na multidão. É difícil calcular quantos dias durou. Dizem uns que ao cabo de sete dias e sete noites, os jardins ainda estavam apinhados de gente e nos grandes espêtos de bronze ainda giravam sôbre as labaredas duzentos bois de carne dourada e o lombo cheiroso de trezentos carneiros e cabritos ainda chiava ao calor dos brazeiros. O vinho fluía em córrego, em calhas de pedra encanadas nos salões e no parque e sôbre elas, como o gado em bebedouro, os homens e as mulheres curvavam a cabeça.

Por outro lado, alguns cronistas severos lançam dúvida sôbre essas abundâncias, admitindo que a festa não teria durado mais que um rápido minuto, dissolvida no primeiro instante pelo furor das picaretas que começaram a destruir a cidade.

Ao que parece, porém, a festa foi deveras suntuosa. Nem seria de outra forma, em palácio tão magnífico, para a reconstituição de cujos detalhes foi um cronista buscar a planta em poemas de Homero, pouco importando a lonjura dos tempos.

uma vez que, como a história, os palácios se repetem, especialmente aquêles onde ocorrem festas à hora da destruição das cidades.

Assim que do palácio se diz surgir com seus altos tetos acafelados, como surge o brilho do sol e da lua. E em seu espaço rumoroso, entre os convivas, os músicos, os acrobatas que saltavam e agraciavam o luzido mármore, floresciam o bronze, o ouro, o âmbar, a prata e o marfim.

Não havia quem não lhe parasse, deslumbrado, ao peal magnífico. Do limiar de bronze estendiam-se as paredes com friso de esmalte de azul e portas de ouro fechavam por dentro a casa maciça. Os lados eram de prata, de prata era o dintel e a aldraba de ouro fôra trabalhada a cinzel pelo mesmo artezão que forjara os cães de ouro e prata ostentados a cada lado do portal. Efebos ou arcanjos de ouro, imortais e belos e jovens para todo o sempre, seguravam as tochas que alumiavam as altas cadeiras e os longos divãs cobertos de fino pano tecido à mão, à sábia mão das mulheres do palácio, que nele deixavam a maciez dos dedos, a rosa da palma e o azul das veias.

E alí é que estavam assentados os convivas, quando não saíam a bailar ao pátio ou fora dêle, cêrca das portas, em seu grande jardim de quatro jeiras. Aí cresciam as altas árvores viçosas, alegres romanzeiras, cajàzeiras, mangueiras, cajueiros, e também macieiras e também pereiras e também jaboticabas e os frondosos pés de tamarindo e ingá e carnaúbas de leque e coqueiros e também oliveiras e oiticicas.

E sempre havia frutos, de inverno e de verão. E um cajá amadurecia sôbre outro e a maçã sôbre a maçã e o cacho sôbre o cacho. A um lado

rescendem laranjas verdes, que largam a flor, e de outro lado outras colhem-se maduras. Talvez tôda a cidade alí pudesse abastecer-se, como os da festa o faziam, naquele tempo.

Helena e Estêvão contemplavam a laranja e a romã e os casais sob as árvores. E ao luar dos archotes, um pierrô levava por florido caminho as noivas saídas do primeiro exercício. E os rapazes cantavam e as raparigas rodopiavam na dança. E de repente ela se ergueu, pisando touceiras de violetas e a terra começou a faltar debaixo de seus pés e Estêvão clamou com tôdas as suas fôrças:

— Margarida! Margarida!

Mas seus ouvidos estavam gelados. Apelou para suas mãos, para seus olhos. Mas os olhos estavam vidrados.

— Margarida! Margarida!

Foi quando Helena o enlaçou com firmeza e o arrastou para um canto do bosque. E desceu com êle a entrada da pequena gruta, onde, sob a abóbada subterrânea, Laura e Godofredo jaziam estendidos no chão.

Atrás de seus passos, o rumor não enganava: não eram os trombones da orquestra, nem os bombos, nem os pratos de bronze. Era a cidade ruindo.

Pois, naquele tempo, começaram a destruir a cidade.

Ao ruído da destruição, diante dos dois corpos abatidos, fitaram-se para sempre. E se lembraram da cidade e da casa de Laura e do palácio e do rosto de Margarida. E tiveram pena, porque tudo isso fôra belo.

— Estêvão!

— Helena!

— É preciso enterrar os mortos — e apontava para os corpos de Laura e Godofredo e Margarida, à bôca da gruta, sôbre as violetas esmagadas.

— Talvez não estejam mortos. Mas é preciso plantá-los de novo, para que voltem a florescer.

— Onde? — perguntou Helena.

— Na touceira do amor
na terra
de teu regaço.

Entrou na gruta silenciosa, como se estivesse entrando no primeiro dia de sua vida. E nunca vira o caminho. E parecia sábio de suas linhas. Porque não havia outras no mundo.

III

A Rosa

Naquele tempo, andava Estêvão pelos doze anos e Helena talvez ainda não houvesse chegado aos dez.

Por cima de suas cabeças continuava o estrondo das demolições e parecia certo que não terminaria tão cedo. Pois, apesar do furor dos demolidores, a cidade era grande e sólida e teriam que levar muitos anos para destruí-la de todo. E até, segundo certas opiniões, mesmo depois de um século ou mais, ela apresentaria áreas de resistência aos destruidores, localizadas nos alicerces de casas derrubadas, nos porões do palácio arruinado e ao costado de destroços pertinazes, sob cuja proteção alguns anacoretas impassíveis continuavam a acreditá-la indelével.

Dizem mesmo que não se tratava apenas de velhos eremitas, que, de tão indomáveis à idade,

pareciam imortais. Mas de uma raça desconhecida, sôbre a qual resultaram impotentes os recursos da morte e dos dias, pois séculos afora logravam manter-se jovens e belos como as imagens dos arcanjos de ouro que sustentavam tochas no salão do palácio.

Trata-se, porém, de uma versão muito contestável, parecendo fora de dúvida que ninguém vivia mais na cidade, naquele tempo, e apenas os cactus projetavam sua sombra na região depopulada.

Dois cronistas antigos, dos que insistem na presença de sobreviventes, séculos depois da destruição da cidade, recorrem a precedentes para aval do fenômeno, já antes ocorrido e relatado em outras crônicas que nunca foram postas em dúvida.

Assim é que não seria demais vivessem ali homens de trezentos ou quatrocentos anos, quando se sabe que Adão viveu novecentos e trinta anos, seu filho Seth chegou aos novecentos e doze e seu neto Enos, aos novecentos e cinco. Sem falar nos oitocentos e trinta de Mahalael e na idade de Enoch que, se viveu apenas trezentos e sessenta, foi compensado pelo filho Matusalém, cujo tempo de vida alcançou novecentos e sessenta e nove anos.

É certo que há uma diferença. Pois, após enumerar-lhes os anos de vida, o Gênese faz questão de esclarecer, com referência a cada um dêsses venerandos macróbios, que acabou morrendo.

Jered viveu novecentos e sessenta e dois anos, et mortuus est. E morreu. E Kenan viveu novecentos e dez anos. Et mortuus est. E morreu. E Lémec, pai de Noé, viveu setecentos e setenta e sete anos. Et mortuus est. E morreu. E assim por diante.

Como não houvessem morrido todos, o deus de então desencadeou o dilúvio, expirou tôda carne que se movia sôbre a terra, foi tudo exterminado e só restou Noé, filho de Lémec, que, escapado com o que metera em sua arca, tomou uma carraspana, viveu novecentos e cinqüenta anos et mortuus est. E morreu.

Êsses precedentes bem podem servir de endôsso à suposta sobrevivência de alguns habitantes da cidade, mas não tanto que nos levem a crer ainda estejam vivos e, muito menos, que continuem belos e jovens, como pretendem certas opiniões.

Nem mesmo o fato, aliás bastante duvidoso, de se haverem encontrado, séculos depois, rapazes e raparigas vagando entre as ruínas, pode servir de argumento à sobrevivência e, menos ainda, à juventude perene de gente tão remotamente oriunda do passado.

O que é mais provável é que os jovens de vez em quando entrevistados nas montanhas — se é que existem — sejam os tataranetos dos tataranetos de algum casal milagrosamente poupado à destruição, naquele tempo.

Mas esta é uma divagação perfeitamente vagabunda, pois o que parece certo é que apenas restaram ao mundo Estêvão e Helena. E a Estêvão e Helena não restou nada, além do amor. Mas era o bastante e de outra coisa não precisavam, nem mesmo da roupa do corpo, perdida ou rejeitada quando entraram à boca da gruta, talvez por se darem conta de que eram trajes de fantasia.

Pois tiveram vergonha de aparecer disfarçados um ao outro e mêdo de toldar a limpidez com que desejavam oferecer a vera estampa.

De forma que estavam um em face do outro, e nada se ocultavam. E diante dêles, os corredores da galeria subterrânea, que parecia imensa.

— Já não me parece tão escura como à primeira vista — observou Estêvão.

— É que teus olhos começam a educar-se para a escuridão.

— Sinto que há uma luz qualquer, parece um leve, diáfano véu de luz, esverdeada pele de luar sôbre o corpo da treva, tênue toalha de esmeralda.

— Mas de onde poderia vir alguma luz nesta catacumba?

Fitou-a surpreendido: achara seu belo rosto infantil sob as pupilas de ouro e os cabelos de ouro. E olhou em redor e olhou de nôvo para ela. E viu o musgo que apenas nascia no chão e o musgo que apenas se anunciava em suas virilhas. E voltou-se para ela:

— De teus olhos. É de teus olhos a luz sob as abóbadas.

E era dos olhos dela.

Ela trouxera — não sabia bem de onde, mas trouxera — uma rosa. Lembrou-se dela de repente. Tirou-a dos cabelos, como se a estivesse colhendo de uma roseira de ouro. E a corola era, às vêzes, de um vermelho roxo, às vêzes os seus olhos a tingiam de verde. E quando Estêvão enterneceu as mãos para tocá-la, ela não resistiu. Partiu-se, pétala por pétala. E êle guardou uma delas, a que caíra sôbre fios de ouro entre as coxas de Helena.

E da rosa guardou a pétala e a lembrança. E a dorida certeza de que já agora havia no mundo uma rosa a menos. E o receio de que ela houvesse sido a última e o terror de viver no mundo sem uma rosa.

— Que vamos fazer agora?

E um ao outro responderam juntos:

— Uma rosa.

E a rosa foi sugerida. E a rosa foi criada. E continuaram descendo no escuro os oitões do labirinto, e quando não se viam, era ao aroma da rosa que se achavam.

Êste parece ser o começo da história, pois, tudo indica que no princípio era a rosa, sendo de todo improvável a pretendida versão de que, ao contrário de criada por êles, a rosa é que houvesse inventado em suas pétalas o nome de Estêvão e o rosto de Helena com seus olhos verdes.

Pois é fora de dúvida que a rosa era uma criatura, não os podendo, assim, haver criado. A confusão vem, possìvelmente, do fato de que, nos corredores subterrâneos, eram geridos pela rosa e por ela situados no espaço e no tempo. Pois, quando êle lhe perguntava, na escuridão, — onde estás? — ela respondia:

— Na rosa.

E era lá que êle a encontrava.

E às vêzes sentava-se, exausto, enquanto ela prosseguia em suas explorações. E se perguntava quando levantar-se e continuar, ela respondia:

— Quando a rosa.

E ainda muito tempo depois, sempre que se referiam aos acontecimentos de então, diziam:

— No tempo da rosa.

Entendem alguns exegetas que na designação do tempo da rosa se compreendia o próprio tempo da destruição da cidade, ocorrida exatamente em virtude da destruição da rosa. Pois não se poderia conceber a sobrevivência da cidade, sem a rosa.

Sei de um povo certa vez encarniçado à guerra em nome de duas rosas. E embora para alguns a rosa vermelha de Lancaster e a rosa branca de York tenham sido apenas um símbolo desenhado no escudo dos guerreiros, o fato é que elas existiram e muita gente matou e morreu por elas, sem falar nas três condessas do condado inglês que, por amor daquelas duas rosas, perderam os noivos em batalha e o juizo em desolação. E se a rosa de Lancaster as fêz loucas, melhor não foi o quinhão das ilhas britânicas, pois preferível me parecera o destino ao país dos inglêses e talvez a tôda a Europa e ao mundo, se, em vez da rosa anêmica de York, a vitória se desse à bela rosa de sangue de Lancaster.

De qualquer forma, esta é apenas uma estória da história, talvez uma lenda de cavalaria, pois não se sabe de ninguém que hoje possa produzir um testemunho pessoal sôbre essa guerra. O que se sabe é que se houve tantos homens jovens e belos capazes de morrer e matar por uma rosa gravada num escudo de ferro, não parece demasia que Estêvão e Helena produzissem a vida por amor da vera rosa.

É verdade que opiniões muito respeitáveis sustentam que o que êles produziram por amor da rosa, não foi a vida, mas a morte.

Helena sorria. Sorria e acariciava sua rosa, anos depois, quando lhe vinham com essas coisas de vida e morte. Dizem que mesmo quando a

rosa não existia mais, ela continuava com o braço esquerdo aberto, o indicador e o polegar unidos, como se a sustivesse pelo talo. E às vezes a aproximava das narinas e em tôrno dela apaixonava a mão direita em concha.

Alguns se riam dela. Outros a deploravam. E todos a chamavam "a louca da rosa."

Encontra-se, mesmo, recolhido à preciosa coleção de quadros de Antônio, um retrato que se diz ser dela, atribuído a uma certa Suané, que parece haver sido ela mesma pintora de siso apenas sofrível, embora de admirável pincel. Ao pé dêsse retrato, onde transparece a doce têmpera de seus olhos verdes, colocaram uma inscrição:

"LA FOLLE À LA ROSE".

E era ela. Talvez a rosa pintada não fosse a sua rosa, nem mesmo uma rosa, mas uma discreta margarida — o que revela o louvável pudor de Suané e a prova de que ela trabalhava o fino de sua arte. Pois a rosa de Helena, que era uma rosa mesmo, e não uma figura, resultava incomunicável e só um tolo — o que não é o caso de Suané — pretenderia copiá-la. Depois, como encontrar a imagem dessa rosa, se muitos até insistem em que ela não existia mais — para Aliomar não existira nunca — e que tudo não passava de mais uma loucura de Helena? Pois ela estava realmente possuída pela loucura da rosa. Era a possessa da rosa.

Por isso ela sorria. Sorria e acariciava sua rosa, sempre que lhe vinham com essas histórias

de vida e morte, pois não distinguia bem uma da outra. Isto começou no primeiro dia do subterrâneo, quando perguntou a Estêvão, com certo receio:

— E se não saírmos mais nunca daqui? Será que vamos morrer nesta gruta?

Êle apontou para cima, onde fôra o chão da cidade:

— E os outros?

— Estarão vivos? Ou todos mortos?

— E nós?

E não sabiam se o que lhes restava esperar era a vida ou a morte. Talvez fosse indiferente. Porque tantas vêzes da vida defluía a morte, como da morte se incorporava a vida. De um adolescente à tarde vivo, desabrochara, à noite, a morte. E vice-versa. Pois ele mesmo não estava alí, da morte de Godofredo nutrindo sua vida? E a rosa?

— Sim, a rosa — concluía Helena, lembrando-se de quando e como começara o amor por ela.

De repente inverteu-se o sentido das apreensões. Ela o agarrou pelo braço:

— E se não saírmos mais nunca daqui? Será que vamos viver para sempre nesta gruta?

E procuravam esquadrinhá-la, habituando os olhos à sua meia-luz. Mas nem se conseguiam ver plenamente um ou outro e as próprias palavras que trocavam eram abafadas pelo ruído das demolições que continuavam a estrondar sôbre suas cabeças.

De forma que, às vêzes, perdiam palavras essenciais, que depois não sabiam mais repetir ou não tinham fôrças para fazê-lo.

Restava, para se contemplarem, o verde luar das pupilas de Helena. E no escuro, o aroma da rosa para se encontrarem. Sem isto, estariam perdidos.

Daí a opinião de alguns cronistas, de que Helena nunca existiu. Para uns, a única coisa que dela restava, naquele tempo, era o olhar, o olhar dos verdes olhos, libertados da face e da figura, sugerindo, quando muito, os cabelos de ouro em que se banhavam. Para outros, nem isto, e ela teria sido apenas uma rosa, a rosa-helena, tal qual a rosa-chá, a rosa-Sibelius, a rosa-Tiffany, a rosa-rigoletto, a rosa-príncipe-negro ou a rosa-do-Japão.

Mas para liquidar essas fantasias, basta evocar o alvorôço de Estêvão que, depois de perdê-la um momento na treva, conseguia sempre recapturar-lhe o corpo pela cintura fina e achar-lhe, entre os fios de ouro, a pétala restada. E sua voz, que então parecia tão verde como seus olhos:

— Estêvão!

— Helena!

Houve um fulgor maior em seu rosto, e ela perguntou de repente:

— Não te lembras de nada?

— De Godofredo. De Laura. De Margarida. E da morte da rosa. Da rosa. Da morte.

— Da rosa, da morte — repetiu ela.

— Não haverá outra saída?

— E o amor? — E num riso nervoso, sacudiu os cabelos e disse, baixinho:

— Sabes? Eu me lembro de outra coisa. De uma história. Nem sei se uma história ou um pressentimento. E é tão certo que aconteceu, como que vai acontecer de nôvo. Foi assim: — Estavam

no paraíso e colhiam as uvas e todas as frutas eram maduras e deliciosas. E corriam os rios de leite e de mel, que, ao depois, só em promessas existiram. Sôbre as areias de ouro, as águas cascalhavam a esmeralda e o berilo. Adão e Eva passeavam pelo jardim plantado por Jeová da banda do Oriente, no Eden. Estavam ambos nus e não se envergonhavam. Porque seus corpos eram belos. E assim, tinham o coração desmanchando-se de ternura e amor por Deus Jeová e, na verdade, nem tinham tempo de se olhar e de pensar em sí. Só em Deus Jeová pensavam e em como amá-lo ainda mais.

Distraidamente, Eva estendeu seu braço para colhêr uma pera, quando sentiu, na palma da mão, uma carícia. Ora, era a serpente. Ela perguntou à mulher:

— Por que não comes o fruto vermelho dessa árvore que cresce no meio do jardim? Olha como suas folhas se curvam e como os frutos pendem. É como se a árvore estivesse carregada de bôcas em beijo ou de pesadas estrêlas.

Respondeu a mulher à serpente:

— Do fruto de todas as árvores do jardim podemos comer; mas do fruto da árvore que está no meio do jardim, disse Deus: — não comereis dêle nem nele tocareis, para não morrerdes.

Então, a serpente disse à mulher:

— Tu tens mêdo de morrer?

Eva recusou com horror:

— Oh! sim! Eu tenho mêdo da morte. Eu não quero morrer!

Então, a serpente disse à mulher:

— Certamente é bela a vida neste jardim. Mas para que queres a vida?

Eva exclamou espantada:

— Para que a hei de querer? As flôres são perfumadas, a água é fresca, doces são as brisas e os frutos. Mas não é pelas flôres, pelas brisas e pelos frutos que eu quero a vida.

— E para que a queres, então? — volveu a serpente.

— Oh! — disse Eva — delicioso é o canto dos pássaros, magnífico é o dia e bela a noite e verde a palmeira sôbre a areia branca, sob o céu azul. E inefável é a carícia de meu homem em minha pele. Mas eu não quero a vida pelo canto dos pássaros, pela magnificência do dia e a beleza da noite e o verde da palmeira sôbre a areia branca, sob o céu azul. Nem mesmo pela carícia de meu homem em minha pele.

— Para que a queres, então? — insistiu a serpente.

— Eu quero a vida, porque é na vida que posso amar ao Senhor meu Creador, a Jeová, de Quem a só lembrança, como um sôpro do crepúsculo, ergue a penugem de meu braço. Seu pensamento é mais forte e mais doce que um beijo do companheiro.

Neste instante, uma fruta caíu aos pés da mulher, e, de galho em galho, estremeceram flôres e ninhos com a risada da serpente.

— Ah! pobre ignorante — disse ela. — E o teu Deus te aparece continuamente, para que o tenhas nos braços sem cessar?

— Não é possível — respondeu Eva com um suspiro. — Só às vêzes, de raro em raro, Êle vem. E nesses momentos, não sei se Êle é mais feliz e mais forte do que eu.

— E por que não o reténs para sempre?

— Não é possível. Um só minuto de Sua visita me desvaira de amor. Mas ai de mim! Sua passagem é sempre rápida como a do tufão, em vôo para Seu misterioso reino.

— E então, por que não o acompanhas? Deixarás, é verdade, o perfume das flôres, o canto dos pássaros, mas terás, incessantemente, teu amor em teus braços — lá, no reino misterioso a que a morte te levará. Come do fruto da árvore que está no meio do jardim, e poderás morrer, e, sem cessar, dormirás em seus joelhos.

Os olhos de Eva vibravam à melodia do canto mágico que a serpente cantava. E de repente, depois de um olhar de adeus ao pássaro, à palmeira, à rosa e ao companheiro que se banhava na espuma do regato, como se começasse a despedir-se dêles, tôda ela sacudida por um frêmito indomável de amor pelo Senhor seu Deus, ergueu a bela mão morena e tocou no fruto proibido. E o levou à bôca e o mordeu.

No mesmo instante, a cólera de Deus, nas igníferas espadas dos arcanjos, desceu sôbre o paraíso. E foi assim que Jeová, despótico e insondável, exilou para sempre, do jardim do Eden, a única que lhe deu o merecido amor. Ou compreendera o amor da enamorada escrava e por isto lhe plantara no seio a semente da morte?

Esta história — concluiu Helena — me foi, talvez, sugerida por um alemão de testa larga e enfurecidos olhos, a cuja fé também a serpente, até então um animal formoso e erecto, foi terrìvelmente castigada, quando seu desejo fôra apenas o de ser a grata alcoviteira do amor de um Deus.

— Também eu não me esqueci — exclamou Estêvão; e é como se visse, ainda agora, o sorriso brilhando em seu abundante bigode louro, a figura de Frederico e sua voz apaixonada: — "a quem O amou tanto, que poderia dar êsse Deus, que prêmio, que consôlo, que alegria maior que a certeza da morte?"

Apertaram-se as mãos e fitaram-se:

— Por que nos teremos lembrado dessa história agora? E de quem a teremos ouvido?

— Ela está na memória. Como o sorriso no lábio sério ou a lágrima nos olhos alegres. Por isso, pode sempre ser lembrada.

E de repente, e pela primeira vez, se encheram de mêdo. Não sabiam exatamente de que.

— Talvez desta história.

Pois olhavam em redor e não tinham outra companhia senão essa história. Essa e as outras que se iam incorporar dos nomes de Godofredo e Laura e Margarida e da rosa morta, enquanto lá fora, acima de suas cabeças, continuava o estrondo das demolições.

E a um abalo mais forte, quando a própria abóbada da catacumba parecia tremer, Helena voltou-se para êle:

— Será que também nós vamos morrer? Também nós?

— Não sei — respondeu Estêvão; e acrescentou: — Godofredo e Laura sabiam.

— Margarida também.

— Por isso eram tão alegres.

A um canto, a rocha talhada parecia polida, como se alí houvessem aprontado uma cama de pedra. Deitaram-se sôbre ela, surpreendidos com o achado.

— Já que chegamos aqui — observou Estêvão — precisamos conhecer êste lugar.

— E por quanto tempo ficaremos prisioneiros nesta catacumba?

— Talvez aqui é que estejamos livres.

— Será uma prisão?

— Talvez seja um refúgio e só aqui se possa estar livre e salvo.

Na verdade, lá fora continuava o fragor dos desabamentos. Às vezes era tão regular o ritmo dos abalos sucessivos, que se poderia ter a impressão de que a cidade estivesse sendo, não pròpriamente destruida, mas planejadamente desmontada. Como se a estivessem desarmando, peça por peça, para substituir talvez por outras, de materiais novos e supostamente mais resistentes, que se estavam inventando naquele tempo.

Não se deve, porém, levar muito a sério essa hipótese, pois ela cheira à suspeita de acomodar-se tendenciosamente à conversa dos que sustentam haver-se, naquele tempo, não destruido, mas construido a cidade.

O que parece é que êste problema já não deveria merecer discussões, pois é fora de dúvida que, naquele tempo, estavam todos empenhados em destruir a cidade. Nem era outro o motivo pelo qual Estêvão e Helena se encontravam no subterrâneo. E aqui não importa distinguir se a estavam destruindo, pura e simplesmente, ou se a estavam des-

montando, através de um desconjuntamento planejado de suas peças. Pois, de qualquer forma, estavam acabando com ela. O mais verossímil, talvez, é que ela tenha desabado no instante exato em que Godofredo foi abatido, pois, a partir dêste fato, não há sinal algum de seu funcionamento. De resto, há quem sustente que não se tratava, pròpriamente, de uma cidade, mas de um imenso teatro, ou, melhor, de uma peça de teatro, cujo principal protagonista era Godofredo. Deixando êle de existir, extinguia-se também a peça, incapaz de funcionar sem a figura central.

De qualquer forma, a destruição da cidade parece ser um fato incontestável, de outra forma nem teria sentido a fuga de Estêvão para a catacumba. Pois alí estava êle, a cabeça reclinada sôbre as coxas de Helena. E a relva melodiosa, em seus cabelos inserida, refrescava o ardor de sua cabeça. E de repente, como se rugissem dentro dessa cabeça tôdas as tempestades, como se o pêso de tôdas as montanhas pendesse dela, como se o fogo de todos os vulcões a inflamasse, Helena tentou afastá-la de suas coxas e mostrou-lhe, num gemido:

— Não esmagues.

Estêvão ergueu os olhos e viu pela primeira vez, e perguntou surpreso:

— Um tufo de violetas de ouro?

— Não queimes — suplicou Helena.

E agora, as pálpebras descidas, com o tato das pálpebras começou a adivinhar:

— Uma rosa?

— Rosa de ouro.

E agora sim é que era a rosa, rosa de ouro em suas coxas e a rosa estava diante de Estêvão e a rosa estava em Helena e Helena era a rosa.

Muitas versões dão conta da violação da rosa, e apezar de esta história ter seu ponto de partida no episódio da rosa violada, tem sido, até aqui, impossível fixar suas causas e, mesmo, seu processo. Pois, enquanto para uns foi a violência de Estêvão que a desfolhou, para outros ela é que se teria erguido de sua própria corola para apunhalar-se sôbre o lírio ainda fechado e vertical e puro em que êle ia florescer.

Querem alguns, porém, não tenha sido ao lírio, mas à bôca de Estêvão que se espedaçou a rosa. Pois sua palavra parecia, às vêzes, um sabre desembainhado, de gume perigoso.

São inumeráveis, enfim, os partidos a êsse respeito, sem contar ainda com a seita dos que juram sôbre a figura de uma flor abotoada e entendem assim que nunca foi a rosa violada. Mas essas são, sem dúvida, vagabundagens de alguma imaginação bizantina e não estão longe da colocação radical de Aliomar, para o qual nunca existira a rosa de Helena. Esta versão, porém, nunca teve muita valia, como tudo o mais que se relaciona com Aliomar, desde que se soube nunca haver êle conhecido uma rosa qualquer. Desta forma, parece legítimo admitir sua total incompetência sôbre rosas, podendo-se, daí, concluir que aquêle pobre diabo era também incompetente em lírios e em flôres em geral: inclusive a flor da cabeça negra de Estêvão, sôbre a melodiosa relva das virilhas onde era, com seu aroma, a rosa de Helena.

De Estêvão se sabe que acabou adquirindo profunda competência sôbre rosas. A princípio, claro, não passava de aprendiz. Mas o certo é que tão profundamente se empenhou no aprendizado da rosa, que dela resultou o sábio e o mestre. A tal ponto que o único retrato seu que se conhece — ou, pelo menos que se diz ser seu — atribuído àquela mesma Suané do retrato de Helena — o apresenta com uma rosa na bôca. Ao pé da moldura, um mestre-pintor chamado Zico, do país de São Paulo, colocou uma pequena placa de prata com a inscrição:

"DER ROSE KNABE".

De resto, seria difícil provar que se trata de um retrato de Estêvão, pois, fixando bem as desmaiadas côres, nelas não se chega a distinguir um rosto humano, mas apenas uma rosa, com sua corola sensual e lânguida. Talvez por isto mesmo seja seu retrato, pois, ao fim e ao cabo, êle se havia identificado tanto com a rosa, tão penetrados entre si, que eram uma e a mesma pétala.

Há mesmo uma tradição entre certos hermeneutas da crônica, para a qual Estêvão não teria sido pròpriamente um ser humano, mas apenas uma rosa. A mera rosa. De outra forma, como se explicaria a voz da rosa? Pois a rosa falava.

Conta-se que, tôda noite, quando a visitava antes de dormir, Helena a ouvia dizer, como Augustin:

— Adeus, adiós, adieu, adew!

E a única linguagem de que a rosa parecia capaz, era esta, da despedida:

— Adiós, adieu, addiú!

E sempre se despedia de nôvo.

Sei de um poeta alemão, que por sinal veio a morrer da picada de uma rosa, de quem muito se ocuparam as mulheres em sua vida e os adolescentes depois dela, no que faziam muito bem. Trata-se do autor de um verso famoso, segundo o qual é assim que vivemos: despedindo-nos sempre. Êle, pelo menos, desde que se dera conta de seus arredores, era assim que vivia, como a rosa:

— Adeus, addío, addiú!

E um dia, não tendo mais de que e de quem despedir-se, começou a despedir-se de sí mesmo. Também êle viveu tão identificado com a rosa, que alguns cronistas — Aliomar à frente, naturalmente — sustentam que Rainer Maria nunca existiu e que era apenas o nome de uma rosa, como a rosa-francesca, de vermelho cinábrio e sombreado cobre, desmaiando os debruns em salmão claro e o verso rosa sedoso matizado em prata e cinza. Trata-se de uma rosa que Matias Tantau levou 26 anos para inventar em seu jardim, onde ela se ergue, entre folhas lustrosas, entre o amarelo abricô da rosa-maura, de haste alta e dura, onde o botão alongado se abre lentamente, com o aroma afrodisíaco da lavada virilha de Rita de Lima.

Por tanto e tão vário nome dado a essas flôres, vai criando corpo a dúvida sôbre aquêle poeta que, de resto, não colabora de forma alguma para dissipá-la, vivendo, mesmo, todos os seus dias como uma rosa. É verdade que aquele refinado alemão

habitava tão assìduamente o vago mundo das cartas com as mulheres, que acabou recebendo pelo correio suiço as de uma duvidosa e impalpável freira portuguesa, cuja presença aqui em nada ajuda a elucidação de sua existência. Pois parece que Mariana também não existiu. E talvez não chegue, como seu correspondente apaixonado, a ser uma rosa. Seria apenas uma carta.

De qualquer forma, pode-se assegurar, do alemão, que êle escrevia versos e cartas, para dizer que sempre trazia por dentro, como o caroço de seu próprio ser, a sua morte. E cantava para deixar claro que não abria mão do direito e da beleza de morrer de sua própria morte. E aí é que se toldam as coisas, pois dizem que morreu dela, picado por uma rosa. Morreu, sem permitir que Lou ou Maria ou qualquer outra de suas amigas pudesse chamar um médico, pois êle não queria morrer da morte do médico, mas da morte da rosa que o picara. De sua própria morte. E se a morte da rosa era a sua própria morte, que era êle, afinal, senão uma rosa?

É de grave sentido haver-se aqui referido êsse cavalheiro alemão, homem doce e viril como poucos que tenham bebido leite em seios de mulher. Porque, tanto de sua condição de rosa, como de sua existência humana, funcionam documentos bastante aceitáveis. É o caso, por exemplo, de uma cabeça sua em mármore, que se conserva sôbre a escrevaninha de um príncipe guerreiro de sua raça, no país da Baviera. Se é que tal príncipe guerreiro também existiu, marcada como está sua história pelos rumores e episódios da destruição da cidade.

Seja como for, a destruição da cidade foi um acontecimento tão amplo e tão profundo, que o simples fato de um nome aparecer inteiro depois dela, constitui o mais exemplar dos fragmentos de ruína, o mais comovente documento de sobrevivência. E só sobrevive aquilo que viveu. Como parece fora de dúvida que Rainer Maria sobrevive e, pois, que viveu e foi uma rosa, seria absurdo negar-se a Estêvão a possibilidade de, mero homem que era, filho de Godofredo e Laura, ser também uma rosa. A rosa.

Nem se pode alegar que uma pessoa não possa ser, pura e simplesmente uma flor. Eu mesmo sei de um velho poeta, retirado numa castelo de Tirolo di Merano, que dizia a alguns de seus amigos, entre êles o panamenho Edi:

— "You are violets, whith wind above them".

E eu, que conheci Edi e todos os seus amigos, Michel, o francês, Tronquoy, o basco, Pérez Román, o argentino, Pancho e Enrique, do país do Chile, e Fédier, o selenita — à minha fé, que vi uma vez, no castelo de Marino di Teana, a brisa do poeta mover-lhes as violetas sôbre a cabeça, sob o olhar embevecido das mulheres eleitas: Monique e a Purcell, a finlandesa e La Negra, a que viera de Oklahoma e as outras. Sôbre elas também o doce vento do verão francês despenteia a violeta nas pálpebras. E o próprio velho de Tirolo di Merano nunca foi mais do que um lírio de pétalas estranhamente lascivas sôbre as aguas azuis de Rapallo.

Depois, quantos podem ver sob a máscara a mera verônica? O que se mostra de um rosto humano só tem importância na medida em que

reflete as linhas e as côres dispostas por dentro. De modo que, ao se vêr a cara, se veja o coração.

Há indivíduos que trazem dentro de sí cobras e lagartos, como é o caso de Aliomar. E não lhes adianta a máscara: pelos olhos, pela bôca bronca lhes sai o estigma da cobra e do lagarto. Por isso há os que se tornam em caricaturas de sí mesmos: não ostentam o próprio rosto, mas a própria caricatura.

Os gregos sabiam que o feio, o grotesco, o ridículo na criatura humana, é a falsificação do semblante. A contrafação da aparência que não responde ao interior. Daí, a invenção da máscara, usada para expor uma figura ao riso das gentes.

De Lúcia Isabella é que ninguém se riria. Pois ao luar de suas feições diáfanas, lá está, debruçada dos olhos e da bôca, como de uma janela, a langue e ardente orquídea de sua figuração. É formosa.

Tal era o rosto de Estêvão, que existia, naquele tempo, e que era o cavalheiro da rosa, a cabeça deitada entre as coxas de Helena.

Sôbre a rosa de ouro a rosa negra, como um dia, como sempre, para não perder certos aromas essenciais à vida, pedidos pelo pulmão — sôbre a rosa de ouro a rosa negra, como um dia, como sempre, com Lúcia Isabella. Assim Estêvão: sôbre a rosa o lírio, sobre o lírio a rosa, le lys rouge e um dia, uma noite, foi a violação da rosa, naquele tempo.

Depois, já não precisavam palavra para se ouvir. Nem abrir os olhos para se ver. Indagassem com o faro e entrava pelas narinas a resposta da nuca, a anuência do umbigo. E a gema dos dedos

afagando a profundez da rosa e o escasso musgo do precipício, sabia: por alí era seu ventre, por ali suas ancas. Dela, sòmente dela. É verdade que não havia outra, naquele tempo. Mas ainda que houvesse, como depois, vinte, mil, dez mil, nunca se enganaria o tato, sabedor da lisura e do granulado de sua pele, do corte que talhava seus quadris. Pois Estêvão conhecia Helena, como ela também o conhecia. Era êle, às vêzes invisível, sempre inconfundível, sôbre a musgosa pedra, a dura e suave presença de seu corpo. Ao fósforo dos olhos verdes ou com a concha das mãos se contemplavam e se colhiam.

Às vêzes, de repente, não se lembravam mais da cidade e de sua destruição. E era como se estivessem deslembrados de si mesmos. Dêsses hiatos eram arrancados sempre por um estrondo mais fragoroso, que entrava na catacumba com o clarão de seu relâmpago e o sôpro de sua ventania.

Nesses momentos, iluminado o chão onde jaziam seus corpos, os rostos de Godofredo e Laura e Margarida fulguravam e seus olhos pareciam vivos, os cabelos e os cílios bulidos pelo vento.

— Estêvão!

— Helena!

E chamados pelo nome, êles não se ocultavam, antes queriam que o formoso objeto de seu ser, na pura linha da figuração do amor, se guardasse para sempre naqueles olhos vidrados. Vivesse neles.

Quando o relâmpago se apagava, êles se surpreendiam numa dúvida nova e temerosa: quem estaria destruindo a cidade? Os homens, ou aquêles relâmpagos manipulados pela Onipotência que os criava e destruía?

— Por que êsses relampagos iluminam sempre o rosto dos mortos?

— Êles têm alguma coisa em comum — observou Helena.

E de fato, quando um nôvo fulgor desceu sôbre êles, Estêvão teve a nítida impressão de que vinham da mesma região os olhos dos mortos e o clarão dos relâmpagos. E só êles saberiam ao certo a natureza — humana ou diabólica — das fôrças desencadeadas contra a cidade.

Pois estavam destruindo a cidade, naquele tempo.

IV

Zacarias e Ainda a Rosa

Bem que André já contara uma história parecida. Claro que há alguma diferença. Pois Gérard — o amigo de André — não assistira, pròpriamente, à destruição de sua cidade, mas de sua mulher. Não sei, exatamente, se uma coisa é mais grave do que a outra. Eu mesmo preferiria assistir à queda de muitas cidades, que a destruição de algumas mulheres que conheço. Mylène, por exemplo, que para uns será Mylène, para outros Lúcia Isabella, que às vêzes é romena, às vêzes italiana e para mim é tôdas essas coisas ao mesmo tempo, com seus dias de irlandesa, segundo o reflexo de meus olhos pardos na lagoa verde-cinza de suas pupilas.

O certo é que o amigo de André, sitiado pela destruição da mulher, começou a suspeitar de si mesmo. E para punir-se ou tranquilizar-se de seu

duvidoso comportamento nos fatos em que ela perecera, convocou parentes e aderentes para o ouvirem e julgarem. Quanto a mim, sua estória me deixou indeciso, não me chegando, sequer, a convencer da morte de sua mulher, quanto mais da cumplicidade de Gérard. E esta parece ser a opinião de Michel, Daniel e Isabel, e outras pessoas terminadas em el. Nem se pense seja irrelevante a desinência dêsses nomes, pois é por ela que às vêzes se indentificam a existência, a função e o destino dos logares e das pessoas, como é o caso de Lahore, Singapore e outras cidades terminadas em ore, talvez destruidas a esta hora, lembrando um império documentado apenas pela rima de um poeta de outrora.

O que me parece é que eu não sobreviveria à destruição de Mylène, com seus dois nomes e suas raças pendidas da flor da bôca, talhadas no correto seio e no quadril exato, embora ainda temporãs como um melão na primavera.

Seja lá como for, o que consta é que Estêvão estremeceu, naquele tempo, terrìvelmente coçado e acossado por uma dúvida: não seria êle um cúmplice — mais do que isto — o principal responsável pela destruição da cidade?

Diante dos olhos de Helena, tão perplexos como os seus, ergueu-se a pergunta:

— E quem, se eu chamasse, me ouviria?

Os anjos — se anjos algum dia tivessem existido — haviam sido espancados e banidos. Depois, que podiam saber êles de uma cidade, onde, por certo, não tinham mais raízes que as avoantes de arribação?

Perguntar aos vivos — se vivos ainda havia — não era menos vão, mesmo que algum dêles fosse encontrado. O que, de resto, não parecia

muito provável, face à opinião de certos cronistas, segundo a qual êles nunca se encontraram por ali, não sendo a própria cidade e, pois, sua destruição, mais que uma fantasia de Estêvão e Helena.

Foi quando ambos se lembraram:

— Se consultássemos aquêles de quem viemos, Laura e Godofredo e seus pais, os avós, os bisavós, os tataravós...

— Pois é preciso rememorar o aprendizado de nascer, raspar a pátina, lavar os olhos na fonte, medir-se nas mãos que modelaram — disse Estêvão — até saber de cor o geito de crescer.

— Mas onde estão eles? — perguntou Helena.

— Aqui — respondeu. E inseria o dedo na corola da rosa. E furava o coração:

— Aqui. Só êles poderiam dizer do que fiz e do que não fiz. Pois eu estava com êles e no espêlho de seus olhos se guardam tôdas as minhas imagens, todas as mesuras de meus gestos.

— É preciso lavar os olhos — insistiu — mas na fonte. É preciso medir-se, mas nas mãos que modelaram.

— Mas quem os poderia convocar — perguntou Helena — e como poderiam ser chamados?

— Como sempre se chamam as coisas e as pessoas e até os animais de estimação. Pelo nome. O vero e mero nome.

E como se houvessem ensaiado uma cena de recitação, no tom pungente das litanias de mosteiro, um fitando os lábios do outro, começaram a chamar:

— Laura, Godofredo, Margarida.

E iam-se erguendo, produzidas na sombra do subterrâneo as presenças de Laura, Godofredo, Margarida. A presença real. E eram mais olhos a ilu-

minar a penumbra e mais vozes a apelar, e aos nomes dos avós, dos bisavós e dos tataravós, as imagens dos velhos com suas longas barbas e das velhas de pesadas saias se incorporavam nos retábulos da gruta e desciam aos bancos de pedra. em tôrno à mesa de granito, numa fantástica assembléia.

Helena os percorria com os olhos, às vêzes com o tato e na pupila e na palma das mãos brilhavam e buliam o fascínio e o terror de cada uma daquelas visagens. Mas do próprio metal de seu terror e de seu fascínio, conseguiu tirar a coragem e a voz com que lhes perguntou:

— Qual de vós é o mais antigo?

— Talvez nem êles mesmos o saibam — observou Estêvão — pois quem lhes acharia o metro da memória?

Os velhos e as velhas se entreolharam. E as folhas sêcas de seus rostos pareciam movidas pelo mesmo vento, ao se voltarem, no mesmo ritmo, para a figura veneranda de Zacarias.

E foi num côro de canto-chão que salmejaram:

— Ai de ti, Zacarias!

Mas Zacarias permanecia impassível.

Estêvão e Helena ergueram-se de súbito. E também êles exclamaram ao velho que se encarquilhava sôbre um tufo de musgos:

— Ai de ti, Zacarias!

Ninguém, porém, sabia ao certo por que o estavam lamentando. E o ancião muito menos, embora êle mesmo, enrodilhado sôbre o próprio corpo, acabasse por gemer também:

— Ai de ti, Zacarias!

Foi quando Helena, só então acordada de sua estupefação, levantou-se para perguntar:

— Mas quem é Zacarias?

— Sim, quem é Zacarias? — emendou Estêvão.

O velho iluminou-se:

— Sou eu.

Com isto dissera tudo. Pois era êle mesmo.

E Estêvão e Helena pareceram satisfeitos com a resposta. Ela, porém, suspeitava que se a pergunta envolvesse a um dos dois, outra seria a resposta. Trataria, possìvelmente, tanto ela como Estêvão, de explicar quem eram. De conceituar-se e situar-se no espaço e no tempo.

Zacarias não precisava disto. Pois o tempo e o espaço é que se situavam nele e decorriam dêle. De sua pele antiga e de seus olhos, onde cabiam as posturas e as figuras dos seres e das coisas que se moveram ao longo de seu caminho. Das linhas de seu rosto no rosto de seus filhos e dos filhos de seus filhos. De seu sangue, fervoroso e nôvo, nas veias de Estêvão.

Por isso, quando Helena perguntou, mais uma vez, quem era Zacarias, tornou a responder apenas:

— Sou eu.

E era quanto bastava.

— Qual de vós é o mais antigo?

A pergunta pousara, naturalmente, sôbre o ombro de Zacarias. Como um pássaro sôbre seu ombro, um pássaro que conhece o dono. E ali ficou, quando êle ergueu a velha mão e apontou para Estêvão e Helena:

— Os mais antigos são os mais jovens.

O concílio de velhos pareceu iluminar-se na penumbra e à luz de todos os seus olhos, num foco de claridade, acenderam-se as figuras de Helena e Estêvão.

E êles, de súbito, se sentiram velhos, tecidos de uma idade imemorial. E a verdade cutânea da juventude não mascarava o demoroso e prístino cristal em que a mestria do tempo os lapidara.

E ergueram os olhos para Zacarias, para os velhos e as velhas que os fitavam e modelavam com as pupilas de refinado cinzel. E davam luz e densidade e transparência à pátina de seus rostos.

Helena não se conteve:

— Como é belo Zacarias!

Realmente, o rosto do velho era formoso. A forma de tôdas as suas feições estava completa e exata. Moldada, talvez, àquele tôrno mágico de que resulta a beleza imperecível de certas múmias egípcias, em que uma rapariga loura de Stocolmo parecia esperar que o sôpro da eternidade exalasse a vida de um último frêmito erótico.

O espanto de Helena era idêntico ao da adolescente de Stocolmo diante do jovem faraó que lhe revelara, naquele domingo do museu da Suécia, a beleza de sua adolescência de três mil anos.

— C'est ton visage, your face, his face — dizia ela horas depois, no leito do inesperado amante estrangeiro, afagando uma cabeça morena que cobria de beijos, ninguém sabe se com estranha perversão, se com a mera pureza da inocência.

Foi com o mesmo gesto que sua mão e seus lábios afeiçoaram o rosto de Estêvão, para dizer-lhe, à concha da orelha:

— É o mesmo rosto de Zacarias.

E numa súbita descoberta, afastando-o um pouco, para divisá-lo melhor:

— É Zacarias!

Como se todos os séculos houvessem desabado sôbre sua cabeça, percebeu Estêvão que os olhos dos velhos e das velhas o fitavam agora e era voltados para êle que balançavam a cabeça e suspiravam em côro:

— Ai de ti, Zacarias!

E quando todos silenciaram, foi Helena que se lançou a seus pés, abraçando-lhe as pernas com os olhos suplicantes:

— Ai de ti, Zacarias!

O silêncio da gruta só era toldado pelo rumor longínquo dos desabamentos. Porque continuavam, lá fora, a destruir a cidade.

No momento em que um estrondo mais forte fez tremerem as abóbadas do subterrâneo, Estêvão encontrou, ao clarão de um relâmpago, e unidos todos êles como o espêlho de um lago, os olhos de Godofredo, Laura e Margarida.

E ao ver neles refletido o próprio rosto, caíu de bruços, soluçando:

— Ai de ti, Zacarias!

Os velhos não tinham mais nada a fazer ali. E partiram como haviam chegado. Deixando no ar o murmúrio de seus nomes.

Laura, Godofredo, Margarida — os avós, os bisavós, os tataravós, as longas barbas e as pesadas saias desaparecendo em noturna procissão de espectros.

Dos recantos vazios erguia-se agora um ar de terror. De sagrado terror.

Helena, aderida ao seu peito, ia dizendo:

— Tenho mêdo. Tenho mais mêdo agora do que antes. Mas, por inexplicável que pareça, tenho mais segurança. Pois êles não nos disseram nada, mas disseram tudo. Agora sabemos que és mais antigo do que todos êles e tua sabedoria conhece mais caminhos. Vens da mesma distância percorrida por Zacarias, mas outras distâncias te restam, que êle não pôde alcançar. Deixaram-te a sandália para a viagem.

— Sei da história daquele homem do país da Grécia, — disse Estêvão — Empédocles, não te lembras? Sem êles eu não daria um passo. Êles me deram a sandália de Empédocles. Sem ela, meu pé não poderia caminhar os caminhos de fogo que é preciso percorrer.

— Agora é maior o terror de tua solidão. Já sabes que, daqui por diante, ninguém te ensinará mais nada. Estás sòzinho.

Êle a olhou com a segurança do amor:

— E tu? — e suas mãos começaram a percorrer-lhe, no convite do corpo convidado, seio e quadril.

— E tu? — continuou — E os que virão depois? Pois não nos resta a rosa, amor, a rosa até o fim? Êles me deixaram a chave da rosa.

E quiz enfiar a mão sob a roupa para tirá-la, quando percebeu que estava nu. Nu como uma criança e como um deus.

Mas a rosa se abriu, a rosa de ouro, a rosa negra, a rosa rosa.

E os próprios estrondos da cidade desabando pareciam um vivo contraponto à melodia que vinha de dentro da rosa, onde cantavam a doce balada des dames d'antan, a voz de Laura e Margarida e Helena, Angela talvez, e Mylène, Mylène, que é talvez Lúcia Isabella.

E a rosa, rosa de ouro, rosa negra, rosa rosa-verde, naquele tempo em que estavam destruindo a cidade.

V

A Saída

Naquele tempo, ocupados pela rosa, Estêvão e Helena se esqueciam às vêzes da cidade. Ausentes dela, hospedados na corola da rosa, quando dela regressavam por algum momento, vinham ainda tão peregrinados pela maciez de suas pétalas e a delícia de seu aroma, que nada mais lhes cabia no conhecimento.

De modo que, vez por outra, quando se lembravam da cidade, era para indagar-se:

— Será que a cidade existe?

E se punham a raciocinar e em geral quase se convenciam de que, realmente, a cidade não existia e não existiria nunca.

Essas dúvidas, porém, por mais fortes que tenham sido, de forma alguma devem ser confundidas com as pretenciosas seguranças de Aliomar, partidas apenas de sua repugnante tolice e de sua

cultivada incompetência sôbre o assunto. Pois Aliomar, que jamais poderia conviver com Tomás, também não lhe entenderia nunca a lição, proferida frequentemente com demoníaca finura e divina sabedoria, de que, se a cidade se plantava num mistério, como temos visto, homólogo ao mistério tremendo e fascinante, sòmente o coração numinoso, irracional, lhe poderia chegar às portas primitivas. Essas portas, ainda segundo Tomás, só se apagavam para Estêvão nos escuros momentos em que se punha a raciocinar, fugindo daqueles claros luares que iluminam a nostalgia do lúcido florescer humano. Tomás, de resto, êle mesmo, que vivia, ùltimamente, ancorado a uma triste mesa de bar e a um eterno cigarro fumegante, e com quem recolhi alguns dos dados mais importantes que se conhecem sôbre Estêvão e a cidade, e de quem desconfio haja sido o único a conhecer Helena, pessoalmente, além de Tito e de mim mesmo (não devo, porém, invocar meu próprio testemunho); — Tomás, sôbre quem há suspeitas de que tenha sido um dos cúmplices da morte de Helena — Tomás, êle mesmo, não tinha idade. Havia sido um peregrino dos povos aurorais, onde colhera a única e mera realidade, ainda viva e fresca, como um aroma ou uma gota de orvalho, no cálice da irrealidade dos mitos em flor.

Talvez, inclusive, o próprio Tomás não exista, sendo apenas um dêsses mitos que nos ocorrem ao sagrado entusiasmo de um copo de vinho. Tanto mais suspeito disso, porque a imagem que dêle me tem vindo com mais freqüência nos últimos tempos é aquela: ancorado na mesa do bar e no cigarro fumegante.

Seja como for, não seria honesto, em história tão escassa dêles, omitir tão valioso testemunho.

Não tinham, porém, profundidade, as dúvidas de Estêvão e Helena e decorriam apenas de sua ausência da cidade, hospedados que estavam na rosa. E como não se pode conceber a cidade sem Estêvão, passavam a não admitir a existência da cidade.

Mas é exatamente esta, de acôrdo com diversos intérpretes, uma das mais positivas conjeturas sobre a existência da cidade. Pois, assim como não se podia imaginar a cidade sem Estêvão, também era impossível conceber Estêvão sem a cidade. E Estêvão, parece fora de dúvida, existia, naquele tempo, devendo então andar pela casa dos doze anos.

É claro que não se pode apresentar nenhuma prova disto. Quanto a mim dispenso as provas. Mesmo porque me basta o testemunho de Helena, que vivia com êle naquele tempo e o conhecia e amava.

Como sempre acontece, há, naturalmente, os que recusam êsse silogismo, partidos do pressuposto de que Helena nunca existiu. Contra êsses, na verdade, aí está um argumento supremo: a rosa. E o certo é que ficam calados e confundidos quando, ao sustentarem a inexistência de Helena e Estêvão, se lhes pergunta:

— E a rosa?

Pois se Estêvão e Helena não tivessem existido,

— de onde a rosa? —

Pode ser que haja outras versões para a rosa, além daquela que planta sua haste no coração de

Estêvão. Êle, porém, se não tinha certeza de mais nada, de uma coisa sabia ao certo

— da rosa —.

Pois, como já se viu, era seu hóspede permanente, inquilino de suas pétalas.

E aqui é que as coisas se adensam. Pois embora chegasse, às vêzes, a duvidar da existência da cidade, refugiando-se, então, mais profundamente, na moela da rosa, ouvia a voz de Helena:

— A cidade deve existir. Senão a rosa haveria perecido.

De forma que, assim como não se poderia conceber a cidade sem a rosa, também era impossível sugerir a rosa sem a cidade.

E a rosa era.

Certas noites, fazia-se um profundo silêncio no subterrâneo, o rumor das ferramentas emudecia lá fora e da cidade não se ouvia mais que o rumor da memória nas batidas do coração de Estêvão e Helena.

A dúvida resultava então mais aguda. Foi num momento dêsses que Helena teve a idéia:

— E se saíssemos daqui e fossemos verificar, pessoalmente? Pisar, apalpar e limitar com os olhos o corpo da cidade.

— Eu também suspeito que às vêzes sòmente as mãos, os pés e os olhos podem abrir os anos abotoados. Uma pedra, um sítio de chão, conhecerão nossos pés. Uma esquina responderá ao que chamávamos norte ou sul.

E continuou:

— Conheci um filósofo, do país da Dinamarca. Um dia começou a duvidar da existência da cidade de Berlim. E não encontrou solução mais eficaz para sua dúvida do que esta: partir

para o logar onde os caminhos de ferro indicavam a cidade. Os caminhos de ferro e a memória, pois o certo é que já estivera lá. De resto, aparentemente não chegara a pôr em dúvida a existência da cidade, expressando apenas sua incerteza quanto aos sentimentos que ali poderia voltar a experimentar. Isto, aliás, me parece ainda mais definitivo. Pois Kierkegaard não duvidava apenas da cidade, mas até de sua possibilidade de nela repetir os passos e os pensamentos de anos atrás.

Quanto a mim, bem sei que ela não me negará aos sapatos o mesmo chão e aos pulmões a devolução do mesmo ar.

Não foi em vão que recolhi tôdas essas coisas temporais, o chão de pisar, o ar de respirar, a esquina de dobrar. Essas despedidas insculpem na rocha dos dias vivos a deletreada morte.

E concluiu, com certa excitação febril:

— Se a cidade existe, precisamos encontrá-la. Eu a reconhecerei.

Com a mesma firmeza com que o arrastara um dia para o canto do bosque, descendo com êle à gruta em que se encontravam, Helena enlaçou-lhe a cintura:

— Vamos sair.

Nesse momento recomeçava sôbre suas cabeças o fragor das obras de destruição. Entreolharam-se: nenhum dos dois tinha mêdo. E começaram a subir, dispostos a explorar os palmos da superfície onde deveria ser a cidade, quando Estêvão estacou:

— E se nos perdermos? E se perecermos?

— Não vês que eu levo a rosa? Por onde ela passar, vai ficando o fio de seu aroma. Por êle voltaremos.

Tomou-o pela mão, como se o estivesse conduzindo. Estavam à bôca da gruta quando êle viu: numa noite assim também a enluarada nuca de Mylène, às vêzes Lúcia Isabella, da rosa lunar de sua cabeça começara a derramar o fio da fragância ouro e cinza de seus cabelos, no caminho de um vago aeoroporto.

Narinas de mastim, do sortilégio de seu perfume êle nutria os passos. Toda a sua pele parecia vestida dêsse aroma, das espáduas às ancas, aos calcanhares, quando êle exclamou:

— *"Femme!"*

E Helena era de fato a mulher, na delícia de seus olores hospedada.

Pisaram fora do subterrâneo e êle já não tinha mêdo de perder-se. Lembrou-lhe:

— Não conheceste, Helena, aquêle jovem do país da Grécia, à porta do templo de Apolo? — "Se o amor servir de guia, terás êxito" — disse-lhe o oráculo. Lembras?

Interrompeu-se de súbito, para estranhar:

— Ainda não vejo nada. Aqui parece mais escuro que no fundo da gruta. Onde estamos?

— Na cidade, talvez.

De repente, retrocederam com asco. Erguia-se diante dêles a figura repugnante de Raposo.

Estêvão não teve dúvida em identificá-lo:

— É Raposo. Não me enganam os dentes amarelos, o pús dessas pupilas e o cheiro podre dêsse hálito.

E confirmou:

— É Raposo.

Helena, os olhos habituados à pureza do rosto de Estêvão, não conseguiu fixar a torva catadura.

— Em todo caso — disse — encontramos uma criatura. E como a conheces, poderíamos obter alguma informação.

— Não — contestou vivamente Estêvão — não conheço. Sei apenas que se trata de Raposo. Duvido mesmo que seja um ser humano. Parece, antes, tratar-se de um animal imundo, talvez um porco, um gorila, um corvo ou um verme monstruoso. Talvez seja apenas uma coisa.

Num imenso esfôrço para vencer tôda a repugnância de seus olhos e de seu olfato, Helena conseguiu fixar aquêles desfigurados contornos.

E começou a distinguir no fétido e cerdoso focinho do porco as mandíbulas bestiais do gorila, os cornos do cabrão, a garra sinistra do corvo e a nojenta consistência do verme.

E como se lhe viesse de súbito a impressão de que aquilo não chegava a ser um animal, não passando de um monte de escremento, uma coisa teratológica e repelente ao contato, à vista, à própria imaginação, exclamou, sem saber a quem, apelando para os anjos e os demônios:

— Tirem esta coisa daqui!

A coisa, porém, não se movia. E começava a emitir grunhidos, roncos, sons esdrúxulos que presumia ser voz.

Helena insistiu:

— Presta atenção. Talvez êle esteja falando e se possa compreender alguma coisa.

— Não — tornou Estêvão com veemência — êle jamais me entenderia. E quanto a mim, recuso-me, para sempre, a entendê-lo.

E apontando para a coisa:

— Depois, não vês a bôca imunda por onde emite seus roncos bestiais?

De fato, a boca de Raposo parecia rachada entre pêlos e fezes, sôbre uma redondez alvar ao mesmo tempo murcha e enxundiosa.

E procurando desviar os olhos de Helena daquela visão indigna:

— Não sujes teus olhos e teus ouvidos. Já vimos isso no livro do Dante, onde aparece aquêle condenado que

"avea del cul fatto trombetta."

Começaram a andar. Mas por mais que andassem, tinham a impressão de não haver saído do mesmo lugar. Pois para onde voltavam os olhos, à direita e à esquerda, viam sempre incorporar-se a figura de Raposo. E com tal insistência, que Estêvão não se conteve:

— Esta não é a cidade. Isto é o mundo de Raposo.

De fato, não era a cidade, não podia ser a cidade onde se erguera um dia a casa de Godofredo e onde a flor e a madrugada copiavam a bôca e os olhos de Lúcia Isabella.

Estêvão lembrava-se de um rapaz, talvez da Bohêmia, da Morávia ou da Moldávia, que um dia amanheceu também transformado em bicho.

— Mas é diferente — insistiu Helena. — Pois, ao contrário de Gregório Samsa, Raposo encontra na touceira de sua imundície e degradação a naturalidade e a natureza de sua existência.

E depois de perder sôbre a torva figura a pureza de seus olhos, cobriu-os, horrorizada, com as duas mãos e refugiou-se entre os braços de Estêvão:

— Vamos voltar para a catacumba!

Já não lhes parecia tão crepuscular o subterrâneo.

Mexiam-se ainda na memória o horror e o espanto daquela população lamacenta encontrada à tona da terra aventurada.

— Que espécie de coisa ou ser será Raposo? — indagou Helena.

— Talvez a podre emanação de uma cloaca. Depois, quando vi aquela suja cortina de ar atrás da qual a figura de Raposo se mancha e desmancha, lembrei-me de um pintor holandês, muito assíduo aos olhos de Godofredo. O holandês possuía, segundo meu pai, a chave do mundo. O principal personagem de seus quadros é o ar. A côr do ar interposto, atraz do qual vislumbramos as figuras como os peixes no mar.

Helena bem que se lembrava de um dêsses quadros, onde os rostos dos agiotas velhacos de Amsterdam pareciam apenas uma combinação de manchas sob a luz amarelada que os deixa transparecer, penosamente, atrás do abismo das águas. E fitando Estêvão, sôbre cujo rosto tremia o verde-agatado de seus olhos:

— Parece-me que posso apalpar a pele do ar, pois é através dêle que desabrocha teu rosto.

— Também tua cabeça. É como se a erguesses de dentro de uma casca transparente. Mas não tem nada em comum com o ar lodoso dentro do qual se desfigura a deformação de Raposo. Parece-me, assim, que não é o ar que nos limita as linhas da figura. Êle é, antes, o fruto de nós mesmos. A aura que se desprende de nosso contôrno. O pneuma, o sôpro de que está cheio o coração e do qual se criam e se nutrem as coisas, a própria face da terra. Por isso estou certo: aquilo não era a cidade. Seria, talvez, o mundo de Raposo, criado à sua imagem e semelhança. Mas de tal forma que, como do porco há muito tempo refocilado na lama, já não se sabe mais, ao fim e ao cabo, se a lama existe por causa do porco, ou se o porco existe por causa da lama.

— De forma que Raposo talvez nem sequer exista.

— É possível. É possível que seja apenas a emanação da lama em que parece chafurdado. De qualquer sorte, porém, ser ou coisa ou simples pesadelo, êle está lá, Raposo no mundo de Raposo.

E como se houvesse reconstituído mais intensamente na memória a visagem hedionda, Helena exclamou:

— Afasta essa coisa para longe da lembrança!

De fato, depois de algum tempo, a sombra de Raposo e de seu mundo parecia de tal forma distante que, quando dela se lembravam, era apenas vagamente, para alargar a faixa da própria dúvida:

— Deve haver, então, duas cidades. A cidade de Raposo e a outra.

E aí se complicavam ainda mais as coisas. Pois não podiam assegurar-se, entre as duas, qual a cidade que estaria sendo destruída e qual a que estaria sendo construida.

Há os que invocam, neste passo, o testemunho de Aliomar, para sustentar que tudo isto não passa de uma fábula e que, como a outra, a cidade de Raposo também nunca existiu. Isto, de resto, parece óbvio, pois Raposo jamais teria conseguido construir uma cidade. O que é possível é que se tenha intrometido em alguma, que acabou dominada por seu ar pestilento e assim conhecida como a sua cidade. A cidade de Raposo, com a qual deve estar acumpliciado Aliomar.

De qualquer forma, porém, não é dela que estamos tratando aqui e sua intrusão nesta história é tão acidental, que já resulta inconveniente e exagerada a menção de tantas linhas por coisa tão mesquinha. Apenas o rigoroso amor à verdade dos fatos que ocorreram à volta de Estêvão pode, afinal, justificar que se gaste cêra com um defunto tão ruim, como êsse Raposo.

Parecia tão ritmado, às vêzes, o ruído lá fora, que se esqueciam dêle, quase embalados à sua música wagneriana.

Com o tempo, perceberam que sempre que se afastavam do problema da cidade e de sua destruição, era como se se afastassem de si mesmos. Pois, quando voltavam a acompanhar o fragor dos acon-

tecimentos, é que voltavam a si mesmos. Voltavam do sono ou da distração. Do poço do vácuo. Do nada.

— Como podemos cair nesses poços de vácuo? — perguntava Helena.

E de repente se lembrava da gargalhada de uma rapariga naquela rua de Atenas. Estêvão lhe contara a estória do filósofo que passeava com a cabeça erguida para o céu, procurando desvendar no mapa das estrêlas do firmamento a resposta aos mistérios que o ocupavam. Quando menos esperava, perdeu o pé num buraco do caminho e caiu atolado na lama.

— É para veres, Tales de Mileto — disse-lhe a rapariga numa gargalhada — que tens de conhecer primeiro o chão em que estás pisando.

— Por isso — concluiu Estêvão — por isso caímos tantas vêzes nesses poços de vácuo. Por não estarmos atentos àquilo que devíamos saber antes de qualquer outra coisa.

E então se davam conta de que o importante era não cair. Nem mesmo cair em si. Porque tôda vez que caíam em si, estavam fechando a porta. Aos homens, não, pois homens não havia. Mas talvez aos deuses, a um deus.

E Estêvão se lembrava da lição de Godofredo: os deuses querem sempre que a gente fique fora de si. Sòmente quando a gente está fora de si, é que se arrisca a adentrar-se nos seres e nas coisas que podem ensinar. Entrar num deus. Entusiasmar-se.

— Como eu dentro de ti — exclamou Helena, os olhos brilhando num fulgor de lua semi-morta.

— Como eu dentro de ti — repetiu Estêvão.

Na sombra da gruta, como um luar de opala, parecia mover-se, bruxolear, ao mesmo tempo estranha e íntima, como numa alcova de aluguel, a pupila iridescente de um desejo ou de um mistério.

De onde vinha a lua, aquela lua que lhe pousava nos dedos e estendia sôbre sua nuca branca os cabelos ouroverde de Lúcia Isabella?

Beijou-lhe os enluarados dedos e ela, assustada, esquivou o corpo de dourada serpente, entre os musgos, afeiçoada a linha das ancas às curvas da gruta.

Êle era ágil e seguro como um cão no faro de sua lebre, entre os embaraços da sombra e dos meandros.

De repente, estacou. Como a melodia de uma estrêla, o canto de um pássaro se desatara dentro da gruta. Era um solo fremente, estranhamente matinal, desabrochado à lua.

— De onde êste canto? — perguntou.

Como se não tivesse ouvido, Helena respondeu:

— Aqui. Estou aqui.

Estava ali. Borboleta diáfana, a lua se dobrara sôbre a alvura dos quadris redondos. Moveu-se, e era de nôvo o corpo da serpente dourada à lua, e desapareceu na sombra: assim recolhe entre as folhas suas pétalas lactescentes e túmidas a orquídea de Curuçá, entre os selvagens crótons e os prateados troncos. Estava agora tôda voltada para êle, do umbigo palpitante à trêmula pupila convidando.

Ajoelhou-se. Beijou de nôvo a ponta de seus dedos, que fugiam e esperavam como cobras-coral entre as relvas de seu corpo e a pera esverdeada dos seios. Por ali a beijava.

E tôda a gruta era sua pupila ansiosa. E cheia. De que fresta estaria chegando aquela lua? Pareceu-lhe, num certo momento, que a lua começava a desaparecer, como uma língua que terminasse de lamber aquêle corpo fragrante. Como se a sombra de uma nuvem fosse lentamente andando e cobrindo com seu véu impalpável a coxa, o ventre, a garganta clara.

Mas antes que se evadisse de todo a lua de seu corpo, êle caiu sôbre ela, esmagando-a com todo o seu peso, aprisionando-a com os braços e pernas, como se quizesse impedir uma fuga que ela não desejava.

Também ela estava fora de si. E foi com o desejo transbordando da bôca e da pupila, que lhe suplicou, a fala moribunda:

— Atravessa as minhas entranhas com a glória de tua espada.

E entre a nudez e a nudez, nada lhes separava os corpos nus. Nada mais.

VI

Outras Saídas: ao Bar dos Escoceses e a Gabriel

Naquele tempo, depois da primeira tentativa frustrada, um belo dia, saíram os dois do subterrâneo. Esta versão, todavia, tem sido assìduamente contestada, especialmente pelos que sustentam que, profundamente chocados com o desagradável encontro de Raposo, êles teriam preferido nunca mais voltar à superfície. É possível. Mesmo porque essa teria sido uma forte razão para não se afastarem de seu refúgio.

Trata-se, porém, mais de uma hipótese que de uma razão, pois há pessoas muito idôneas, segundo cuja opinião Estêvão nunca logrou sair do subterrâneo, em tempo algum e, pois, nunca se encontrou com qualquer espécie de Raposo.

Outros vão mais longe, insistindo no absurdo dêsse encontro, pelo simples fato de que nunca teria existido Raposo algum, naquele tempo, e que isto

não é personagem que possa entrar numa história como a de Estêvão e Helena.

Trata-se, porém, ainda aqui, de um simples ponto-de-vista, pois o certo é que muitos de nós passamos a vida encontrando coisas, pessoas e situações indesejáveis e, vice-versa, chegamos às vezes a morrer sem ter tido acesso às pessoas com quem mais nos precisávamos encontrar.

De forma que nada impede tenha Estêvão, realmente, encontrado em seu caminho aquela desgraça. Eu mesmo sou muitas vêzes obrigado a cruzar com Aliomar que, para infelicidade nossa, costuma perambular sua enfatuada ignorância nas salas do mesmo clube onde, às vêzes, vou deleitar-me à conversa amiga e pura de limpos e generosos companheiros, como Paes, Miguel e Adeodato. E é sempre um desgosto para nós, especialmente para Plínio e Eurípides, que são pessoas de consciência nítida e coração bem feito, o acidente dêsse encontro impuro, que também não merece os bons olhos de outros tipos asseiados, como Josafá, Marcelo, Ossian, Oscar e Teotônio sem falar no olímpico desprêzo de Armindo e na revolta quase primitiva de Herculino.

Mas o que interessa aqui é Estêvão e há quem diga que não foi êle que saiu da gruta, e sim Raposo que entrou nela, tendo sido o encontro num dos recantos do subterrâneo. Aliomar, naturalmente, diz que tanto faz uma coisa como outra e que o que vale é o fato. O fato do encontro, pouco importando tenha sido êle dentro ou fora da gruta.

E acrescenta, sentencioso, que não houve o fato, porque não existia ninguém na cidade, nem mesmo cidade alguma naquele tempo. Tanta ignorância já me enche de indignação, parecendo mesmo

inconcebível, a ponto de eu já me começar a convencer de que Aliomar é que não existe, não passando de um pesadelo meu.

Pois seja como for, o que jamais se poderá imaginar é que Raposo tenha estado na catacumba, incapaz que era, em sua torpeza, de pisar o chão de mistério dos brancos pés de Helena. A única terra onde se poderia arrastar, como um rato, seria a terra podre das cloacas e o chão maldito das demolições. E foi aí que Estêvão o avistou naquele tempo.

Porque, naquele tempo, segundo tudo indica, estavam destruindo a cidade.

O que parece certo é que Estêvão e Helena começaram a frequentar assìduamente alguns recantos da cidade, procurando inteirar-se dos acontecimentos. Evitaram a saída da gruta por onde haviam esbarrado com Raposo.

Aliomar, naturalmente, sustenta que não havia outra saída.

O que se sabe, porém, é que, mesmo muito tempo depois costumavam evocar aquêles dias e noites em que se aventuravam a saltar a janela da memória. Como se voltassem a uma touceira de capim-cidreira, guardada apenas no olfato e nos olhos, e com a mão instintivamente sábia lhe afastassem o tufo de folhas para descobrir a fonte de água limpa que marulhava em baixo, nunca antes suspeitada, assim voltavam.

E aqui e alí, debaixo das folhas do tempo, molhavam sùbitamente as mãos e lavavam os olhos na fonte das coisas, dos lugares e das pessoas.

Foi assim que entrou, aquela noite, no Bar dos Escocezes, com Macedo, o trovador, e com Francisco. Helena já o deveria estar esperando ali.

Não sabe ao certo como começaram os tumultuosos acontecimentos daquela noite.

Lembra-se apenas de que no bar procedeu, de início, como sempre se procede nesses lugares. Escolheu a mesa, sentou-se com os dois companheiros e ordenou a bebida.

Numa das mesas, ao fundo, havia dois homens e uma mulher. O rosto dela parecia ser a única coisa iluminada naquele canto penumbroso. Não conseguia bem distinguir sua idade. Mas era loura e os cabelos lhe cobriam constantemente os olhos, que, de vez em quando, desmergulhavam, como os de Marilena ou Lúcia Isabella, da cortina de ouro que se rasgava por um instante na testa, e faiscavam, entre as garrafas e a fumaça dos cigarros, como duas esmeraldas crepitantes.

Primeiro pensou: — é uma vaga mulher da noite.

Depois, teve um súbito estremecimento. Pois pareceu-lhe que ela apartava, de propósito, os cabelos estudadamente rebeldes, para fitá-lo melhor e lhe fixava os olhos suplicantes.

Pedia amor ou implorava socorro.

Um dos companheiros chamou-lhe a atenção: o homem estava insultando e ameaçando a mulher.

Também a princípio deu de ombros: uma briga habitual de gente de bar. Mas neste momento ela voltou para êle o rosto plenamente iluminado, como se só a êle o quizesse mostrar. Tinha um ar lancinante.

Inopinadamente, o homem levantou-se, ergueu o braço num movimento rispido e aplicou-lhe uma bofetada na bôca. Ela soltou um grito de desamparo e de dor.

Levantou-se como um potro esporeado, talvez Lúcia Isabela ou Marilena lhe faiscassem na pupila, e exclamou:

— Não bata mais nesta mulher!

Teve apenas o tempo de agarrar o gargalo da garrafa que se achava sôbre a mesa e lançá-la contra o indivíduo, que desferira uma outra contra sua cabeça. As duas garrafas se encontraram no ar e ao fragor dos estilhaços fulgurantes todo o salão se pôs de pé.

Quebrou outra garrafa no mármore do balcão para onde saltara, tal como vira num film de marinheiros ou num bordel de Valparaiso, talvez de Hong-Kong, e avançou para o contendor, que já negaceava à sua frente com arma idêntica.

Os dois pedaços de garrafa acabaram de espedaçar-se em seus punhos, e tinha a mão perigosamente talhada e ensanguentada quando agarrou-se, corpo a corpo, com o adversário, de cujo sangue o trovador Macedo tinha já salpicada a mão valente e boa. Pois era homem de raça e terra em que se cantam, na mesma viola, o amor e a morte, e lutava, ora sorrindo com os dentes muito brancos, ora cantarolando as rudes gestas dos heróis de seu país. Francisco, entretanto, espreitava e media sàbiamente o espaço e o tempo de produzir no punho a bravura exata e inhuberante, já produzida no coração.

Não sabe quantos minutos durou o duelo. Sabe que, num dado momento, o afastou com um pontapé no ventre e, num salto de tigre, numa agilidade que

nunca imaginara possuir, agarrou uma cadeira e desfechou-a com tôda a violência na cabeça do contendor.

Já caído, pisou-lhe o pescoço, dilacerou-lhe a camisa e arrancou-lhe da cintura o cinturão de couro.

Era uma bravata, talvez, mas queria açoitá-lo com o próprio cinturão. E queria exibí-lo, surrado e humilhado, aos homens e às mulheres do bar, que contemplavam, atônitos, aquela cena. Para isto o levantou, agarrando-o pelos restos da camisa.

Ao ser posto de pé, como um boneco de pano ou um urso de circo, as calças frouxas lhe escorregaram pelas pernas.

Uma estrondosa gargalhada irrompeu na sala e, excitado pela cólera e pelo triunfo, deu, com êle completamente nu, três voltas em tôrno de cada mesa, enquanto lhe chicoteava furiosamente o corpo com o próprio cinturão.

De repente, como se estivessem todos embriagados com aquela cena violenta e grotesca, os frequentadores do bar começaram a virar as mesas, quebrar os copos, as prateleiras, tudo, agredindo-se uns aos outros com a maior selvageria.

A mulher, a cuja defesa acorrera, agarrou-se à sua cintura e o impeliu para a porta da rua.

Estavam já na calçada, quando começaram a estrugir os gritos:

— Assassino! Assassino!

Lembra-se ainda de ter visto uns olhos verdes e uma cabeça loura inclinar-se sôbre seu rosto, de ter sentido um beijo na bôca, já não sabe se no interior de um automóvel, se no quarto de um apartamento. E de ter levado a mão ensanguentada a um profundo corte que lhe ardia no pescoço.

provocado, talvez, por um estilhaço de garrafa. Talvez pela cimitarra fulgurante daqueles olhos.

E ouviu ainda uma vez o clamor:

— Assassino! Assassino!

Mas não chegou a saber quem estava matando quem.

Soube apenas que estavam destruindo o Bar dos Escocezes naquela noite, embora ninguém saiba por que o estavam fazendo.

Para muitos tôda essa história não passa de mais uma fabulação da fértil fantasia de Estêvão, mesmo porque, segundo diversos informantes, não havia bar algum naquele tempo.

Aliomar, que pretende ser muito objetivo em sua documentação, nega de plano e raso a veracidade dêsse episódio, documentando-se triunfalmente em pesquizas que diz ter realizado e que o teriam levado à averiguação rigorosamente histórica de que nenhum bar foi destruído na Escócia naquele tempo.

Trata-se de mais uma das parvoíces de Aliomar, já que nem êle nem ninguém sabe a que tempo se referia Estêvão.

Demais disso, nem só na Escócia bebem os escocezes. E em várias partes do mundo, volta e meia se encontra um Bar dos Escocezes, como é o caso daquele em que Pederneiras, cônsul e bêbado, tomava sua constante carraspana.

Há mesmo uma vaga notícia de que êsse Pederneiras, que pode ter sido um cônsul medíocre, mas que foi, sem dúvida, um primoroso bêbado, bêbado para homem nenhum botar defeito — há uma vaga notícia de que êle teria concedido um dia um visto no passaporte de Estêvão.

Claro que esta é apenas uma hipótese sem muita substância. Mesmo porque Pederneiras, que era cônsul por carreira, mas bêbado por ofício e vocação, raramente funcionava como cônsul, assistindo os negócios do mundo mais como bêbado.

Além disso, há uma opinião muito conceituada, segundo a qual Estêvão sempre usou em suas viagens um passaporte falso, sendo, assim, impossível identificá-lo por via dêsse documento.

O mais provável, porém, é que êle nunca tenha feito viagem alguma e, pois, jamais se tenha servido de passaporte, falso ou verdadeiro.

Quanto a mim, sua única viagem pela qual ponho a mão no fogo, é aquela que fazia pelos inumeráveis e enluarados caminhos do corpo de Helena.

Pois havia longos e desconhecidos mundos no corpo de Helena. Da nuca à cintura fina era um mundo. Da cintura às ancas eram vários. E das ancas aos tornozelos era todo um abismo de países cósmicos. Isto, para falar apenas nas regiões ocidentais, pois a leste se consumiriam séculos no percurso de sua inexgotável geografia erótica. E norte? E sul? E os rios de ouro e neles as orelhas ocultas e o calcanhar redondo e as axilas de musgosa seda?

Para essas viagens, porém, é claro que não precisava de passaporte, o mesmo se podendo dizer daquelas que, de vez em quando, empreendia com Helena a bordo dos barcos da memória.

Ela, às vêzes, não conseguia ler com exatidão a bússola dessas viagens.

E perguntava, meio aturdida:

— Não era eu mesma a mulher do bar?

Estêvão se lembrava de que a sala estava muito escura e ainda agora apertava os olhos, como se tentasse reconstituí-la. Como se pretendesse, na distância do tempo, romper a névoa e a meia-luz do passado e enxergá-la de novo e enxergá-la melhor, no canto penumbroso do salão, os cabelos de ouro. E atrás dêles os olhos, na rasgada cortina a esmeralda coruscante.

Ela talvez não se dera conta da destruição do bar, nem lhe passava pela cabeça que o tivessem destruído por sua causa.

Mas de repente, como se um clarão tivesse iluminado tudo, perguntava:

— E por qual outra mulher terias podido derramar teu sangue e sido assim tão bravo, tão forte e tão completamente triunfante?

De fato, êle não sabia.

E era então que ela se lembrava de outras coisas, de outras pessoas e de outros fatos. E de outros lugares.

A sala de visitas, por exemplo. De resto, não era tanto pela sala de visitas, que entrara. Era pelo álbum de retratos.

Não sabia muita coisa. O nome e o retrato. Nem podia saber mais. Pois eram as únicas coisas que restavam de Gabriel.

O nome, ela o ouvira algumas vêzes, cochichado pelos mais velhos.

Naquele tarde, a mãe e as tias o pronunciaram mais alto e quando perceberam que ela entrara na sala, interromperam bruscamente a conversa, como se tivessem dito uma inconveniência diante de uma criança.

Nem sabia mesmo porque secreta intuição se habituara a ligar o nome ao retrato.

Era um velho retrato desbotado, esquecido num canto do álbum de família. O retrato de um grande rapaz moreno, de olhos tristes e bigode cheio.

Não gostava de falar sôbre o retrato de Gabriel e parece que, mesmo a Estêvão, o fazia penosamente.

Tinha o vago pressentimento de que se tratava do retrato de um irmão. Porque estava junto do de Miguel.

Várias vêzes perguntara em casa quem era aquêle rapagão de cravo no peito, que tinha o retrato ao lado do de Miguel.

Desconversavam sempre. E nunca deram uma resposta.

De forma que era a única coisa que conhecia de Gabriel: o nome e o retrato.

E agora aquêle telegrama que lhe haviam ocultado de todos os modos, mas que acabara encontrando na escrivaninha do pai:

— Gabriel chega em agôsto.

Leu com tanto mêdo e tão às pressas, que nem sequer viu quem o assinava.

E de repente se deu conta de que não era apenas o retrato e o nome de Gabriel que tinham em casa.

Dentro de todos, dos que sabiam da história e dos que não sabiam, havia uma presença muito mais viva: a de seu mistério e de seu demônio.

Depois, com aquêle telegrama, o demônio de Gabriel se incorporara em sua pele, e o via por todos os cantos da casa.

Por mais que as tias, o pai e a mãe tentassem escondê-lo, como se fosse a mancha negra da família, a vergonha da casa ou a sua ameaça, não adiantava.

Para ela — não sabia por que, não se perguntava por que, Gabriel era mesmo a pessoa mais simpática e mais pura da família.

Naquela noite, quando se despia para dormir, teve a impressão de um beijo em seu ombro esquerdo, dado por Gabriel.

E o mais terrível é que não lhe parecia um beijo de irmão. A noite inteira ficou alí, sôbre a alvura de seu ombro, como o leve pêso de uma abelha pousada que não ousava espantar, com o frisson e a calidez de uma delícia pungente e perigosa.

Teve mêdo de estar amando Gabriel.

E de...

No dia seguinte, tôda a casa parecia dominada por uma estranha apreensão. Mudavam móveis dos lugares onde sempre estiveram, tomavam providências nervosas na cozinha, nos quartos de dormir, nas salas.

Mais ansiosa do que todos, ela esperou o dia inteiro.

Debruçou-se à janela, contemplou os gerânios de seu quarto e estremeceu com êles, à brisa do crepúsculo.

À brisa ou aos presságios do crepúsculo. Porque começava a escurecer.

Não sabia quantas horas deveria ser, mas a noite já podia mais do que o dia na barra do poente.

De súbito, pareceu-lhe perceber uma coluna de poeira que se levantava ao longe, entre o azul do céu e o chão alaranjado da estrada.

Tinha os sentidos tão inexplicàvelmente apurados que parecia distinguir o tropel de um cavaleiro solitário no meio da poeira longínqua.

Quase tinha a impressão de ver entrar-lhe pelas narinas o cheiro do suor de um cavalo baio embaralhando os cascos na terra dura e sêca do caminho.

Não podia estar enganada: o tropel se aproximava, o coração se apressava no peito e o sangue nas faces.

Era êle, não podia haver dúvida e só lhe faltava vê-lo saltar da sela quando o animal rompesse a sombra dos cinamomos do pátio e pisando as madressilvas do jardim, riscasse à porta da casa.

Não sabia porque, mas tinha certeza de que o cavalo ou o cavaleiro — um dos dois — ia esmagar as madressilvas.

Nesse instante, houve, de fato, um tropel, mas foi na escada que conduzia ao seu quarto, onde chegou, alvoroçada e misteriosa, uma das velhas tias, e ordenou-lhe que fechasse a janela, ficasse recolhida ao quarto, e não descesse, nem para jantar, enquanto não a chamassem.

Resolveu então deitar-se. Estendeu-se descalça sôbre a cama. E como um súbito calor a começasse a atormentar, despiu-se completamente, estirou-se sôbre os lençóis de linho, deixou relaxar-se o corpo, acariciando e contemplando indiferente os pequenos seios côr de rosa.

Pouco a pouco, foi sentindo um profundo cansaço, um cansaço irresistível, como se tivesse acabado de subir uma montanha e não aguentasse mais. A invencível lassidão a ocupava tôda, da

ponta dos pés à ponta dos cabelos, como se tivesse sido subjugada por um esfôrço superior às suas fôrças.

Por fim, rendida ao torpor que já lhe invadia tanto o espírito como o corpo, à suave curva dos seios abotoando as pálpebras, adormeceu.

Não a vieram acordar para o jantar. Esqueceram-se dela.

A madrugada ia alta, quando uma rajada de vento a despertou, escancarando a janela.

Pôs-se de pé, nua, no meio do quarto e caminhou para fechar a janela.

Embaixo, êle acabava de enfiar os freios de prata nos dentes do cavalo, que relinchava sacudindo as crinas, e com um pé no estribo passava já a outra perna sôbre a sela de vaqueta ruiva.

Foi quando olhou para cima e viu seu rosto entre os gerânios.

A estrêla da manhã, pendida do céu diáfano, parecia fulgurar em sua testa.

Ela também o viu, levou por um instante as mãos aos seios, num gesto de instintivo recato, mas logo depois não se lembrava mais disso.

Pois ali estava êle, parecendo saído do velho retrato do álbum, os mesmos olhos tristes, o mesmo bigode cheio, a testa mais morena e mais viril sob o luar de agôsto.

E o cavalo, ao luar, parecia verde, com uma cauda de ouro e as crinas de ouro.

E quando seu sorriso grave e melancólico iluminou o aceno do bigode negro, nua como estava, saltou sobre a janela, lançou-se do peitoril e passou de seus braços vigorosos para a garupa do cavalo baio, que partiu vertiginoso, esmagando as madressilvas, no galope da madugrada.

Antes mesmo que, caído com seu salto, se espatifasse no chão o vaso de barro em que cresciam os gerânios de seu quarto, naquele tempo.

Essa história de Helena é vivamente contestada por alguns que sustentam jamais haver ela fugido de casa, muito menos na garupa de um cavalo e com um homem que nem sequer existia, pois Gabriel era apenas um desbotado daguerrotipo perdido numa página de álbum de família.

Aliomar, êsse então, apega-se ao detalhe dos gerânios destruídos à queda do vaso da janela, para dizer que tudo não passa de uma lenda, pois nunca se destruíram, nem sequer existiram, gerânios naquele tempo.

Eu, porém, não discuto mais com Aliomar.

O fato de Gabriel estar hospedado nos tons amarelos de um retrato antigo não quer dizer nada contra sua capacidade de montar a cavalo e roubar môças na garupa em noites de lua cheia.

Eu mesmo conheci um pungente conde alemão, num velho retrato que está no Castelo de Kronberg, e que costumava descer da parede para explicar-me, com seus olhos vagamente sonhadores, o sentido da legenda latina que o pintor lhe puzera no quadro:

— *"O quem te memorem."*

Chegava, mesmo, às vêzes, a perambular comigo pelas alamêdas do parque, suplicando-me, com seus amargos olhos azuis, que o acompanhasse ao famoso "trottoir" das ruas noturnas de Frankfurt.

É certo que não estou muito seguro da existência dêsse conde e continuo mais ou menos embaraçado com a tradução de sua legenda latina.

Sôbre ela consultei mesmo meu amigo Arimatéia, que é padre, latinista e muito competente na identificação de vivos e mortos. Êle é de opinião que não se trata exatamente de um conde do Reno, mas de nosso amigo Joaquim, misteriosamente pousado na parede daquele castelo, com a mesma doce e inesperada surpresa com que sua presença inteligente, leal e pura, amava quebrar a sua e a nossa solidão nos longos serões de um distante junho.

É verdade que essa interpretação deixava um pouco perplexos a Mauro e a Vicente Gaspar, companheiros nossos naquele tempo, pessoas de coração abundante e limpo, que se punham, de repente, a pensar se se tratava de uma simples brincadeira de Arimatéia, ou se seria êle mesmo uma vaga figura de nossa fantasia, quem sabe o forasteiro anjo de Tobias. E que de súbito, quando menos se esperasse, de dentro de sua batina preta se desprenderiam suas brancas azas de anjo, para desaparecer na tarde azul, sob o olhar atônito do Padre Assis, perdido, afinal, na aromática fumaça de seu charuto e no evaporado rubi de um anel de bispado.

Quanto a mim, espero sempre ver animar-se um rosto na desmaiada sombra de um retrato.

Pois até mesmo um poeta mestiço que viveu em terras de Portugal conta haver visto, certa noite, num velho palácio lisboeta, ao som de um cravo antigo que revivia, de súbito, uma esquecida música do passado, descer inesperadamente de um quadro da parede uma formosa açafata, que deslisou pelo salão, dançando airosamente o airoso minuete.

De forma que não parece justa qualquer objeção ao retrato de Gabriel.

O que é mais grave é a dúvida que se levanta sôbre a existência dêle, que parece nunca ter sido averiguada por ninguém, nem em pessoa nem em retrato.

Há, inclusive, quem sustente que êle nunca se chamara Gabriel e nunca usara aquêle bigode, aquêle casaco escuro e aquêle gerânio à lapela, com que aparecia no retrato. E que tudo não passava de mais um pseudônimo e mais um disfarce de Estêvão.

Pois Estêvão costumava, naquele tempo, usar diversos nomes supostos, fantasiando também a aparência com tôda sorte de máscaras e disfarces.

É bem possível que isto acontecesse, e esta seria, mesmo, uma das razões de tanta dúvida e controvérsia em tôrno de sua história, agravada ainda pela suspeita de que o famoso retrato não passaria de um desses refinados "close-ups" de que era capaz a sensibilidade de Patrício, em composições cinematográficas tomadas ao rosto adolescente de Tomás, Raul ou Augustin, quem sabe Tito, naquele tempo.

Tudo é possível, e esta seria, mesmo, uma das razões de tanta dúvida e controvérsia em tôrno dessa história de Estêvão e Gabriel.

Aliomar chega a insinuar que Estêvão talvez tivesse sido um vago e suspeito personagem foragido da polícia ou da justiça. Esta, porém, é mais uma infâmia daquele velhaco imbecil, que nem deveria ser referida aqui. E se tivesse algum fundamento deixaria muito mal a polícia, que nunca andou bem, aliás, e a justiça, pois a inocência era a própria natureza de Estêvão.

Helena sabia disto.

O que ela não sabia, ou não podia, era continuar e terminar aquela viagem no galope da madrugada.

Mas lembra-se perfeitamente da vigorosa doçura com que seus braços a apearam da garupa luzidia do cavalo, reclinando-lhe sôbre a relva e o orvalho o corpo nu. E da pudorosa pureza com que seus olhos a percorreram, da cabeça aos pés, não como se a estivessem olhando. Mas como se a vestissem, se lhe cobrissem o corpo inteiro com a fina talagarça de um desejoso pudor.

Lembrou-se disso. E como Estêvão, acariciando-lhe os dedos, procurasse ler no seu rosto o final de tôda aquela história, ela encontrou seus olhos numa risada clara:

— Mas não eras tu quem me esperava no cavalo baio quando eu senti o cheiro das madressilvas pisadas?

— E que outro homem te poderia levar, no galope da madrugada? — perguntou êle.

Ela se punha sonhadora:

— Sim, que outro homem, quando o cavalo verde sacudia a cauda e as crinas de ouro, ao luar de agôsto...

Lá fora, parecia fora de dúvida, continuavam a destruir a cidade.

— Por que a estarão destruindo? — perguntava Helena.

Bem que Estêvão se lembrava de outras, também riscadas do mapa pela fúria do destino.

Há quem sustente que êle se encontrava lá, naquele tempo, embora outros cronistas o registrem apenas como um turista distraído, um turista a mais, entre as ruinas de Pompéia.

Um turista, é possível. Mas nunca um turista distraído. Pois êle não se distraía nunca. Estava sempre com a atenção ocupada e preocupada e o coração media o minuto e o dedo sábio tomava e marcava o pulso do tempo. Era, mesmo, o único homem que não estava distraído, naquele tempo, o único que se dera conta da destruição da cidade, desde a morte de Godofredo.

Pois parece que todos os outros, mesmo os que estavam materialmente empenhados nas obras de demolição, se absorviam de tal forma nas práticas de sua tarefa, que se esqueciam da própria tarefa. Estavam todos mergulhados na traição e na distração, traíndo-se e distraíndo-se.

Só Estêvão não se traía nem se distraía. E quando Helena se inquietava com a necessidade de alguma ação para impedir a destruição da cidade, êle contava histórias, como a de Estanislau.

No fundo de seu convento, Estanislau jogava peteca. O velho Padre Mestre descrevia e argumentava o terrível passo da hora da morte e a necessidade de preparar-se com todos os cuidados para o instante irreversível dêsse jogo decisivo, à porta da eternidade. Depois, perguntava aos jovens aprendizes de asceta o que faria cada um dêles, se soubesse que, dentro de dez minutos, chegaria a sua vez. Todos se recolhiam apavorados. Um iria correndo prostrar-se aos pés do confessor e implorar o perdão. Outro, cairia de joelhos no chão da capela, chamando tôdas as suas fôrças para a

contrição. Outro ainda, na humildade de sua súplica, invocaria, esmagado, a misericórdia do implacável Juiz.

— E tu, Estanislau?

— Continuaria jogando peteca.

— Êste — explicava Estêvão — nunca se distraíra do jogo e estava sempre atento à última parada.

— Não te lembras também — perguntava — daqueles companheiros em Pompéia?

Era tão vivo seu sentimento daqueles companheiros, que não parece possível haja estado ali apenas como turista.

Tinha, para sempre, diante de si, a figura comovida daquele jovem tocador de flauta. A cidade inteira estava ardendo e cobrindo-se de lava. E êle continuava soprando sua flauta numa esquina, cantando a última cantiga, quem sabe à sua cidade, quem sabe à porta de Fúlvia Caecilia, também ela petrificada no átrio de sua vila. De qualquer forma, à porta da eternidade.

E ainda hoje parece haver uma rara doçura em seus olhos de pedra, uma serena elegância nos dedos escandidos sôbre o instrumento e um frêmito de amor nos lábios túmidos que sopram para sempre. Nem por outra razão guardaria até hoje a imagem de Fúlvia Caecilia a mão em concha na embevecida orelha. Pois assim morreu, assim vive em sua pedra, para sempre ouvindo uma canção de amor.

E aquele casal apaixonado?

Praticavam o amor.

Quando a ígnea rocha líquida começou a cobrir a cidade, êle continuou com seu corpo vigoroso montado sôbre ela, a mão por baixo de sua nuca, as narinas farejando-lhe a orelha.

E ainda hoje os amantes de pedra parecem beijar-se e talvez, à lua mediterrânea, ainda estremeçam de noite os seus quadris morenos no movimento de amor de uma ternura fálica imorredoura. E ao aroma de sua orelha se dilatem levemente suas narinas moribundas.

— Por êles — concluía Estêvão — a cidade não foi destruída. Está para sempre viva num sôpro de flauta. Num frêmito de amor. Para sempre.

— Mas se não temos uma flauta — sorria Helena.

— E a rosa?

E caía sôbre ela e do esmagado alanceado sexo parecia saír o canto do galo-de-campina, enquanto lá fora continuavam os estrondos da demolição.

Pois estavam destruindo a cidade, naquele tempo.

VII

Os Funerais

Alguns cronistas daquele tempo pretendem não estivesse Estêvão alheio às maquinações que resultaram na destruição da cidade. Explicam, mesmo, sua fuga para o interior do subterrâneo como recurso que encontrara para escapar à cólera de alguns indignados defensores da cidade. Outros entendem que se escondera ali à raiz de desentendimentos com determinados cúmplices da destruição. Pois parece que havia alguns que desejavam uma destruição planejada e por etapas, enquanto outros, extremados e radicais, se batiam por uma destruição fulminante, que estourasse de um só golpe as casas e as ruas, como ao ímpeto de uma bomba arrasadora.

Nem parece fora de propósito a teoria dos que admitem haver a destruição da cidade começado exatamente com êsse dissídio entre seus pro-

motores que, divididos e apaixonados pelo problema tático, se engalfinharam numa luta de vida e morte, destruindo-se a si mesmos e a tudo que lhes estava em volta.

Esta, porém, como tantas outras, é apenas uma teoria a mais e não importa examiná-la, a esta altura dos acontecimentos, quando já tudo se desencadeara para a destruição da cidade.

O que é preciso, porém, embora isto seja simplesmente óbvio, é repelir a caluniosa suposição de que Estêvão tivesse a mais remota cumplicidade com os empreiteiros da demolição. Trata-se de uma infâmia que nem deveria ser referida aqui. Só mesmo a leviandade e a estupidez de Aliomar a mencionariam, para dizer que se fosse verdade haver existido Estêvão, naquele tempo, tanto poderia êle estar entre os que destruíam, como entre os que defendiam a cidade.

Não se pode, porém, perder tempo com as alienações de Aliomar, que é, sobretudo, um incompetente em Estêvão, em cidades e em tudo que lhes diga respeito.

No fundo do subterrâneo continuaram dispostos a viver. Porque viver era resistir. Quando se davam conta do alcance dessa resistência, percebiam que sua própria destruição e a destruição da cidade estavam intimamente vinculadas entre sí.

Daí, talvez, a opinião de alguns cronistas que, fundados no relatório de um explorador alemão, enviado à Sociedade de Pesquisas Geográficas, entendem que Estêvão e Helena nunca existiram, não passando de dois povoados ao sul de Coquimbo,

destruidos uma noite por um desses terremotos mais ou menos frequentes naquela região.

Trata-se, porém, de uma informação tão imprecisa que, ao fim de algum tempo, os próprios exploradores alemães se dividiram em dois grupos: um que atribuía a destruição daqueles povoados ao abalo sísmico, outro que a dava como resultante de um dêsses tufões regularmente assíduos a certas costas do Pacífico, carregado de densa e fétida nuvem sulfúrea e parecendo desentranhado do fundo do inferno. Pois tôda a região ficara coberta de enxofre. Mas até os partidários desta tese estavam divididos: no esfôrço de prová-la, puzeram-se a pesquisar, nos registros da época, os nomes dos tufões, que costumam ser designados com êsses apelidos femininos que se dão, geralmente, às mulheres fáceis ou às matronas intrigantes. E uns concluiram que se tratava de um tufão denominado Querme ou Kelma, enquanto para outros se chamaria simplesmente Nhanhá.

Isto, sem falar ainda na opinião de um geólogo russo, que sustentava uma terceira tese: a de que não fôra terremoto nem tufão, mas uma erupção vulcânica que destruira os dois povoados.

Tão controvertidos resultam êles, afinal, que o certo é que ninguém até hoje os conseguiu localizar, retiradas que foram, pela Sociedade de Pesquisas Geográficas, diante de tantas contradições, as verbas inicialmente destinadas a trabalhos de excavação.

De forma que nunca aquelas supostas ruínas estiveram diante dos olhos de ninguém, e não há porque acreditar nelas mais do que em Estêvão e Helena. Pois os dois estavam ali, êle na flor de

seus doze anos, diante dos corpos de Godofredo e Laura, que continuavam insepultos à porta da gruta e ofereciam aos dois sobreviventes o testemunho da própria morte. Pela cidade estavam mortos.

Nem adianta aqui repetir a infundada opinião dos que contestam a morte de Laura e Godofredo naquele tempo. Pois contra ela se ergue a cuidadosa celebração dos funerais que lhes promoveu Estêvão.

Na verdade, continuavam estendidos no chão da gruta, aonde os recolhera, os corpos de Laura e Godofredo. E Margarida. Foi para ela que se voltou primeiro a atenção de Estêvão, que não mais a fitara desde o dia em que ela viajara da festa para a morte.

De fato, ela estava alí. Sobre touceiras de violetas, estava ali. Já lhe cresciam as flôres em tôrno da figura, e algumas pareciam brotar da concha de sua orelha, do canto da bôca, das narinas afiladas.

Mas ninguém a diria morta. Tinha-se a impressão que, de repente, as duas pequenas flôres azuladas sôbre os lábios começariam a tremer na haste, como se a brisa de seu hálito as voltasse a soprar.

Mas não. Permaneciam imóveis. Helena afastou as folhas e as flôres e ao luar dos olhos verdes iluminou o rosto da morta. Também ela tinha os olhos abertos. Também ela tinha os olhos verdes. E apezar de vidrados, havia ainda na pupila uma lágrima, a única coisa que continuara viva no rosto da morta. De forma que as pupilas guardavam,

no seu verde, a vaga côr das folhas no princípio do outono, quando começam a cobrir-se de uma sombra dourada.

Tinha os olhos de ouro.

Mas não era apenas a lágrima. Os cabelos também estavam vivos e eram também de ouro. Seria dêles, ou dos seios redondos, aquêle cheiro fresco e limpo da flor dos limoeiros?

Estava completamente nua, nua e casta na alvura imóvel de seus membros perfeitos, as maçãs do rosto ainda levemente carminadas, o lábio polpudo e liso parecia haver-se detido para sempre no momento exato em que se preparava para um sorriso ou para um beijo. Quem sabe para uma palavra.

De forma que dormia em seu leito de folhas, como dormem os mortos em seus leitos.

E parecia esperar. Como os mortos parecem esperar, em seus floridos barcos, a alegria do paraíso. Ou, pelo menos, o fim das tediosas horas do velório.

E quando Helena terminara de afastar as folhas, entre o verde e o verde desabrocharam suas feições aos olhos de Estêvão, como uma rara flor noturna que nunca mais se repetiria.

"Tanto era bela no seu rosto a morte."

— É preciso sepultá-la — concluiu Estêvão, repetindo o que já dissera ao encontrá-la morta, no dia da festa — enterrá-la. Plantá-la de nôvo, para que volte a florescer.

— Onde? — perguntou Helena.

— "Na touceira do amor
no regaço
da terra."

E como se estivessem acertados por uma combinação prévia, começaram os preparativos para os funerais.

Na verdade, é difícil situar os funerais de Laura, Margarida e Godofredo, naquele tempo. Pois, para uns, Estêvão teria simplesmente juntado os tres corpos, sepultando-os à entrada da gruta, sob um monte de folhas aromáticas, crescendo depois, sôbre êles, tufos e moitas de hortelã, cidreira e madressilva.

Para outros, teria êle cremado os cadáveres, espalhando, depois, as cinzas aos quatro pontos cardeais.

E há, ainda, os que sustentam que não houve funeral algum, mesmo porque Laura, Margarida e Godofredo nunca morreram.

O que parece fora de dúvida, porém, é que os funerais se realizaram naquele tempo, tudo levando a crer, dado o grande acompanhamento de pessoas que os seguiram, tenham êles ocorrido exatamente após a festa em que tombou Margarida. Parece, mesmo, possível que a festa se tenha realizado precisamente para prestar aos mortos a homenagem dos vivos, que se preparavam para acompanhá-los. De resto, nenhuma tarefa é mais adequada para os vivos do que esta, de acompanhar os mortos — prefiguração da tarefa suprema de que um dia nos ocuparemos por inteiro.

Muitos anos depois Estêvão ainda se lembraria de que a cidade inteira estava fechada e havia, como sempre, uma única loja aberta. No alto da parede ostentava uma placa:

AZOCAR FUNERALES

Não é possível informar ao certo porque estaria tôda a cidade fechada àquela hora, aberta apenas a loja de funerais. Segundo certas opiniões, a cidade inteira suspendera seus trabalhos para assistir ao entêrro de Margarida. Para outros, é que já haviam começado os trabalhos de destruição, nos quais se ocupava furiosamente a população, que, por isto mesmo, desocupara tôdas as casas.

Estêvão não deu maior importância ao fato. Estava habituado a ver a cidade inteira fechada, com aquela única casa em função. Isto acontecia sempre durante a noite ou mesmo durante o dia, em tempos normais, entre as doze e as quatro da tarde, por exemplo, quando encerravam tudo para a sesta.

A loja dos funerais não baixava nunca suas portas, numa vigília incessante, perpétua, ameaçadora e consoladora a um tempo.

Nas tardes de primavera chegava a ser fantástica a cidade em sua estranha e bela soledade: tudo fechado. Abertas apenas as flôres dos quintais e as portas de AZOCAR FUNERALES.

Nenhum cronista sabe informar com segurança — eu muito menos — se aquela designação correspondia ao nome de família do profissional

que parecia deter, na cidade, o monopólio da viagem da morte, ou se indicava um tipo especial, uma patente ou marca de entêrro de determinada qualidade. O que, de resto, parece carecer de maior importância, pois, para quem se enterra, tanto dá fazê-lo assim como AZOCAR.

Todos êsses detalhes, aparentemente irrelevantes, podem ter exepcional importância na história de Estêvão, pois há grandes esperanças de que um dia sejam localizados os arquivos de AZOCAR FUNERALES e neles se encontre, a mais da competente fatura, as certidões de óbito de Laura, Godofredo e Margarida, com a "causa mortis" de cada um dêles, a data do passamento e até a relação de pessoas que compareceram às exéquias e alí teriam encomendado corbeilles de flôres e coroas fúnebres.

Trata-se de uma esperança não de todo insensata, pois, levando-se em conta a grande experiência e competência profissional de AZOCAR FUNERALES, é perfeitamente razoável supor haja êle tido cuidado e êxito em recolher e embalsamar seus próprios arquivos.

De qualquer forma, aí ficam essas notas sôbre aquela notória casa funerária, que podem ser de muita utilidade a eventuais pesquizadores que se interessem por essa história. Salvo se os mortos de Estêvão houverem sido enterrados por outra emprêsa, ou simplesmente incinerados na gruta, como supõem alguns. Ou, o que é mais grave, se nunca houver existido AZOCAR FUNERALES — conforme sustenta o indefectível Aliomar, para quem, naquele tempo, nunca se realizavam funerais e, pois, não podia haver emprêsas dedicadas a um ramo de comércio inexistente.

Não estou aqui, porém, para perder mais tempo com Aliomar, que é, da cabeça aos pés, incompetente em matéria de funerais, como tudo o mais que se insere na zona do destino ou do mistério dos homens.

Uma coisa parece certa: ninguém sabe explicar onde — a não ser em AZOCAR FUNERALES — teria Estêvão encontrado carruagens tão suntuosas, com seus penachos dourados e aquelas soberbas parelhas de cavalos melados que as puxavam quase em passo de dança.

Sôbre os caixões de lavrado cedro, Helena copiara a rosa. E era cercados de rosas que os corpos descansavam nos caixões, que permaneceram abertos até à hora de descer à terra, para que todos pudessem contemplar no pulcro rosto dos mortos a serena vida.

Diante dos corpos de Laura e Godofredo, todos passavam compungidos e silenciosos. Os homens se descobriam e as mulheres e as crianças lhes deixavam uma flor.

E os dois mortos, com a cabeça docemente inclinada para o lado, os olhos abertos, um ao outro se fitavam enamorados. E assim seria por tôda a eternidade.

Diante do corpo de Margarida, porém, todos se detinham e rompiam num pranto inesperado. Seus verdes olhos dourados pareciam buscar alguém na multidão e todos se sentiam fitados por êles. Por isso choravam. Sabiam que aquêles olhos não haviam conseguido encontrar aquilo que os de Laura contemplaram para sempre: o rosto do amor.

E as mulheres passavam e despejavam sôbre o caixão de Margarida suas lágrimas, seus clamores e suas joias.

De repente, irrompeu o grito de alguém que se debruçara sôbre ela:

— Berenice! Berenice!

E a multidão inteira prorrompeu:

— Berenice! Berenice!

Neste instante, passando por cima de homens e mulheres, Estêvão aproximou-se do cadáver. E como se estivesse imolando sôbre êle a própria voz, sacrificando-lhe um nome como se sacrificavam outrora as ovelhas degoladas, arrancou das entranhas a palavra e depositou-lhe na bôca, com um beijo:

— Margarida! Margarida!

A morta fechou, então, os olhos. Ninguém sabe se num milagre espontâneo, se à doce pressão dos dedos ou dos lábios de Estêvão sôbre suas pálpebras.

Helena cerrou os tres caixões e sôbre a tampa de cada um estremeceu a rosa que pintara.

Começou, afinal, a marcha e o ondulante cortejo seguia os coches. E às vêzes era um silêncio de sagrado terror e às vêzes o tom gregoriano de um salmo penitencial despertava o suspiro da hetaíra grega e contagiava a cigana, a dama florentina, a habanera, a odalisca, os saltimbancos. Pois todos êles se encontravam nos funerais de Margarida, ao longo de cujo percurso começaram a jorrar tantas lágrimas e brotar tantos soluços, que se tinha a impressão de que a multidão caminhava sôbre um tapete de soluços.

Até que, de repente, sem que ninguém soubesse de onde viera a ordem, a música estrugiu com tôda a fôrça dos vigorosos instrumentos de sôpro e percussão, parecendo uma banda marcial, tocando marchas e dobrados que não tinham qualquer conexão com o acontecimento.

Na altura da grande praça, o cortejo deu tres vêzes a volta no quadrado das ruas, para que de tôdas as casas se visse sôbre o coche suntuoso a imensa rosa de ouro que vicejava sôbre o caixão de Godofredo.

Há cronistas que contestam, vivamente, esta versão, sustentando que nada disso ocorreu e que o que se está fazendo aqui é uma evidente confusão histórica com o entêrro de Edgar e os funerais de Marilena e Marilu, que teriam ocorrido naquele tempo. É possível. E houve também o entêrro de Manolo, durante o qual se desenrolaram cenas mais ou menos semelhantes.

É bem possível, inclusive, que essa confusão só se venha a esclarecer quando forem encontrados os arquivos de AZOCAR FUNERALES, onde, afinal, poderá estar documentado que Marilena e Marilu eram apenas pseudonimos de Laura e Margarida, cujos corpos, seja como for, acabaram depositados, juntamente com o de Godofredo, à beira das tres sepulturas abertas na terra fresca.

E êsse foi o momento terrível. Pois quando os coveiros desceram os caixões ao fundo da cova e se preparavam com as pás para cobrí-los de pedras a multidão avançou sôbre as ferramentas. E todos conseguiram arrebatar uma pá, uma picareta, um enxadão. E furiosamente, mas de uma

forma que parecia obedecer a uma implacável ordenação, começaram a cavar sepulturas, fileiras de sepulturas, nas quais tentavam sepultar uns aos outros. Alguns se sepultavam a si próprios, convencidos de que, depois da morte de Laura e Godofredo e Margarida, estavam todos mortos.

Esta, pelo menos, é a versão de Manolo, o diplomata espanhol que costumava sair comigo à noite, para a sopa de tartaruga e o copo de vinho e e que, embora continue perambulando entre os vivos, sabe, perfeitamente, que está morto há vários anos. E para informar de mortos, ninguém melhor que os próprios mortos.

De resto, depois de consumada e consumida a existência de Laura, Godofredo e Margarida, que terá sobrado ainda da vida e do amor, de sua fruição e de sua busca?

Há indícios muito fortes de que foi alí, à beira daquelas sepulturas, à imóvel e poderosa regência dos tres mortos, com as ferramentas que lhes haviam cavado as covas, que os homens e as mulheres se desenfrearam e começaram a destruir a cidade.

Porque, segundo tudo indica, estavam destruindo a cidade, naquele tempo.

VIII

A Mão de Dona Úrsula

De repente, acordou. Sentiu que tinha dentro da bôca o pequeno seio de Helena e que ela também o guardava dentro de suas entranhas. Assim tinham dormido.

Lá fora, trovejava o baque dos desabamentos, porque continuavam a destruir a cidade, naquele tempo.

Levantou-se, cobriu-a com a pele de vicunha que retirara da cama de Jacqueline no dia da festa e começou a produzir-se no meio da gruta.

Verificou-se grande, forte e macho. E mais do que isto: sábio de sua sobrevivência no meio da catástrofe.

Sepultara os seus mortos e fecundara sua mulher.

Apanhou, ao acaso, as roupas que se espalhavam pelo chão e incorporou-se nelas: a velha cami-

sa de malha azul com que se vestiam Raul e seu Arlequim, peças de roupa de homem e de mulher, as calças que Marilena despira para entregar-lhe o corpo, a écharpe que arrancara dos ombros de Lúcia Isabella, a esclavina roxa que arrebatara pela cabeça de Sônia ou de Sandra, já não se lembrava bem, deixando-a completamente nua, no meio do salão, com seus cabelos champagne, a gargalhada selvagem lacerada nos dentes. E anáguas de sedas e lãs macias, de Luzia, de Neyde, de Michelle, de Carmen, de Kátia, de Rosinha — de quem, meu Deus, de quem não? — e as sandálias prateadas de Dolly, o cinto dourado de Dora e o pesado sobretudo de seu pai.

De novo pensou: grande, macho e forte. Era esta a sensação que o dominava. Lembrou-se de Godofredo, também êle estava assim no dia em que parecia suster nos braços a casa ameaçada. Tão forte que, se tivesse fome, se levantaria tranquilamente como Aquiles, degolaria uma ovelha, enfiaria o animal inteiro em sua longa lança de ferro e, rodando-o sôbre o brazeiro, ali mesmo iria devorando os nacos.

Chegou ao meio da gruta, sob a abóbada fendida e rôta. Plantas, dessas que crescem entre as pedras, cobriam a fenda como uma claraboia de folhas.

Por essa verde claraboia de avencas um feixe de luz se projetava sôbre seu vulto enorme, uma luz verde e fantástica e que parecia ter o aroma das hervas da gruta, de suas folhas e de suas raizes. Sentia à arruda e à mangerona, à ipecacuanha e ao acônito.

Debaixo dêsse foco de luz, estacou. Como um ator de tragédia no meio do palco.

Foi esta, de resto, a primeira impressão de Helena ao despertar:

— Pareces um ator, sob essa luz de teatro.

E ao aproximar-se mais, não conteve a surpresa: teve a impressão de que êle havia envelhecido mil anos. Foi olhar de perto, fixar nos olhos o número de seus anos.

Mas quando lhe acolheu o rosto na concha das mãos, sob o mesmo feixe de luz da qual rescendiam o acônito e a baunilha, como de um prato fumegante se ergue o cheiro do cravo ou do coentro, deteve-se, espantado, também:

— Quantos anos tens?

Porque, envolta em sua pele de vicunha, pareciam mais redondos os quadris e mais maduros os seios. E tôda ela parecia uma imagem do outono, as feições crepusculares — embora, sem dúvida alguma, ainda muito formosa e muito fêmea. Estava, mesmo, como uma dessas mulheres descobertas por Pérez-Román, que, de repente, se põem muito belas ao crepúsculo.

— Mas ainda andas pelos doze anos — exclamou Helena, lendo-lhe a idade na pupila.

— E tu pelos dez.

Realmente, parece que, naquele tempo, como sempre, de resto, andava Estêvão pelos doze anos e Helena pelos dez.

Destacado, e todo êle verde, em sua imagem de esmeralda ao feixe de luz, a luminosa ilha suspensa sôbre o perene crepúsculo da gruta, tinha agora os olhos e o rosto de Zacarias. E sua voz milenar. Herói ou profeta, começou a falar:

— "Filho da noite! Em cada losango da epiderme povôas alguma de minhas muitas solidões.

Escuta: estou ouvindo uma voz."

E a voz retumbava no espaço côncavo, as palavras com seus alfanges miraculosos coruscando na penumbra. Vinham do alto da gruta ou do fundo dos abismos, eram a voz do poeta morto, há muito tempo morto. Morrera desde muito tempo, morrera completamente, mortos os cabelos, os membros, os olhos, as mãos, o próprio juizo. Só a voz permanecia viva e, por mais que houvessem tentado, não conseguiram metê-la no caixão e na sepultura onde lhe enterraram o resto do corpo e da alma.

Talvez porque suas palavras fossem imortais e a sepultura, segundo a honesta inscrição dos jazigos, não guarda senão os restos perecidos.

AQUI JAZEM
OS RESTOS MORTAIS
DE
FREDERICO HOELDERLIN

Não jazia voz. E sua lâmina ia talhando. E a sombra das espadas iluminadas ao duelo ágil escreve no rosto dos guerreiros o baile e a letra das cantigas da morte.

— "Aquêle que é sensível — o estóico cruel — os privilégios da criança, do adolescente, do homem de avançada idade.

Onipotência do Criador.

Filho da noite

Mas eu não quero mais viver
Adormecidos
hurlar
jogar
Assassínio e morte!
Lá..... estão
Selvagem espera em terrível armadura, os
milenares

Vai sempre livremente oferecido
Livre em tranquilo poderio de si
Entre vós ..... um."

E de repente, agora, era no rosto de Helena que fulguravam os olhos da Sibila sôbre a ensanguentada bôca da Sibila:

— "Os heróis eu poderia nomear
E calar sôbre a mais bela das heroínas.
A luz do sol me desperta alegrias passadas
Deuses te educaram, adolescente,

Com o sol desejo assìduamente, do nascer ao caír, caminhar veloz, às pressas, rumo ao grande arco, assìduamente com o canto seguir o grande, o curso do cumprir-se da velha Natureza,
E como o barão sôbre o elmo leva a águia ao combate e ao triunfo, assim queria eu que ela me levasse
Poderoso o desejo dos mortais.

Mas mora também um deus no homem, e êle vê passado e futuro e como da torrente remontando a montanha até à fonte, êle atravessa os tempos sorrindo

Do sereno livro de seus feitos êle é conhecido do passado por — aquêle que faz ofertórios de ouro Espírito da Natureza

CANTO DAS MUSAS AO MEIO-DIA

Catástrofe Phaeton

NOS TEMPOS DE SÓCRATES

Outrora regia Deus.
Reis.
Sábios.
e quem rege agora?
Rege, único,
o povo? a santa comunidade?
Não! oh. não! quem, então, rege agora?
uma raça de serpentes! covarde e falsa
não mais a nobre palavra
sôbre os lábios
Oh! no nome
eu te chamo
Prístino demônio! desce
Ou envia
Um herói
Ou
a sabedoria

EMPÉDOCLES SÔBRE O ETNA

A

Elíseos
Lá encontro
Entre vós, deuses da morte
Lá Diótima Heróis.
Pudesse eu cantar de ti

Mas lágrimas sòmente.
E na noite em que caminho se apaga para mim
Teu claro ôlho!
Espírito celeste.

SIBILA

A tempestade
Mas êles ultrajam
Sacodem vigorosamente a árvore e até as crianças enlouquecidas lançam pedras
curva os galhos
E o corvo canta
Assim passa a tempestade de Deus por sôbre
Mas tu canto sagrado.
E tu procuras, pobre marinheiro, o costumado
Olha para as estrêlas."

Calou-se. E todo o seu corpo estremeceu, caiu cansado o lábio e estava, tôda ela, no fulgor dos olhos. No êxtase. Na possessão. Dos deuses ou dos demônios. Ou de Estêvão que, tomando-a violentamente nos braços, lhe sorvia com furor a bôca, lhe lambia os lábios e o céu da bôca, como se quizesse engolir e lamber o resíduo de suas últimas palavras. Porque elas pareciam estar ainda ali.

Lembrou-se, de repente, de Godofredo e de sua observação: as palavras que pronunciamos regem, para sempre, a forma de nossa bôca. Formam, conformam e deformam, irremediàvelmente,

as linhas de sua geometria. Por isso era aquela cratera de esgôto no focinho de Raposo. Aquele risco torpe e torto, entre o suíno e a lesma, na cara de Aliomar, para quem, aliás, essas últimas imprecações de Estêvão e Helena eram mais uma prova cabal de nunca haverem êles existido. Pois um ser humano — sustentava Aliomar — jamais se manifestaria em expressões tão desconexas e insensatas.

Mas, por essas e outras é que a bôca de Aliomar tinha a forma que tinha.

Apalpou-se: seriam seus lábios como os de seu pai? A bôca viril e grave de Godofredo fôra, sem dúvida, moldada pelo sôpro das palavras. Como da pudorosa volúpia de sua sábia ternura estavam feitos os polpudos memoráveis lábios de Lúcia Isabella. E a bôca de Marilena da lasciva orquídea de seus afrodisíacos apelos, tantas vêzes despetalada sôbre seu corpo, ao mesmo tempo calorosa e fresca.

Beijava agora, e novamente, e sempre, a bôca de Helena e ela tinha a forma daquelas evocações de sortilégio que só as crianças são capazes de conhecer. As crianças, os poetas e as possessas. Quem seria ela? Que seria ela?

Agora ela estava chorando. Mas continuava fora de si e parecia não ver nada ao redor, tão grossa nos seus olhos era a cortina de lágrimas.

— Porque estás chorando?

Sua voz vinha dos abismos do ser:

— Por ti, por Margarida, por todos nós.

Seus olhos, atrás das lágrimas, como peixes luminosos sob as águas do mar claro, inventavam o mapa das profundezas, das irreveladas areias faiscantes, a impossível antofania das algas, dos corais, das galeras submersas, as condessas náufragas, e a selvagem espera, em terrível armadura — os milenares.

Sem olhar para êle, com mãos videntes lhe percorria o rosto, nas gemas dos dedos lhe recolhendo o molde.

Como se lhe pendesse da mão a descascada máscara, perguntou estranhada:

— Quem és tu?

Não respondia. Não sabia ou não podia responder. Talvez porque, nesse momento, um estrondo maior do que os outros lhe veio lembrar que estavam destruindo a cidade.

Um instante perplexo, não sabia se era Helena, e êle próprio, que se distraíam da cidade, ou se era a cidade que os distraía de si. Esquecera-se de tudo. E parecia espontâneamente mergulhado naqueles abismos de esquecimento.

Ela o interrompeu:

— Não há nada de nôvo sôbre a terra. Sempre, sempre estiveram destruindo a cidade. Sempre, para sempre o estarão. Mas nunca poderão terminar e exterminar. A destruição não tem fim e seus empreiteiros estarão sempre ocupados em começá-la de novo. Só a construção pode ser acabada, feita e perfeita.

E repetiu:

— Não há nada de nôvo sôbre a terra.

— Então — exclamou êle, como acordando de um sonho — tudo o que podemos fazer é repetir.

— E não sabemos nada de nôvo. Apenas nos lembramos. E tôda novidade não é senão esquecimento. Não te lembras do rei Salomão?

Bem que se lembrava agora de Salomão, do templo que construíra, com suas paredes de pedra, suas colunas de ônix, seus patamares de pórfiro, suas portas de prata e almug lavrado. Ao terminar de construí-lo, já não precisava mais dos músculos que carregaram os blocos de mármore e os assentaram, sàbiamente, uns sôbre os outros. Também se haviam cumprido as mãos consoante cujo risco se traçara no espaço a linha das estruturas. Como a própria imaginação que concebera tudo. Não precisava mais delas. Podia demiti-las.

Apalpou os próprios músculos, as próprias mãos. Helena agora o enlaçava e no roçado peito imaginou a redondez idolátrica de um par de seios.

Não queria demitir nada disso de sua vida, de si mesmo. E repeliu, como uma traição ao sôpro de sua alma e aos glóbulos de seu sangue, a sugestão que talvez um dia experimentara, de, sôbre as ruínas da demolição, construir de nôvo a cidade. Os músculos, as mãos, o imaginado seio de Helena ficariam sepultados nas entranhas dessa obra.

Havia um jovem poeta, no país de França, que sabia disso. E eu me lembro de ter lido o pungente lamento nos olhos de Michel, naquela tarde de Périgny, quando êle contemplava, no pátio de Marino di Teana, as mãos esquartejadas, as

pupilas arrancadas de Pérez-Román — dilacerado Orfeu — imoladas sôbre a acabada e devoradora beleza de seus quadros:

— Ainsi toute oeuvre est-elle épitaphe, inscription lapidaire, sur la grande tombe.

O túmulo de Román, não há dúvida, pois êle está morto, sem o saber, como o espanhol Manolo. E embora ainda apareça pelos cafés do Boulevard, invocando os anjos e a constelação do Cruzeiro — é êle mesmo uma estrêla do sul do hemisfério, dessas que há milênios não existem mais e cuja luz ainda se encontra em viagem pela terra. Luz de adolescência milenar, selvagem e pura, na fitologia virgem de seus verdes, na laranja de ouro de seus amarelos de sóis equatoriais.

E é aqui que Aliomar investe, com o mais veemente furor de sua lógica, contra tôda esta história, argumentando que jamais existiu qualquer das pessoas nela referidas, inclusive Pérez-Román, que seria um nome inventado pela fantasia de Michel para a frase do epitáfio. Mesmo porque, segundo êle, nunca se viu morto algum perambulando pelos cafés. E ademais, a realização de uma obra de arte — conclui — não provoca a morte, mas a imortalidade do seu autor.

Aliomar, porém, é um incompetente sem remédio em matéria de morte ou imortalidade, tanto assim que uma das provas que pretende arguir contra a existência de Estêvão e da cidade é o fato de não se conhecer sequer a ruína de uma obra de um ou de outro.

Pois, que restaria da cidade?

Helena sabia. Do fundo do esquecimento arrancara uma vez à velha gaveta da bisavó, mais volumoso e mais fatigado pelo tempo do que aquêle em que estava o retrato de Gabriel, um antigo álbum de família.

Encantava-lhe conhecer o rosto dos graves varões e das doces mulheres de seu sangue, alguns tão velhos como os próprios retratos, com suas roupas dessuetas, outros, como aquela jovem de cabelos soltos, parecendo guardar, sob o amarelo da gravura desbotada, intato através dos tempos o afogueado frescor dos dezessete anos.

Naquele tempo tinha acentuado gôsto pelas coisas de genealogia. Por isso, e mais, talvez, pelo fervoroso amor às fontes de seu próprio sangue, amava identificar os deslembrados rostos, com o sentimento de que, ao conhecer-lhes os nomes, lhes estaria conhecendo o melhor e o mais íntimo da vida.

Mas eram pessoas tão remotas no tempo, há tantos anos desaparecidas, que ninguém em casa lhes podia descobrir o nome.

Sabiam apenas que se tratava de velhos parentes, longínquos ancestrais da bisavó e que nem esta mesmo os conhecera pessoalmente.

Foi quando alguém lembrou o nome da irmã da tataravó, a velha Úrsula, quase centenária, que vivia retirada na fazenda da família, na enorme casa branca, alpendrada de taquaniça. A velha cuidara dêsse álbum quando menina e, informada pelos avós e bisavós, guardara a crônica e o nome, mesmo daqueles que não alcançara conhecer pessoalmente.

Helena selou o cavalo, partiu ao amanhecer, viajou o dia inteiro com o precioso álbum e chegou à noite à casa da velha.

Úrsula já dormia e não quiz despertá-la. Helena não conseguiu dormir e passou a noite folheando as grossas páginas trabalhadas pela côr do tempo, contemplando aquêles rostos bem amados que se tinham tornado verdadeira obsessão, o coração aos pulos, na ansiosa espectativa de clarear o dia para obter da velha a desejada revelação.

Quando se levantou, muito cedo, já a velha se encontrava em sua larga cadeira de balanço na varanda, tomando o primeiro sol e desfiando o rosário, os olhos semi-cerrados.

Aproximou-se, meticulosa. A velha percebeu o rumor de sua saia, quando ela sentou-se ao seu lado.

Abriu, lentamente, as pálpebras, como velhas persianas enrugadas pelo uso e lhe brilharam as pupilas azuis, limpas e infantis no velho rosto. Só os olhos não se lhe haviam envelhecido na figura, naquele mesmo contraste do jôrro de água sempre novo na pedra secular das fontanas de Roma.

Nem chegou a olhar para Helena. Pois antes de voltar a cabeça para seu rosto, como atraídos por um íman, os pequenos olhos de safira se cravaram na capa dourada do álbum.

Reconheceu: era uma coisa, um pedaço, talvez o hálito, quem sabe, o epitáfio de sua adolescência.

Ergueu a mão, sem dizer uma palavra, e Helena estendeu-lhe o álbum, abrindo-o sôbre os quadrados escocezes do *plaid* de lã que lhe abrigava as pernas.

A velha começou a folhear. Logo ao primeiro retrato, um maduro quarentão de bôca irônica e olhos oblíquos, se pôs a rir. Sacudia a cabeça e dizia:

— Êsse!...

Helena perguntou quem era, como se chamava, que sabia dêle.

A velha fêz um sinal com a mão, que não a interrompesse. Talvez não tenha feito sinal algum, porque não estava mais ali. Estava no passado, ocupada por sua gente.

Continuou olhando o rosto de olhos oblíquos, ria, sorria, deixava caír a cabeça para um lado, os ombros encolhidos na débil gargalhada, quem sabe que episódios ressuscitados de repente na cadeira de balanço da velha casa branca de varanda de tacaniça. Movia os lábios, como se dissesse alguma coisa, para si mesma ou para alguém que a estivesse ouvindo muito perto.

Afinal, pousou a mão sôbre o retrato, entre o pescoço e o queixo, como se lhe estivesse ageitando a gravata um pouco torta no colarinho. Num gesto que talvez haja feito, em noite de valsa antiga, a um canto do salão. Talvez em circunstância mais íntima, à saída de uma alcova. E talvez nunca, impossível desejo durante cem anos ensaiado e agora, afinal, consumado alí, naquela manhã de verão.

Acabou de ageitar-lhe o nó da gravata e virou a página:

— Êsse!...

Helena compreendeu que não devia interromper, antes que ela terminasse o álbum inteiro.

Já a velha pousara na segunda folha e olhava, ora para um, ora para outro, pois eram dois retratos.

Do oval empalidecido da gravura, o puro oval de seu rosto de fidalga portuguesa emergia da afogada gargantilha.

Portuguesa, ou mestiça? Pois era certamente trigueira, os grandes olhos negros largamente separados, sob fortes e longas sombrancelhas. Não sorria. Mas na altivez de seu rosto sédulo não havia dureza. Era, antes, de densa, inhuberante ternura.

A velha também não lhe sorria. Fitava séria e pensativa e passava os olhos com apreensiva amargura para o retrato ao lado.

Êle estava em pé, o braço repousado sôbre o alto espaldar de uma cadeira Sheraton. O chapéu-côco meio de banda sôbre a testa, a sôbre-casaca impecável, tinha a bôca amarga e os olhos desvairados, separados — ou unidos — por um profundo sulco na testa.

A velha olhou longamente o casal, com dorida contemplação, com angústia, depois com terror. O terror de quem encontrasse sôbre a cama numa alcova inadvertidamente aberta, um corpo ensanguentado.

Antes que soltasse um grito, deu um profundo suspiro e virou a página.

Helena acompanhava com emoção e ansiedade tôdas aquelas voluptuosas ressurreições, de cujo sortilégio ia ser também, em pouco, quando a velha lhe contasse tudo, possuída e possuidora.

Entretanto, a velha prosseguia. Lentamente. Às vezes demorava-se horas diante de um retrato. De vez em quando, ao deter-se com um dêles, uma

bela e pura mulher de estranho rosto asiático, aludia a uma data:

— Quatro de junho...

Diante de uma outra, de brilhantes olhos verdes e cabelos de ouro, suspirava:

— Vinte e quatro de junho...

Agora era um rosto infantil de um menino de oito anos:

— Trinta e um de maio...

Virava a folha e não dizia mais nada. Nem o ano a que se estaria referindo. Que importavam os anos, quando o tempo estava alí, cera plástica e dócil em suas mãos?

Ia volvendo. Até que chegou a certa página. Estremeceu. Fechou o livro sem olhar. Ficou, assim, longos minutos, talvez meia hora, diante do silêncio respeitoso e sôfrego de Helena.

Depois, vagarosamente, como se já todos os seus sentimentos não existissem mais, depurados e refinados numa clara serenidade celestial, abriu de nôvo no mesmo lugar e olhou. Olhou longamente.

Helena a examinava. Mas o rosto da velha permanecia impassível e inescrutável, os olhos limpos, na tranquila, jocunda paz do mortiço, imóvel reflexo das estrêlas imutáveis sôbre a face de um lago.

Durante horas contemplou aquêle retrato.

Por fim, passado talvez o dia inteiro naquela estranha viagem às sombras e às côres desmaiadas, fechou tranquilamente o álbum, fêz sinal a Helena para que o recolhesse. E passou a mão em frente à testa e os olhos, mas sem tocá-los. Como quem espanta uma mosca incômoda. Ou uma sombra.

Ninguém saberia dizer se havia um pingo de lágrima no canto de seus olhos ou o geito de um sorriso no canto de seus lábios.

Helena esperou que ela descansasse um pouco. Depois, explicou-lhe a que viera.

— Os nomes, a história, para que? — perguntou a velha.

Helena insistiu. Que ela era a única pessoa ainda viva, a última que podia identificar os mortos e reconstituir a história da família.

A velha ergueu a cabeça a fixou-a com firmeza:

— Identificar os mortos? Em breve eu o farei. Só os mortos podem identificar os mortos. Sua história? Que temos nós, que têm êles mesmos a ver com sua história?

Depois, diante da reiterada súplica de Helena, com o olhar malicioso, uma alegria cruel, um sorriso diabólico no lábio fino: — Sim. Sou eu a única, a última pessoa no mundo que pode dizer o que pedes. Pois não direi. Hei de morrer sem dizê-lo. E nunca mais tu, ninguém no mundo, saberá o que só eu sei.

Suspeitou que a velha estivesse caduca, enlouquecida pela idade. E carinhosamente, colocando-lhe de nôvo o álbum sôbre os joelhos, pediu:

— Está bem. Não me diga nem um nome, nem uma história. Abra de novo e mostre-me apenas qual era aquêle retrato em que se deteve tanto tempo, o último que contemplou.

Úrsula estendeu a mão para o álbum:

— Queres saber? Pois saberás. Vais acabar sabendo mais do que eu.

Nesse instante, sua mão segurou o álbum.

Helena nunca soube se foi para abrí-lo ou para devolvê-lo. Porque um tremor sacudiu por uns segundos seu velho corpo e ela morreu de repente. Morreu, como morrem os velhos de repente. Os velhos e os pássaros.

Helena, que tinha os olhos postos no livro, guardou para sempre o último estremecimento daquela mão moribunda, abatendo-se como uma andorinha sôbre a capa dourada.

E muitos anos depois, sempre que manuseava o velho álbum, tinha a impressão de encontrar ali a murcha mão da velha. A tal ponto que acabou mandando gravar sôbre a capa do livro uma inscrição:

"AQUI JAZ A MÃO
DE
DONA ÚRSULA"

Claro que, para Aliomar, essa é mais uma das fantasias de Helena ou de algum de seus imaginosos cronistas, pois ninguém de bom senso guarda a mão de um defunto num álbum de retratos. Mas também em mãos de defunto aquêle pobre diabo é miseràvelmente incompetente.

O certo é que, tempos mais tarde, Helena veio a dar-se conta de que era muito mais possuída por aquelas figuras — e mais possuidora delas — do que a velha Úrsula. Tinha, inclusive, o sentimento de saber mais da velha, do que ela própria chegara a saber. E mesmo a respeito de seu retrato pre-

dileto. Porque êle, como todos os outros, atravessava os fatos e as obras, atravessava a história, com o sôpro poderoso, o sôpro inumerável e multicor da lenda.

Depois, fizera bem a velha em não contar as coisas, não contar nunca. Com isto, o vigor delas se conservara intato. Se tivesse passado a referí-las todos os dias, elas acabariam transformadas em frases. E as frases teriam engolido a lembrança, a fôrça viva da memória.

Pois sempre que contamos diàriamente uma coisa, ela se desgasta, sua lembrança se gasta e desgasta, irremediàvelmente, no esmêro e no esmeril da palavra.

E no fim não resta mais senão "words, words, words", matéria prima da história, para além da qual já se situavam Estêvão e Helena.

Pois estavam como o poeta de Ximena, "ailleurs". Inseridos num caminho mais profundo e mais escondido. Na lenda.

Que por ela, e só por ela, chegam no ar e restam no ar, as expressões, as gestas, as línguas, as "sagesses" em que se incorpora a aparição do desaparecido. O que resta de Estêvão e Helena.

E da cidade que, tudo indica, estavam destruindo, naquele tempo.

IX

O Assobio

Aqui é que salta Aliomar triunfante, para exclamar que, afinal, o próprio autor dêste protocolo lhe renega qualquer autenticidade histórica, confessando que tudo não passa de uma lenda. Que, assim, Estêvão e Helena, a cidade e sua destruição resultam mera lenda e, pois, não existiram naquele tempo.

Mas o que aquêle imbecil não se lembra de negar é a existência daquele tempo, que existiu, acima de qualquer dúvida ou contestação. Existiu e existe ainda. Pois, incompetente até para a retórica do sofisma, Aliomar não consegue provar a inexistência do tempo presente, que, êste sim, não tem existência própria, mero fruto ou projeção do tempo que o gerou, o tempo de Estêvão e de Helena, quando estavam destruindo a cidade.

Depois, convém repelir, com tôda a energia, a suposição de que aqui se haja escrito uma lenda, mas sim o memorial, a própria história da lenda.

E jamais se afirmou que Estêvão, Helena ou a cidade fossem uma lenda. Pelo contrário: o que se sabe dêles é que estavam, como estão, inseridos na lenda, que se formou e se partiu de suas mãos como um pombo das mãos de um mágico.

Se Aliomar não fosse um impotente, até mesmo em sua própria lógica, ter-se-ia levantado aquela noite de sua cadeira, quando o prestidigitador começou a tirar os pombos do bolso e da cartola, e se retirado da platéia, para proclamar, em nome de seu melhor raciocínio, que o prestidigitador não existia.

A própria lenda, de resto, é o mais límpido e cabal dos documentos que testemunharam a existência de Estêvão, pois quem a teria criado, senão êle, Helena, a cidade em destruição? É dêle que brota a lenda. Como êste tempo brota daquele tempo.

Admitir a lenda e negar Estêvão, seria o mesmo que acreditar na existência do relógio e negar a do relojoeiro. Mais do que isto: pois uma lenda é muito mais difícil de fabricar que um relógio. A Suiça, por exemplo, está cheia de Pateks, Philippes, Vacherons e outros hábeis fabricantes de relógios, como Kocher e seus irmãos, que os fazem em série, e muito bons. Mas até hoje aquêle adiantado país não nos forneceu um único Homero.

O próprio Aliomar bem pode um dia acabar fazendo relógios, embora não devamos depositar em seus ponteiros senão uma escassa e suspeitosa confiança. Mas, mesmo que consiga produzir reló-

gios razoáveis, jamais será capaz de produzir uma lenda, uma única. Isto é coisa para Apolo, Orfeu ou Linos, para Aquiles ou Odisseu, para Heitor, o domador de cavalos, o matador de homens, o de elmo tremulante, cuja cidade também estavam destruindo naquele tempo, e ainda hoje não conseguiram arrazar de todo. Pois dela permanecem de pé alguns fragmentos teimosos, como os que foram encontrados pela pertinácia de um alemão obstinado. E mais do que êsses fragmentos, alguns monumentos intatos, constantes do mapa em que se guiou aquêle alemão, traçado por Homero, um velho cego, ele mesmo de existência assás duvidosa e controversa.

Seja embora a Ilíada a mera lenda, ninguém se atreverá a contestar a rigorosa exatidão histórica do catálogo das náus, ou a beleza real das gravuras insculpidas pelo perneta Hefaistos no escudo que, por encomenda de Tétis, forjara para Aquiles. E muito menos a justeza da cólera de Aquiles, espoliado de sua concubina, a dor de Menelau, muito comum nos dias que correm, e as trágicas aventuras de amor de sua mulher, assídua a tanta alcova e com quem — vá lá — até eu tenho mantido furtivos e deliciosos encontros, graças, às vêzes, à ajuda alcoviteira de Fernando, Elvira, Arabela e outras eficientes Celestinas, inclusive Blener, Francisca, Sérgio ou Marina.

E se estou ousando essas confidências, é porque em nada podem elas afetar a reputação daquela honrada adúltera, sobretudo depois da defesa que lhe fêz Platão, sustentando, fundado nas informações e nos indícios trazidos por Górgias, que ela

permaneceu imaculadamente casta, no mais nobre sentido da palavra. Pois não foi infiel ao seu destino — o destino do amor. E aqui me lembro de Aída, de Inês, de Lillian, aquela tarde.

Nada disso, porém, vem aqui a propósito de Aliomar, que não merece resposta alguma. A única que lhe competia, talvez Estêvão ainda lhe venha a dar, onde e quando o encontre, numa de suas súbitas e inesperadas aparições, aplicando-lhe um par de bengaladas, embora com isso profane a velha bengala de castão de ouro recolhida do álbum de retratos a um dos cavalheirescos avós de Helena. Ou cortando-lhe a depravada orelha com o ágil cutelo toledano de Godofredo, para mandá-la depois a Helena, como pitoresco regalo de um botim de ocasião, dentro de um dêsses escrínios da Renascença, em prata veneziana.

Pois todos esses objetos restavam na gruta, guardados, ou antes, abandonados alí pelos convivas da festa, adornados com êles na noite da mascarada.

Era rodando essa bengala na mão e ostentando êsse cutelo à cintura, que o Arlequim de Raul saltitara pelo jardim com sua redingote encarnada.

Estêvão estava agora usando êsses dois objetos, a bengala e o cutelo, pendida aquela do braço, êste do cinturão, símbolo talvez de sua tersa e indomável fôrça viril, no meio de tôda aquela vária roupa em que se enfiara, a esclavina roxa de Sandra ou Sônia, a écharpe de Lúcia Isabella, as calças de Marilena, a malha de Raul e o sobretudo do pai.

Ela, muito agasalhada em sua pele de vicunha, aconchegava-se ao seu peito. Ficavam assim longas horas, como se um ao outro protegesse o desejado desejoso corpo contra os perigos da destruição que continuava lá fora, pedra à pedra derrocando a cidade.

E ainda aqui, voltamos a uma afirmação que está longe de ser tranquila, pois, segundo investigações que se presumem rigorosamente honestas, a cidade não foi derrocada, rejeitando muitos dos arqueólogos essa hipótese, com argumentos até de ordem etimológica, segundo os quais não pode haver sido derrocada, por não ser de rocha nenhuma de suas construções. Essa opinião, que pode ser muito honesta, mas carece de fundamentos científicos, sustenta que a cidade não foi pròpriamente destruida, mas ruiu, pura e simplesmente — dada a fragilidade de suas estruturas, que seriam tôdas de barro cru, e uma ou outra de tijolo mal cozido. Pois na região não haveria pedras e a formação geológica do terreno acusa apenas depósitos de pobre composição arenosa, de uma areia salitrosa e salgada, inadequada para a olaria de tijolos cozidos.

Desta forma, a cidade teria desmoronado pela própria ação do tempo ou à fôrça de um temporal mais inclemente. Alguns cronistas italianos falam de um "crollo" ocorrido durante uma chuva de verão.

Mesmo essa teoria do desmoronamento puro e simples encontra, porém, divididos os seus partidários. Pois o escritor romano Vitrúvio, num dos dez livros de seu Tratado de Arquitetura, escrito no século VIII da fundação de Roma, sustenta que

êsse desabamento não decorreu da precariedade do material empregado, que era de excelente qualidade, mas teve por causa a incompetência dos arquitetos.

Essas teorias, porém, esbarram, desde logo, em falhas evidentes. De um lado, não conseguem os arqueólogos apresentar nenhum indício de que a cidade estivesse situada naquela zona de areia salitrosa, a não ser um vago mapa referido no século XVI. Não se trata daquele que El Rey mandara consultar à mão do cartógrafo e navegador Johan Bizagudo, mas de um outro, aludido pelo averroista Agustin Nifo, que nem sequer o chegou a ver, pois se trataria de um papiro ou portulano, destruído muitos anos atrás, no famoso incêndio da Biblioteca de Alexandria.

De outro lado, ninguém pode identificar a cidade a que se referia Vitrúvio, em cujo livro se fala apenas vagamente de um mar oceano angrado em branca areia, tendo na ladeza do oceano uma ilha e na ladeza da praia uma cidade. Nem se sabe, mesmo, se êsse engenhoso escritor viveu antes ou depois da cidade que estavam destruindo naquele tempo.

É verdade que alguns eruditos vão ainda mais longe em sua temeridade, aferrando-se ao averroista Agustin Nifo e às floreadas divagações de seu tratado de Estética, em que descreve e apresenta o formoso corpo de Joana de Aragão como o cânon da beleza. E partem daí, para sustentar, inclusive — e muito afoitamente — que Joana de Aragão era Helena e o corpo de Helena era o corpo de Joana de Aragão.

Quanto a mim, ao testemunho de Agustin Nifo, incerto doutor da Renascença, que se diz ter vivido

entre os séculos XV e XVI, e que talvez nem haja existido, prefiro o de Augustin Lopes, poeta e famoso andarilho na adolescência. Embora hoje maduro, casto e recatado parter-familias, foi, como disse, nos dias da juventude, homem de vida aventurosa e andeja, tanto por terras como por corpos de mulheres estrangeiras. Tomei, assim, o cuidado de consultar seus conhecimentos de especialista sobre tão delicada matéria que, envolvendo a existência de Helena, envolve também, e por isto mesmo, Estêvão e a cidade.

Foi peremptório. Conhecia profundamente o assunto e pôde documentar, até com velhas cartas de amor, traçadas por refinada caligrafia feminina, que Joana de Aragão nada tinha a ver com Helena, nem sequer era Joana nem de Aragão. Tratava-se de Juanita Miranda, uma doce mestiça de rosto moreno e redondo, do país da Bahia, de faiscantes olhos negros, cujo corpo rondara, em outros tempos, com a melhor pureza de sua ternura fálica de adolescente. E que, embora bem feita, formosa e apetecível, seria um exagêro transformar-lhe o corpo em cânon de beleza. Mais em conta seria tomá-la por cânon da ingênua doçura das meninas em flor.

E acima de tudo, estão os testemunhos de Estêvão e Helena.

Conheciam a cidade. Sabiam que suas sólidas casas eram feitas de pedra e erguidas consoante risco e plano de sábios arquitetos, sobre cujos croquis ainda hoje se debruçam, estudando forma e linha, Alberto Cruz e Leopoldo, Pepe Vial e Júlio, Arturo Baeza e Fábio, buscando a sábia rosácea que regia as álgebras do dividido espaço.

Aliomar tem desafiado a que lhe exibam êsses croquis, insistindo em que naquele tempo não havia papel vegetal nem heliogravuras e, pois, não se podiam fazer croquis. Esse charlatão, claro, também em arquitetura é incompetente. Jamais se lhe poderia explicar que os arquitetos da cidade traçaram seus projetos na mesma dócil página de areia em que Tales e Euclides desenharam os teoremas perenes. E que o mesmo mar que os apaga, volta, às vêzes, em noites de lua ou em manhãs de sol, a restituí-los à praia, adornados de conchas e corais. E é alí que os vão mensurar e decifrar os estudiosos, acompanhando as linhas inolvidáveis com a pequena vara que Alberto Cruz aponta, enquanto ageita os óculos.

Tudo indica, pois, que a cidade, que estavam implacàvelmente destruindo naquele tempo, era sólida, bem feita e assentada em nobres corpos de pedra, trabalhadas, de resto, na melhor arte de cantaria, hoje ainda lembrada por mestres de Espanha e Portugal, que lavram o fino do ofício.

Miguel Eyquem, remoto parente do Senhor de Montaigne, de quem herdou nome e gôsto e que é homem entendido na matemática das harmonias geométricas, está, mesmo, tratando de graves investigações cartográficas que podem concluir, em breve, por situar o sítio exato da cidade no espaço e no tempo.

E Cláudio Girola, que professa a sabedoria de apalpar e talhar a pedra e de dobrar e cortar o metal, empenha-se em repetir certos meneios de bronzes e fachadas que se encontravam na cidade.

Eu mesmo, que não tenho outro ofício e profissão, posso, às vêzes, sugerir, num geito do qua-

dril exato de Lúcia Isabella caminhando ou da pequena parábola de seu seio bulindo, a serena curva daquele arco à portada da casa de Godofredo segundo o seio de Laura.

Não bastasse o que haviam guardado da cidade, como a memória da casa de Godofredo e o palácio da festa, restam ainda as últimas verificações de Estêvão e Helena, quando saíram ao Bar dos Escocezes e ao álbum de retratos. Pois foram saídas reais, onde puderam conferir alguns de seus conhecimentos fundamentais da cidade e de suas coisas.

— Que nos faltaria conhecer da cidade? — perguntou Helena.

— E que importa?

— É que talvez se faça um dia o dossier da destruição. E o que permaneceu conosco, permanecerá.

— Nunca terminarão de destruí-la — pensou Estêvão — e continuou: — Nunca. Não te lembras dos amantes? Eram os únicos que haviam restado no mundo, quando baixaram as águas do dilúvio que afogou as terras naquele tempo. Pois saíram pelo caminho, último e primeiro, e as pedras que lançavam à margem adelgaçavam-se e cresciam e eram homens, a doce e amarga raça dos homens, rapazes e raparigas, o sangue e o mel, coroados de pâmpano, introduzindo o riso e o canto, a dança e a flauta, quem sabe a lágrima, nos olhos de Pirra e Deucalião.

Homem, animal e coisa acordam e olham quando chamados por seu nome verdadeiro. A dança — digo — e estremecem teus quadris e o tornozelo busca altura e brisa.

O guerreiro diz combate e o combate se faz. Sylviane dizia amor e era o amor no leito de seu bordel e a palavra arrastava Isolda e Adriana.

Jamais se afundarão as náus, catalogadas com seus guerreiros, talvez não existam os deuses que decidiram sua sorte na balança, mas entrei muitas vêzes no palácio rodeado de brunidos pórticos, com cinquenta pavilhões de pedra polida e onde o incêndio não devorou os pátios em que passeava a sagrada amante nem a tôrre onde a mulher e a criança se despediam do matador de homens que partia para a batalha.

De tua bôca incorporou-se Gabriel e, em seu cavalo verde, sacudindo a cauda e as crinas de ouro, a destruição não o colheu em seu galope, ao luar de agôsto.

Interrompeu-se, os olhos cerrados. E começou a assobiar uma longínqua melodia.

— Aquela música — exclamou Helena — a toada do velho realejo quando a rua começava a florescer e rescender nos jasmineiros da esquina, aquela mesma.

E já não era apenas um vago assobio. A gruta inteira ressoava à ingênua melodia da pianola de corda, abria-se à música e ao pigarro do vendedor de melodias a janela do apartamento e entrava o perfume dos jasmineiros e o aceno dos rapazes à sacada da casa de Zaida Paz Cal, onde também rescendiam perfumes no primeiro andar.

— Consuelo! Consuelo! — cochichou Helena e conheceu nos olhos embevecidos à toada do assobio os grandes olhos castanhos da espanhola, atravessando nua o corredor, para o banheiro do primeiro andar. E na casa de Zaida, em sua madura beleza imarcessível, a andaluza distingue ainda hoje o ranger diferente dos degraus da escada aos meus pés descalços ou aos sapatos de seu marido.

Continuava assobiando. E agora os sinos do outeiro da igreja tocavam alegres o convite à novena, voltava o velho Almirante de seu navio, o passo militar transposto à valsa, jogando graciosamente o bilboquê — era um hábito antigo que êle tinha — beijava os joelhos rosados da mulher ainda jovem e formosa — vida de minha vida, Glória querida — e a ternura se estendia ao rosto do filho adolescente que, de olhos cintilantes, adivinhava já as grandes piscinas azuis dos olhos de Manola, onde afinal, pereceria afogado.

— Paulo, Paulo — murmurava Helena. E enquanto rolavam lá fora as paredes destruidas, Paulo, amigo e inesquecível, levantava a cabeça, ileso, de um mergulho nos olhos de Manola.

Estêvão conhecia cada muro e cada pedra da cidade. E continuava seu vago, melodioso assobio. E ao estrondo de cada baque da destruição, pois estavam destruindo a cidade, naquele tempo, sabia as pedras que tinham caído e as que tinham ficado de pé.

À beira da calçada da rua incólume, Helena acompanhava, cantarolando, o suave assobio:

— Neste bosque, neste bosque, mora um anjo...

E de mãos dadas cantavam em roda, Carmen, Nenen, Suzana, Sinhá e as outras meninas do bairro.

E às vezes a olhava e fazia uma pausa e um estrondo lá fora destruía para sempre algum pedaço da cidade.

Às vêzes era quase onomatopáico o seu assobio e às vezes canto-chão, quando na sombra da gruta desfilavam, silenciosamente, Antônio, Américo, João Augusto, Luís e os outros, Cateano, Paulino e Odilon, folheando plàcidamente o Breviário no patamar de pedra e nas arcadas claustrais.

Depois, vinham Carlos José e os outros, na calada da noite, a pistola no bolso, rebelados às primeiras suspeitas de destruição da cidade, embora mais tarde ficassem sem saber exatamente se estariam mobilizados pelos empreiteiros da demolição ou pela gente contrária.

Pois parece que sempre houve gente contrária à demolição, naquele tempo.

A certo rumor de escombros desabando, seu assobio era agora uma balada cruel, não restava mais uma casa do bêco, mas suspensa no ar, tal qual a saudosa figura de Pedro ou uma pintura de Chagall, a janela flutuava emoldurando um rosto de mulher. Antídio o fitava, deslumbrado, e mandava comprar para oferecer-lhe, generosamente, tôdas as flores da cidade.

Continuava assobiando.

Como chegara a conhecer tão intensamente a cidade, para identificar, no fundo da gruta e na flor de seus doze anos, pelo rumor da queda, a pedra que tombava, pelo golpe da picareta — a peça que resistia?

Helena o fitou espantada. Entranhou-se e estranhou-se nos seus olhos e suspeitou que havia em sua pele zonas ainda intatas, que não conseguira apalpar. Que êle era inumerável em sua unidade e ainda não o conhecia.

Quem seria êle? Que seria êle?

Leu nos seus olhos a mesma pergunta estudiosa.

Era preciso que se conhecessem como conheciam as pedras da cidade. E enquanto êle continuava assobiando, agora uma balada antiga, talvez um dêsses leves paradoxos musicais, que lembrariam um cravo, uma espineta de Scarlatti ou uma gravura persa, enigmática e clara a um tempo, exclamou, como se estivesse respondendo a uma pergunta:

— Sou eu, Helena.

Lembrara-se, ao que parece, da resposta de Zacarias, mas sentiu que no seu caso não era bastante. Ela mesma encontrava dentro de si regiões crepusculares e sítios fechados que ainda não conseguira pisar.

Continuava assobiando, adágio, andante e, de repente, allegro furioso produziu-se no meio da gruta, para cobrir-se da verde luz da clarabóia de avencas onde, antes, grande, macho e forte, lavava a fronte à luz odorífera da arruda e da hortelã, do acônito e da mangerona.

Com tôdas aquelas roupas que a levaram a compará-lo a um ator de teatro sob a luz de um teatro, no dia das terríveis vozes milenares que fêz reboarem pela gruta, olhou para ela.

Não falava mais. Já não precisava de palavras.

Súbitamente iluminada, ela clamou:

— Iommi! Iommi!

Silenciosamente — já nem da cantiga soprada nos lábios precisava — percebeu: sábio e sabedor da cidade, dos lugares, das coisas e das pessoas, porque a tudo e a todos arrancara a máscara e o véu. Desvelara e revelara.

De si próprios, porém, não haviam ainda despojado todos os véus. Como era possível estivesse ali, mascarado o próprio corpo com uma pele de vicunha que não lhe pertencia e parecia guardar o cheiro e a forma dos ombros de Jacqueline?

E êle, como poderia mostrar-lhe a própria figura, embaraçado e disfarçado no capote do pai, na malha de Raul, na écharpe de Lúcia Isabella e até na esclavina roxa de Sônia ou Sandra?

— Iommi! Iommi!

Arrancou-lhe das espáduas a pele de vicunha e saltaram vivos os dois pequenos seios. E ela, nua, gloriosamente nua, demonstrava à luz matizada pela cor das hervas, uma pele que lembrava a pétala do lírio beijada pelo sol do crepúsculo.

Começou a lançar de si também as peças que trazia, até ficar completamente nu.

Nada mais os separava, não tinham mêdo de nada, não tinham pudor, não tinham o que se ocultarem.

Enlaçou-lhe a cintura, dirigiram-se para a saída da gruta e foram caminhando.

Pararam, testemunhando o espaço. A paisagem, as coisas, as pessoas — se pessoas ainda houvesse na cidade — não os poderiam mais ludibriar.

Porque neles também já não havia ludíbrio algum.

Saíram, andando de mãos dadas. Atravessaram a cidade, os monumentos estavam sendo furiosamente derrubados ao redor e acima de suas cabeças, mas, como as chamas na fornalha dos três rapazes hebreus, afastavam-se dêles milagrosamente os destroços e nem a poeira lhes atingia a limpa, imaculada pele.

Adiante, era a terra graciosa e boa, que se estendia virente e chã, alcantilada nas lonjuras. E nela tudo dava, pois era uma terra abastada de tôdas as coisas que possa o homem desejar, com todos os extremos de abundância. E longe, longe, se fechava como um horto: de um lado, as montanhas azuis, debruçadas no mar. Do outro, as claras águas verdes. Dentro delas, cinco rios correntes regavam e regiam os bosques interiores, separados por colinas. Ao longo dos vales e das chãs, abundavam os frutos à bondade da terra e ao humor dos riachos. Pois, por tôda parte sorriam arroios e fontes e não minguavam lagos onde a vista e as plantas os pediam.

E era tôda a sesmaria abundada de messes, deleitosa de frutas, regalada de peixes, saborosa de leite e de tôdas as coisas que dêle se fazem; cheia de caça, coberta de gado, galharda de cavalos, proveitosa de mulas, segura de bastiões serranos, alegre por bons vinhos, folgada de pão, pingue do azeite de suas oliveiras; rica de metais, de chumbo, de estanho, de mercúrio, de ferro, de cobre, de prata, de ouro, de pedras preciosas de tôda a côr, de mármore, de sal marinho e de salinas da

terra de salgema e outros minérios incontáveis; lápis-lazúli, ágata, cristal, gesso e todos de quantos se fala nos livros e nas terras; briosa de sedas e de quanto delas se faz, doce de mel e de açúcar, fornecida de cera, louçã de flôres, olorosa de hervas, venturosa de açafrão e mangerona.

Olharam longamente. Sôbre ela — seria, teria sido? — a cidade engenhosa, atrevida nos homens, refinada no estudo, soberba nos pórticos, palaciana na palavra, brava no gesto, extrema na lealdade, melodiosa na música, ritmada na dança, exata na poesia, deliciosa no amor, imortal na vida.

Atrás dêles, continuava o estrondo das demolições. Porque, segundo tudo indica, estavam destruindo a cidade naquele tempo.

Voltou a assobiar e andar. Era uma dessas inocentes melodias que aprendera a soprar numa flauta de bambu cortada, certa vez, por Godofredo, à beira de um arroio. Um dêsses sopros leves e puros, que nunca se sabe se saem do tosco instrumento de cana, se dos lábios da criança.

E era uma criança, pois andava, naquele tempo, pelos doze anos.

Olhou para as mãos de Helena e ela apenas disse:

— Eu trouxe.

E erguendo o polegar e o indicador, naquela postura em que a compuzera o fino pincel de Suané:

— A rosa.

E à doçura do assobio quase imperceptível que parecia pedir seu nome, respondeu para sempre:

— A rosa.

X

Epífona

Muitos cronistas atribuem à história de Estêvão e da cidade inúmeras outras variações, além daquelas que vão aqui referidas. E, sobretudo, rejeitam a presente versão, sustentando ter sido outro, muito outro, o fim da história. Mas é uma impropriedade e uma insolência que aqui repilo, pois, quanto a mim, nunca pretendi haver chegado ao fim da história. De resto, não estou aqui para fazer história — nem Estêvão nem eu — mas apenas com o dever e o empenho de apresentar o dossiê da destruição. E poder, afinal, dizer, como aquêle vago doutor Emanuel: — "missão cumprida."

Aliomar, de certo, não está pelos autos. Leva ao cúmulo suas objurgatórias, recorrendo a tôdas as alicantinas de que é capaz, para destruir tudo que aqui foi dito. Com essa mania de demolição,

já começo a suspeitá-lo como um dos mais torpes cabecilhas da tentativa de destruição da cidade, naquele tempo.

Para provar que, como Estêvão, nada do que o cercava existira realmente, alega que o palácio em que se realizou sua festa é apenas uma pífia reprodução do palácio de Alkinoos que também nunca existiu e que não passa da fantasia de um poeta também inexistente, pois, sendo cego, segundo se diz, como poderia ver o palácio que descreveu?

Adianta ainda que o suposto arquiteto que se tenta identificar em Godofredo, era apenas um grego, Eupalinos de nome, e que, aliás, nem era grego nem existia, não passando da ficção de um imaginoso poeta francês.

Explica mais que aquelas imprecações desconexas, proferidas por Estêvão e Helena sob a abóbada da gruta, são fragmentos de um poema atribuídos a um poeta louco que, exatamente por ser louco, não pode ter escrito coisa alguma que se aproveite, não passando de fábula alguns livros que lhe são imputados, sendo talvez da lavra de outro autor qualquer. Isto — argumenta êle — apezar de todos os poetas serem meio loucos. Mas não tanto assim — pondera em todo caso — pois "est modus in rebus", e o mais sensato mesmo é concluir que êsse Frederico Hoelderlin nunca existiu.

Finalmente, que a descrição da formosa terra por onde caminharam Estêvão e Helena ao saír da gruta, não chega a ser exatamente a transcrição da carta do escrivão da armada, Pero Vaz de Caminha,

porque o autor talvez não a tivesse à mão, mas é quase apenas uma cópia daquele "Loor de España", escrito por Afonso X, chamado Alfonso El Sábio — que também não era tão sábio assim.

Talvez aqui Aliomar tenha razão. Esta, aliás, é sua desgraça, de nunca ter senão uma parte da razão, o que é pior do que não ter razão nenhuma, pois, com isso, parte sempre do certo para o errado, do reto para o torto.

De resto, talvez nem êsse Alfonso El Sábio tenha existido, havendo sérias dúvidas, professadas pelo erudito Herzberg e outros, sôbre a paternidade dessa Crónica General de España, que se costuma editar sob o nome de um remoto rei afeito ao cetro e à pluma. Pois há quem diga que aquelas belezas e abundâncias da Península, já descritas por Plínio, Estrabão e Sílio Itálico, foram, na verdade, redigidas por Santo Isidoro, quem sabe por Santo Ildefonso, por um certo Rodrigo de Rada, ou Rodrigo Toledano, versificadas no poema de Fernán González e no romance da traição do Conde Don Julian. Ou talvez pelo próprio Lucas de Tuy, que as inclui no prólogo de seu "Chronicon Mundi", senão até pelo duvidoso autor do "Panegyricus Pacati Theodosio dictus".

Finalmente, levanta Aliomar sua tese culminante, ao afirmar que, não existindo nada e ninguém do que aqui se referiu, também não existe o autor dêste memorial, cuja única identificação é a jactância de ter convivido com pessoas provadamente inexistentes.

Confesso que esta última tese de Aliomar é a primeira que não desperta minha revolta. Resulto, mesmo, vagamente perplexo e esperançoso, con-

solado apenas pela pequena fotografia que Lúcia Isabella, a de olhos gateados, cabelos de ouro e lábios memoráveis, me acaba de enviar pelo correio. E pelo vulto de Helena que distingo caminhando ao longe, ondulante e nua, ao assobio cada vez mais tênue de Estêvão, que andava pelos doze anos, quando começaram a destruir a cidade, naquele tempo.

COLOFON

Gávea, Copacabana, Maceió, São Miguel dos Campos, Aracaju, Paris, Bruxelas, Frankfurt, Stockholm, Copenhague, Hamburgo, Bonn, Munich, Itabaiana, em Sergipe, Passo de Camaragibe, em Alagoas, Brasília, Aruanã, Barrancas do Araguaia, Itanhaem, em São Paulo, Cuiabá e Ponta Porã, em Mato-Grosso, Pedro Juan Caballero, Concepción e Assunción, no Paraguai, Valparaiso, Viña del Mar, Santiago, Coquimbo e La Serena, no Chile — são terras por onde o autor escreveu algum trecho dêste livro, em seus êxodos e diásporas de mil e novecentos e sessenta e um até o dia trinta e um de outubro de mil e novecentos e sessenta e quatro.

ESTE LIVRO, EDIÇÃO N.º 119, FOI COMPOSTO E IMPRESSO NAS OFICINAS DA EMPRÊSA GRÁFICA DA "REVISTA DOS TRIBUNAIS" S.A., NA RUA CONDE DE SARZEDAS, 38, SÃO PAULO,
PARA

EM 1966.

☆